



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E FORMAÇÃO DO LEITOR

ISAURA DE FRANÇA BRANDÃO

**PROTAGONISMO FEMININO NA LITERATURA INFANTIL: IMPLICAÇÕES
PEDAGÓGICAS**

NATAL/RN

2019

ISAURA DE FRANÇA BRANDÃO

PROTAGONISMO FEMININO NA LITERATURA INFANTIL: IMPLICAÇÕES
PEDAGÓGICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito para obtenção do Grau de Mestrem Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Alessandra Cardozo de Freitas.

NATAL/RN

2019

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial Moacyr de Góes - CE

Brandão, Isaura de França.

Protagonismo feminino na literatura infantil: implicações pedagógicas / Isaura de França Brandão. - 2019.
136 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Natal, RN, 2019.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Cardozo de Freitas.

1. Literatura - Dissertação. 2. Gênero - Dissertação. 3. Educação - Dissertação. I. Freitas, Alessandra Cardozo de. II. Título.

RN/UF/Biblioteca Setorial Moacyr de Góes

CDU 82:37

ISAURA DE FRANÇA BRANDÃO

PROTAGONISMO FEMININO NA LITERATURA INFANTIL:
IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para obtenção do Grau de Mestre em Educação.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Alessandra Cardozo de Freitas
Orientadora

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN

Prof^ª. Dr^ª. Vândiner Ribeiro
Membro interno

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN

Prof^ª. Dr^ª. Lilian de Oliveira Rodrigues
Membro externo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN

Prof. Dra. Maria Inês Sucupira Stamatto
Suplente interno

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN

Prof^ª. Dr^ª. Cássia de Fátima Matos dos Santos
Suplente externo

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO NORTE - IFRN

Às mulheres

AGRADECIMENTOS

GRATIDÃO é a palavra que melhor me define ao término desta pesquisa. GRATIDÃO pelas vezes que eu pude aprender, nesta caminhada, as lições que nenhuma escola ensina, pelas vezes que tive de calar, ouvir, refletir, enganar-me, (des)enganar, chorar, desistir...e (re) começar.

Por todas as pessoas que passaram por mim deixando suas marcas, suas palavras, seus olhares...talvez nem elas mesmas saibam o quanto me ensinaram, mesmo que tenha sido pela dor, pela secura das palavras, pela falta de compreensão...GRATIDÃO!

GRATIDÃO pelas vezes que fui guiada, seguindo sinais, mesmo das formas mais brutais, pelas lições que me fizeram voar ainda mais alto, que me fizeram a mulher que hoje sou, nem melhor, nem pior, apenas uma mulher como tantas outras em busca do seu lugar, de ser compreendida inclusive quando se sente frágil e quer calar e acima de tudo respeitada pelas escolhas, erros e caminhos trilhados.

A minha estrelinha azul, Didé Rodrigues, GRATIDÃO pelo apoio incondicional, pelas longas e escuras noites que pensei em desistir, mas sua luz me trouxe ânimo. Por tudo que representa em minha vida, por me mostrar que para ser feliz precisamos de pouco...GRATIDÃO por me fazer (re)acreditar na minha capacidade, pelos recomeços, e acima de tudo por me fazer muito mais completa e feliz.

Aos meus filhos, pelo amor incondicional, GRATIDÃO. Vocês são minha essência, meus melhores amigos, meus cúmplices, também por vocês estou aqui.

GRATIDÃO a minha família, aos meus pais, especialmente minha. Mulher que tanto foi lembrada em momentos nos quais precisei entender o lugar social das mulheres e os motivos de certas escolhas e atitudes, motivos esses que fazem as mulheres permanecerem presas a costumes e práticas sociais que nem elas mesmas percebem. Mas que tem a capacidade e fortaleza de não desistir, mesmo que a muito custo, GRATIDÃO, minha.

Ao meu irmão, que mesmo na “rudeza de homem” permanece ao meu lado. A minha cunhada Magna que tem tentado olhar para as nossas escolhas com mais leveza e naturalidade, GRATIDÃO. Aos meus sobrinhos Igor, Lais e Neto por serem quem são e por permanecerem!

GRATIDÃO a Elaine Santana quando, numa conversa, me falou que seria mais fácil escrever um memorial com minha trajetória durante estes dois anos e meio que escrever esta dissertação. E ela estava certíssima!!

Pelas lições, palavras duras, apoio, amizade e abraços, GRATIDÃO a Maristela Mosca, Marianne Moura e Milene Figueiredo.

As minhas queridas amigas que, mesmo eu me distanciando, entenderam minhas escolhas e meu tempo de recolhimento, GRATIDÃO, a mais linda ruiva Maria José, Neyse Cardoso, Patricia Regina, Neidinha Cruz, Barbara Coutinho.

GRATIDÃO pelos chás, lanches, cafezinho, conversas, remédio para todas as dores, inclusive d`alma, e palavras de incentivo a Eiza e Cris, mulheres fortaleza.

A minha linda Frida Kahlo, Maria Braga e seu Benjamim, que mesmo muito distante permanece com sua alegria de viver no meu dia a dia, GRATIDÃO.

Às crianças, GRATIDÃO por trazerem sol aos meus dias nublados.

O sonho

*Sonhe com aquilo que você
quer ser, porque você possui
apenas uma vida e nela só se
tem uma chance
de fazer aquilo que quer.*

*Tenha felicidade bastante para fazê-
la doce. Dificuldades para fazê-la
forte. Tristeza para fazê-la humana.
E esperança suficiente para fazê-la
feliz.*

*As pessoas mais felizes não têm as melhores
coisas. Elas sabem fazer o melhor das oportunidades
que aparecem em
seus caminhos.*

*A felicidade aparece para aqueles que choram.
Para aqueles que se
machucam*

*Para aqueles que buscam
e tentam sempre.*

*E para aqueles que
reconhecem a importância das pessoas que
passaram por suas vidas.*

(Clarice Lispector)

RESUMO

Esta dissertação de mestrado analisa o protagonismo feminino na literatura infantil e suas implicações pedagógicas para a infância. Partimos dos seguintes pressupostos: (1) a reflexão sobre a igualdade de gênero favorece a constituição de uma sociedade mais justa e igualitária, e (2) a literatura, enquanto “linguagem que escreve a história da nossa condição humana com criatividade” (AMARILHA; FREITAS, 2016), pode favorecer a discussão sobre o feminino na linguagem e, por extensão, na vida com criticidade. A relevância deste trabalho consiste em apresentar a Literatura como alternativa para favorecer o entendimento de crianças e jovens sobre o tema em tela. Para o desenvolvimento do trabalho dissertativo recorreu-se aos estudos que abordam a temática do feminino e investigações que discutem sobre literatura. Destacamos os trabalhos de Zolin (2009; 2009), que considera a crítica feminista como política; Beauvoir (2016), que critica o sistema patriarcal e a desvalorização da mulher; Bourdieu (1989, 2002, 2001), que evidencia as relações sociais entre os sexos; Hollanda (1994), que propõe desconstruir estereótipos e falsas dicotomias; Louro (2003), cujas pesquisas versam sobre gênero como uma categoria de análise; Perrot (1998), que aborda o papel atuante das mulheres em diversas áreas; dentre outros que tratam da perspectiva feminista. Nos estudos sobre literatura e educação, respaldamos-nos principalmente em Amarilha (2004, 2013, 2016), cujas reflexões convergem para o estudo da literatura no contexto escolar, destacando-a como discurso transdisciplinar; Yunes (2003), que relaciona a leitura como experiência, evidenciando a literatura; Coelho (1987), Held (1980) e Zilberman (1982, 1989), que destacam a leitura de literatura na perspectiva da recepção estética. A partir desses estudos objetivamos especular na educação da infância as possíveis contribuições da literatura para a discussão sobre o protagonismo feminino. Especificamente, pretendemos: descrever como se dá a construção de personagens femininas em narrativas literárias infanto-juvenis sob o ponto de vista físico e psicológico a partir dos estereótipos construídos acerca do feminino; relacionar a construção da identidade da personagem com aspectos relativos a identidade de gênero; e refletir sobre as implicações do estudo para a mediação pedagógica no contexto escolar. Metodologicamente, esta pesquisa é de natureza qualitativa, compreendendo um estudo bibliográfico, adotando a perspectiva da análise interpretativa de contos. As análises mostraram que a partir das características da Literatura permite a construção de novos olhares e reflexões acerca do protagonismo feminino. Ainda, a discussão sobre a temática pode contribuir para a formação de crianças e jovens, no intuito de repensar as ações cotidianas marcadas pela desigualdade, preconceito e exclusão das mulheres. Essa alternativa é possível, especialmente pelo envolvimento promovido pela leitura de textos literários, de maneira a permitir que os alunos enxerguem, a partir da ficção, possibilidades de mudança, favorecendo assim o arejamento intelectual e social.

Palavras-chave: Literatura. Gênero. Feminismo. Educação. Infância.

ABSTRACT

The master's dissertation addresses the representation of the feminine in the configuration of characters in the literature intended for childhood. It is assumed that the reflection on gender equality favors the constitution of a fairer and more equal society, and that the literature, while a "language that writes the history of our human condition with creativity" (AMARILHA, FREITAS, 2016), can favor the discussion about the feminine in the language and, by extension, in life, in a critical way. The relevance of this work consists in presenting the literature as an alternative to favor the understanding of children and adolescents about the subject in discussion. The study was based on the works of Zolin (2009; 2009), who considers the feminist criticism as political; Beauvoir (2016), who criticizes the patriarchal system and the devaluation of women; Bourdieu (1989, 2002, 2001), who highlights the social relations between the sexes; Hollanda (1994), who proposes the deconstruction of stereotypes and false dichotomies; Louro (2003), whose research deals with gender as a category of analysis; Perrot (1998), who addresses the active role of women in various areas; among others dealing with the feminist perspective. In the studies on the literature, we were mainly supported by Amarilla (2004, 2013, 2016), whose reflections converge on the study of the literature in the school context, highlighting it as a transdisciplinary discourse; Yunes (2003), who relates reading as an experience, highlighting the literature; and Coelho (1987), Held (1980) and Zilberman (1982; 1989), who emphasize the reading of the literature from the aesthetic reception perspective. From these studies, we aimed to highlight the literature as a unique alternative to the discussion, in the classroom, about the representation of the feminine in language and society. Specifically, we intend to describe how the construction of the female character occurs in literary narratives from the physical, psychological and behavioral points of view, based on the stereotypes built about the feminine; explain how the identity construction may suggest data on the condition of women in the narratives analyzed; and relate the implications of the study on the pedagogical mediation in the school context. Methodologically, it is a qualitative research comprising a bibliographic and documentary review, adopting the perspective of the inferential data analysis. The analysis performed showed that the characteristics inherent to the literature allow the construction of new looks and reflections about the representation of the feminine. Thus, the discussion on the theme contributes to the formation of children and adolescents, aiming to rethink the daily actions marked by inequality, prejudice, and exclusion of women. This alternative is possible, mainly because of the involvement promoted by reading literary texts, which allows students to see, from the fiction, possibilities for change, thus favoring intellectual and social ventilation.

Keywords: Literature. Genre. Feminism. Education. Childhood.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
1.1	Justificativa.....	16
1.2	Objetivos.....	23
1.3	Delimitação do estudo.....	23
1.4	Guia de leitura da dissertação.....	26
2	FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	28
3	CAMINHOS PERCORRIDOS.....	39
3.1	Feminismo: um breve percurso.....	39
3.2	O feminismo e a emergência do gênero.....	42
3.3	Crítica feminista: contribuições para a história da literatura.....	47
3.4	Estudo sobre o protagonismo feminino na literatura.....	49
4	REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA LITERATURA: ANÁLISES DAS NARRATIVAS.....	61
4.1	A princesa desejosa.....	62
4.2	A moça tecelã.....	78
4.3	O rei sapo.....	95
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
	REFERÊNCIAS.....	120
	ANEXO A - Conto 1 - A PRINCESA DESEJOSA (CRISTINA BIAZETTO, 2012).....	130
	ANEXO B - Conto 2 - A MOÇA TECELÃ (MARINA COLASANTI, 2004).....	132
	ANEXO C - Conto 3 - O REI SAPO OU PRÍNCIPE-RÃ (GRIM, 1857).....	135

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O estudo em tela investiga como a leitura, tomada como algo ligado ao prazer e que é capaz de enriquecer e humanizar, pode se constituir como um meio para a reflexão sobre o protagonismo feminino e como a escolha e discussão em sala de aula de uma obra literária mais “combativa” podem desconstruir a ideia de desigualdade de gêneros, possibilitando desde cedo de atitudes voltadas às garantias e responsabilidades sociais entre meninas e meninos. Partindo dessas premissas, propomos a partir da análise dos contos *A moça tecelã* (COLASSANTI, 2004), *A princesa desejosa* (BLAZETTO, 2012), *O rei sapo* (GRIMM; GRIMM, 2004), traçar uma discussão acerca da representação do feminino na literatura.

A relevância dessa discussão se ancora no pressuposto que a promoção da igualdade de gêneros favorece a construção de uma sociedade mais justa e igualitária quando se propõe a levantar questionamentos que levem o leitor a refletir sobre a opressão vivenciada pelas mulheres, assim como sobre sua marginalização.

Neste sentido, a argumentação de que mulheres e homens são biologicamente distintos e, por este motivo, devem ter posições/comportamentos diferentes não é válida, tendo em vista que são constructos sociais que fazem com que mulheres e homens tenham tais posições sociais distintas. De acordo com Louro (2014, p. 28), “papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos”; logo, o argumento da diferenciação biológica serve apenas como justificativa para as diferenças.

Diante deste argumento é necessário que:

Se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai constituir, então, por meio de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental (LOURO, 2014, p. 24)

É a partir desse entendimento que se faz necessário repensar como determinadas características do feminino são representadas, construídas e valorizadas nas histórias de literatura destinadas à infância. Com esse intuito, o conceito de gênero torna-se fundamental.

Para Guacira Louro, este conceito

passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Isso porque a concepção

de gênero diferem não só entre sociedades e momentos históricos, mas também “no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais de classe) que a constituem”. (LOURO, 2014, p. 27)

Esta pesquisa salienta que a discussão sobre as construções e representações (não) valorizadas do feminino é necessária não apenas para as meninas, mas também para os meninos, tendo em vista que todos estão inseridos em contextos sociais e vivenciam situações em que questões sobre como as identidades são construídas fazem parte do cotidiano, inclusive do cotidiano escolar. Louro (1995) observa que a escola produziu e produz as pedagogias que separam as mulheres dos homens e diferenciam as formas como as meninas deveriam ser educadas, produzindo e reproduzindo essas diferenças através de variados recursos, como “organização, currículos, prédios, docentes, regulamentos, avaliações”, os quais, segundo a autora, “iriam, explícita ou implicitamente, ‘garantir’ – e também produzir – as diferenças entre os sujeitos” (LOURO, 1995, p. 57).

Nesta dissertação supõe-se que a literatura tem o potencial de, por meio da palavra, favorecer o diálogo que possa desmistificar construções machistas, por meio das quais, as crianças são ensinadas a separar meninas de meninos, sejam nas brincadeiras, nas cores das roupas, na forma de se comportar ou em outros tantos de coisas.

Louro (1995) ainda enfatiza que a escola também é responsável pela construção das diferenças, distinções e desigualdades, pois separam mulheres de homens, diferenciam formas de educar, além de produzir e reproduzir através do discurso tais diferenças. Essa autora observa que,

desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenação e hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos e protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou meninos de meninas (LOURO, 2014, p. 61)

Essas diferenças foram e são socialmente e historicamente construídas a partir de padrões normativos do que venha a ser homem e mulher e tendem a “normalizar” condutas machistas, as quais subjagam identidades da mulher. Tendo em vista que a história da mulher foi construída pelo discurso masculino, muitas vezes a identidade feminina é marcada por ausências, diferenças e indiferenças através do discurso culturalmente proferido e normatizado

que buscou e ainda buscade alguma forma a desqualificação identitária da mulher.

Ao analisar o corpus sobre o qual este estudo se debruça, é possível observar que muitas das posições sociais referentes às meninas/mulheres foram construídas pelas autoras das obras analisadas de maneira a transpor as expectativas, que por vezes, são engessadas às normas vigentes na sociedade. Desta maneira estas autoras tentam em suas obras romper com a ideia de papéis pré-estabelecidos para as meninas/mulheres. As protagonistas das obras literárias que discutiremos demonstram vontades próprias, opinam, divergem das normas preestabelecidas, exercem poder de decisão sobre suas vidas e acima de tudo fazem algumas escolhas que as colocam em posição igualitária em relação aos homens.

Na atualidade, é possível encontramos obras literárias nas quais os autores traçam um perfil menos carregado com relação às meninas/princesas, muitas delas não são mais meninas loiras de olhos e pele claros, e até podem ser assim, mas também podem ser ruivas de cabelos cacheados, morenas, negras, mestiças com atitudes e comportamentos que divergem das princesas tradicionais, mas que representam de forma mais real as meninas e seu cotidiano.

Assim, as posições desempenhadas por essas meninas/mulheres nas narrativas podem proporcionar uma quebra de estereótipos das figuras femininas e a construção de novas projeções no que se refere a posições sociais desempenhadas por elas. Se, antes, a personagem feminina se apresentava sempre boa, cordata, empenhadas a servir aos seus maridos e sem vontade própria; as narrativas mais recentes têm mostrado em seu enredo mulheres/meninas fortes, determinadas e questionadoras. As obras selecionadas para análise neste estudo são exemplos de uma nova perspectiva literária em relação ao lugar e ao papel da mulher na sociedade.

A produção literária contemporânea parece mesmo desconstruir estereótipos há muito arraigados na cultura. De acordo com Bhabha (1998, p. 105), o estereótipo é “uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre ‘no lugar’, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido”. A quebra dessa forma de ser já conhecida é, por exemplo, perceptível na identidade da Moça tecelã que, ao perceber sua insatisfação com o marido que ela mesma teceu, decidiu por acabar com o casamento e, num ato consciente, usou de sua habilidade de tecer para desfazer o marido. Atitudes como essa vão de encontro ao estereótipo de mulher submissa, inerte, que precisa ser salva, tão comum nos contos de fadas tradicionais. A relevância desta pesquisa, portanto, consiste em apresentar o trabalho com a Literatura como alternativa para favorecer o entendimento, de crianças e jovens, a respeito da discussão de gênero e do protagonismo feminino em algumas obras literárias.

Respalda metodologicamente nos princípios da abordagem qualitativa, o presente

estudo configura-se como uma pesquisa bibliográfica e documental, uma vez que nosso percurso investigativo consistirá na construção de inferências e interpretações em torno do protagonismo feminino a partir do estudo de três contos que favorecem a discussão e a reflexão.

Conforme ver-se-á de forma mais aprofundada no decorrer desta dissertação, o levantamento bibliográfico aponta para a relevância da literatura na discussão sobre a construção da identidade feminina na linguagem e na sociedade (NASCIMENTO, 2003; MONTEIRO, 2009; FREITAS, 2011; DODO, 2010; MARTINS, 2015; CARVALHO, 2009). No entanto, tais pesquisas não abordam, nem aprofundam a temática especificamente em sala de aula.

Outro aspecto relevante encontrado no levantamento bibliográfico diz respeito a literatura de autoria feminina e ao embate das mulheres para serem reconhecidas como escritoras e integrarem o cânone literário (MOREIRA; COQUEIRO; LOURENÇO, 2014; SOARES; CARVALHO, 2015). Podemos destacar nesse embate o importante papel da crítica feminista, a qual tem como objetivo romper e problematizar os paradigmas nos quais a representação feminina vem carregada de estereótipos negativos e marcados pela submissão aos valores vigentes. Tal crítica, desde seu início, se concentrou nos modos de representação das personagens femininas e continha um caráter de denúncia, pois afirmava que elas eram muitas vezes representadas como “seres passivos, sem qualquer influência no desenrolar da ação de romances, centrados na experiência masculina” (BELLIN, 2011, p. 2).

Para Zolin (2009), a crítica feminista é política, pois ao tentar a igualdade de gêneros tem em vista a interferência na ordem social, pois está voltada para o caráter discriminatório, implicando

[...] investigar o modo pelo qual tal texto está marcado pela diferença de gênero, num processo de desnudamento que visa despertar o senso crítico e promover mudanças de mentalidades, ou, por outro lado, divulgar posturas críticas por parte dos(as) escritores(as) em relação às convenções sociais que, historicamente, têm aprisionado a mulher e tolhido seus movimentos (ZOLIN, 2009, p. 218).

A discussão da normatização sobre os corpos femininos, seus pensamentos e condutas, assim como as relações de poder também fazem parte da presente pesquisa, que parte da perspectiva de Witzel (2013) e Maia e Souza (2017). Em seus artigos, essas autoras examinam como os discursos podem modelar e orientar práticas machistas e misóginas. Além delas, Foucault (2001) figura como teórico central da discussão em torno de como o poder consegue, em meio a relações e situações desiguais, manter uma hierarquização entre os indivíduos, no

caso deste estudo, entre mulheres e homens.

1.1 JUSTIFICATIVA

Reconhecendo o texto literário como sendo catalisador da atenção e tendo caráter plurissignificativo, o presente estudo buscou explorar a relação entre a Literatura e a construção de uma identidade feminina em narrativas contemporâneas. Defendemos nesta pesquisa que o texto literário, uma vez que é capaz de produzir sentidos múltiplos e renováveis, contribui para o desenvolvimento da consciência crítica para o combate ao preconceito, à opressão e à marginalização da mulher, construída ao longo da história.

Ao realizar um trabalho didático utilizando o texto literário em sala de aula, o professor, a depender da forma como conduz as discussões, poderá estabelecer relações entre a realidade do aluno, sua cultura, e o que está por trás das narrativas literárias. Esse trabalho pode estimular além do gosto pela leitura, uma compreensão mais ampla da realidade, partindo inclusive do ponto de vista do próprio aluno, levando-o a trocar opiniões entre os pares, assumir posições frente aos fatos narrados, defender atitudes e ideias.

Coelho (1993) alerta para o fato de que algumas práticas só enfatizam a literatura como instrumento puramente pedagógico, portanto, no seu sentido utilitário, e outras práticas encaram o uso da literatura apenas como instrumento de diversão. Essa autora afirma que “é muito forte em nossa época a reação contra ‘a vocação pedagógica da literatura infantil’ e a defesa intransigente de sua qualidade pura de entretenimento” (COELHO, 1993, p. 27) para assim permitir à criança vivenciar emoções, exercitar a fantasia e a imaginação. Por outro lado, Geraldi (1999) argumenta que a fruição e o prazer estão excluídos do sistema capitalista, no qual o que importa é o produto. Percebemos nessas duas assertivas que, a depender dos objetivos e da forma como a literatura é trabalhada, suas funções também mudam.

De maneira semelhante acontece com a forma como as narrativas literárias são escritas. Algumas impõem normas ao leitor com o intuito de reproduzir um modelo autoritário de comportamentos a serem desempenhados pelas figuras femininas, advindo da cultura machista e patriarcal na qual a sociedade está inserida, outras possibilitam o reconhecimento de papéis existentes na sociedade sem propor sua reprodução. Estas últimas são as obras que hoje são denominadas de não sexistas. As obras que analisamos nesta dissertação podem ser inseridas neste último grupo.

A relevância de obras literárias como as que selecionamos para análise é destacada por Daros (2013):

[...] a importância de se ter acesso às formas de textos literários que possam carregar nos seus discursos as representações não binárias e não sexistas, pois, tradicionalmente, a publicação de literatura para o público infantil, de modo geral, apresentam, muitos textos misóginos, contribuindo para a formação e manutenção do status de certas identidades e de determinadas formas de ver o mundo e as relações de poder nele vigentes. (DAROS, 2013, p. 181)

O autor citado revela a importância de estar atento aos conteúdos implícitos nas obras literárias, inclusive na educação infantil. A discussão deste tipo de narrativa, não sexista, não moralista, nem tampouco que trate questões sociais a partir de critérios puramente biológicos, proporciona a “possibilidade de problematizar os regimes de verdade que governam as crianças e contribuir para uma educação em que as diversidades sejam respeitadas e aceitas como constituintes e legítimas da nossa sociedade plural” (DAROS, 2013, p. 181).

Conforme aponta Louro (2000), os indivíduos se apropriam das formas de existência, dos lugares sociais, de maneiras sutis e de difícil percepção, mas a observação da linguagem, de seus usos recorrentes, permite refletir e analisar a construção e reforço de modelos identitários. Para esse autor, existem aspectos referentes à linguagem, em sua estrutura, seus recursos, que instituem e demarcam os lugares dos gêneros. Isso pode ocorrer “não apenas pelo ocultamento do feminino, e sim, também, pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos” (LOURO, 1997, p. 67).

Ainda segundo Louro (2000), além da demarcação dos lugares de gênero que a própria linguagem impõe, é preciso atentar para uma distância existente entre o que é vivido e o que está posto através dos discursos, ou seja, para os conteúdos postos em discussão. É preciso que a literatura, ao traduzir a realidade, não oculte fatos, não negue existências. Por exemplo, a configuração das famílias na atualidade não é uma só, assim como não é um só o papel que as mulheres ocupam nessas famílias. Muitos núcleos familiares são mantidos por mulheres (as chamadas chefes de família), alguns são formados só por mulheres.

Um olhar atento aos papéis femininos representados tradicionalmente na literatura permite afirmar que esses discursos correspondem

à representação acionada pela mídia, consagrada pela igreja e pela lei. Não por acaso essa representação hegemônica carrega os traços da classe média branca urbana e, nela, pai e mãe, bem como seus filhos e filhas reafirmam as formas tradicionais de masculinidade e feminilidade. (LOURO, 1997, p. 41).

Ao trazerem representações de gênero estereotipadas e distantes das existências

femininas reais, ao invés de abrir para as crianças possibilidades de resistência, de recriação da realidade, muitos livros acabam apresentando um discurso conformista que reforça as posições sociais já consagradas (ZILBERMAN; MAGALHÃES, 1987). Tais posições se constroem sobre valores legitimados na sociedade, mas não correspondem, necessariamente, à realidade vivida pelas crianças. Uma vez que não podemos deixar de levar em consideração que tanto quem lê quanto quem ouve histórias imprime na interpretação do texto as suas vivências, suas particularidades, faz-se necessário uma mudança de repertório. É preciso que outros discursos literários, os que se ocupam das novas formas de existência feminina (mais real e diversa), seja levado para a sala de aula e para a discussão com as crianças.

Em relação à discussão de gênero na literatura, além da reprodução acima citada, outro problema apontado por Zolin (2010) é a invisibilização das representações contemporâneas acerca da identidade feminina. Vinculadas a uma ordem imposta, cujas redundâncias de conteúdo reproduzem o sistema de valores das tradições de uma dada sociedade, numa determinada época, muitas obras literárias tradicionais não abrem espaço para as identidades femininas que emergem na contemporaneidade. Isso reforça a relevância da discussão de contos como os que compõem o corpus de nossa análise.

Na literatura, até o fim do século passado, os discursos dominantes ocupavam espaços privilegiados, dando visibilidade ao outro ou falando em nome do outro. Assim, segundo Chartier (1990), enquanto um tinha o direito à fala o outro era silenciado. Essa afirmação se confirma em relação à representação das mulheres na literatura. O que ocorreu, e de certa maneira ainda ocorre, é que as mulheres perderam seu direito à fala, tornando-se invisíveis diante das produções literárias de determinada época, pois sua história e identidade foram construídas partindo do olhar e das construções sociais da sociedade patriarcal, e não delas próprias.

Para Zolin (2010, p. 185), “a crítica literária feminista, bem como o feminismo entendido como pensamento social e político da diferença, surge nesse contexto com o intuito de desestabilizar a legitimidade da Representação, ideológica e tradicional, da mulher na literatura”. Ainda segundo a autora, a produção literária brasileira tem sido fonte de análises por parte de feministas e críticos que buscam nas obras fatos que questionem “os mecanismos de funcionamento das representações estereotipadas da mulher, cuja imagem aparece associada a forças naturais” (ZOLIN, 2010, p. 186). Nessa perspectiva, fica perceptível que a representação do feminino na literatura brasileira ainda passeia por identidades extremas, ora a mulher é vista como possuidora de sentimentos e caráter elevados, ora ela é relacionada ao pecado e a sensualidade; “tudo remetendo a um maniqueísmo reducionista que em nada condiz com as reais e múltiplas identidades femininas que povoam nossa realidade (ZOLIN, 2010, p. 186).

Podemos observar esse tipo de representações em obras consagradas tais como “Lucíola” (José de Alencar), quando Lúcia passa da inocência da menina à prostituta e, logo em seguida, é capaz de se sacrificar pelo bem dos que a cercam encarnando uma mulher quase anjo. Temos ainda Capitu, em “Dom Casmurro” (Machado de Assis), que, na visão do marido, é capaz de traí-lo como melhor amigo dele devido ao poder de sedução que ela teria, ora será que ser sedutora significa afirmar ou julgar que a mulher irá trai-lo? Será um atributo construído pela sociedade que irá dizer como deverá ser o comportamento das mulheres? Esses são apenas alguns poucos exemplos da dualidade na qual as identidades das mulheres são construídas na literatura brasileira, a partir de uma visão reducionista masculina.

A crítica feminista tem importante papel nesse contexto, tendo em vista que ela se volta para a escrita feminina, suas trajetórias e desejos. Nos escritos feministas, “a noção de representação se afasta de sua concepção hegemônica para significar o ato de conferir representatividade à diversidade de percepções sociais, mais especificamente, de identidades femininas patriarcais” (ZOLIN, 2010, p. 186). A este respeito, Barbosa (2009) reflete acerca do fato de que os homens, a partir de si próprios, sempre buscaram determinar um papel ou um lugar para as mulheres, de que as diferentes relações culturais tendem a modificar as imposições masculinas, pois

Os homens [...] tendem a construir posições para as mulheres tomando a si próprios como ponto de referência. A cultura molda a identidade. Pode-se aceitar essas posições ou reivindicar outras. Por isso, algumas reivindicações na formação das identidades das mulheres contemporâneas acontecem por meio do apelo a antecedentes históricos e ao fazê-lo elas podem estar construindo, assumindo e se identificando com novas identidades. Assim a construção da identidade é, além de simbólica, social e histórica (BARBOSA, 2009, p. 3)

Sendo assim, é possível inferir que, com o decorrer da história, as identidades tendem a se alterar devido às mudanças sociais e políticas. No entanto essas estruturas não se quebram facilmente, pois essas identidades são moldadas pelas relações de poder. Relações essas que se dividiam em esferas públicas e privadas. Por muito tempo, às mulheres, destinava-se a esfera privada, ou seja, o universo feminino era a casa, o cuidado com o marido, os filhos; enquanto a esfera pública destinava-se exclusivamente aos homens. A quebra desses lugares destinados a homens e mulheres é um marco importante para a visibilidade das mulheres.

Como salienta Franco (2005), esse afastamento da mulher da esfera pública relegava à figura feminina o mero papel reprodutivo. Às mulheres, era negada a participação política, a atuação como cidadãs, como trabalhadoras. E essa situação de silenciamento e invisibilização se

arrastou por muitos anos na cultura ocidental.

A discriminação contra a mulher e a negação constante de suas qualidades e habilidades foram grafados na história da humanidade como uma descrição legitimada de uma realidade que se queria instaurar e manter. Entretanto, essa postura castradora foi ficando cada vez mais evidente a medida que as mulheres iam ocupando os postos de trabalho, os espaços de luta por direitos. Essa atuação reflexiva fez com que elas percebessem que suas potencialidades eram menosprezadas e como eram discriminadas, principalmente no tocante ao seu fazer tanto na literatura quanto nas artes em geral.

Os escritos de mulheres não ocupavam os espaços de discussão, estudo e crítica que autores homens sempre tiveram. O lugar e o talento femininos eram negados veementemente. O campo da recepção, da produção e da crítica literária se firmou como um universo de domínio masculino por séculos e muitos intelectuais se negaram a reconhecer a autoria feminina. Todavia, as mulheres foram aos poucos rompendo essa espécie de ‘cárcere da linguagem’.

Ao passo que as mulheres se tornaram insatisfeitas com as barreiras que as limitavam social e culturalmente, aos poucos foram buscando adentrar no universo que lhes era negado. A insatisfação com sua condição de subordinação e a limitação de seu acesso ao universo público e social fez com que as mulheres instituíssem movimentos e grupos com os quais lutariam para garantir seus direitos. Portanto, a reorganização social, política e cultural vieram alimentar a transformação que se fazia necessária, deslocar os antigos paradigmas que rondavam o universo feminino. Com a chegada do movimento feminista, década de 60, e das promissoras conquistas femininas encabeçadas por este movimento, as mulheres passaram a ser representadas por elas mesmas fossem no âmbito social, político ou literário.

Desta forma a mulher, sua situação, ou melhor, a forma como a literatura e a sociedade passa a vê-la tem diferentes fases, como observa-se abaixo:

a partir de 1859, com o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, no qual a mulher apresentava um caráter pejorativo, frágil e indefeso, por estar presa ainda ao modelo patriarcal vigente na época; a fase feminista, em 1944, com *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector, em que a mulher passa a questionar sua situação já evidenciada no movimento feminista; e, a partir de 1990, surge a fase fêmea ou mulher, com uma literatura voltada para a autonomia da representação feminina, sem mais serem necessários os questionamentos anteriores em que a mulher tem uma chance nunca antes permitida para que “expresse a sua sensibilidade a partir de um ponto de vista e de um sujeito de representação próprios, que sempre constituem um olhar da diferença (LOBO, 2010, apud TOFANELO, 2015, p. 4)

Com o avanço e consolidação do movimento feminista, a literatura de autoria feminina

também avançou, passando de uma situação de reprodução de estereótipos machistas, para o questionamento acerca dessa condição da mulher. Essa mudança de representação sobre as identidades das mulheres foi um importante passo para a desconstrução da imagem e dos estereótipos do feminino que até então eram o alvo das narrativas literárias. Afinal, “uma das razões pela qual o leitor se interessa por um texto é que ali encontra algo de si próprio” (AMARILHA, 2006, p. 53). Assim, ao se aproximar da realidade vivenciada no dia a dia, a obra também se aproxima do leitor.

Se houve um avanço na representatividade feminina, seja pelo aumento de mulheres autoras, seja pela diversificação das representações das figuras femininas e seus espaços de atuação, ainda é tímido o espaço que essa literatura mais combativa e representativa ocupa na escola, espaço que objetiva a formação de leitores e de cidadãos críticos. Se é na relação com o outro que a criança se apropria das significações construídas socialmente, o professor exerce um papel fundamental quando proporciona aos alunos a apreciação de obras literárias combativas e as discute, tornando esse momento mais significativo. Ao fazer isso, o professor é capaz de proporcionar, de forma articulada, a reflexão sobre ou até a desconstrução de estereótipos e paradigmas consolidados acerca da identidade da mulher na sociedade.

No entanto, nas diversas pesquisas e avanços relacionados a leitura de literatura, observa-se o despreparo dos professores, enquanto leitores e formadores de leitores, assim como a relação esporádica e precária que eles estabelecem com o texto literário (AMARILHA, 1991; 1993; 1994). Esses dados permitem a inferência de que muitos professores não reconhecem o seu potencial formador e, conseqüentemente, não o utilizam em sala de aula, privando as crianças de uma experiência prazerosa e enriquecedora.

Entendemos aqui a dificuldade em tratar tal assunto, pois a invisibilidade de diversas posições sociais femininas e o conceito corrente de mulher permanecem ligados ao que é dependente, frágil, uma vez que são construídos e reforçados pelo discurso do homem sobre a mulher. Tais concepções construídas socialmente permanecem nas ações do dia a dia, no discurso proferido pelo outro, e muitas vezes nem se percebe o quanto essas representações são manipuladas, engessadas e moldadas.

No estudo das obras literárias aqui selecionadas, ao refletir sobre a construção da identidade feminina na literatura e seus desdobramentos, o presente estudo tem como hipótese que a discussão de identidades femininas que representam uma ruptura com o modelo tradicional e patriarcal de mulher podem favorecer a constituição de uma sociedade mais justa e igualitária. O trabalho com a leitura e discussão literária em sala de aula integra aspectos afetivos,

cognitivos e sociais e, portanto, serve como suporte para a construção, valorização e representação de novas identidades femininas na sociedade, por meio da constituição do imaginário social das crianças do(s) papel(is) da mulher na sociedade.

Esse “novo olhar” nos faz refletir acerca das transformações pelas quais a sociedade vem passando e que por sua vez, passa a requerer novas abordagens em relação as posições sociais preestabelecidas para homens e mulheres nos mais diferentes contextos. Os paradigmas ideológicos, as identidades na perspectiva feminina e masculina, têm passado por grandes processos de transformação, como bem situa Stuart Hall (2006), quando afirma que as velhas identidades estão em declínio e que de certa maneira existe no mundo pós-moderno uma crise identitária, na qual o sujeito constrói sua identidade a partir das relações sociais, o que leva ao surgimento de novas identidades. Nesse sentido, a obra literária pode ser um veículo de transformação para essas novas identidades que surgem, pois, o leitor precisa se reconhecer na obra, passando assim por um processo de identificação.

Levando em consideração tal conjuntura, compreende-se que as posições sociais acabam sendo constantemente revistas e questionadas. As narrativas escolhidas para compor o corpus desta pesquisa podem em muito contribuir para a discussão em sala de aula sobre a construção da personagem feminina sob diferentes pontos de vista, possibilitando aos aprendizes uma discussão mais ampla acerca das posições sociais exercidas pelas mulheres e como os estereótipos construídos culturalmente podem reforçar as desigualdades e o preconceito. Podemos afirmar que encontramos em parte das produções literárias contemporâneas uma problematização da realidade da mulher na sociedade. Portanto, lançamos nesta pesquisa um olhar atento e cuidadoso sobre as protagonistas das narrativas selecionadas, pois estas tentam de alguma maneira se desvencilhar das amarras sociais.

Diante do que já foi exposto, acreditamos ser pertinente a discussão dos contos escolhidos para a pesquisa na educação da infância. Entendemos que, desde o nascimento, as crianças estão imersas no mundo de linguagem e que a Literatura deve estar presente no cotidiano delas, pelo seu caráter formativo, emancipador e pela posição de que a literatura educa, mesmo quando esta educação tem um caráter formativo e “não se presta ao domínio escolarizado de pontos, deveres e notas” (AMARILHA, 1997, p. 49).

Assim, discutir tais contos na educação da infância, a nosso ver é um caminho acertado tendo em vista a relação entre literatura e infância, pois esta é uma experiência vicária e insubstituível. Além do que, a leitura de literatura, é uma atividade questionadora, que nos aproxima de nós mesmos e do mundo que nos rodeia. Por essas razões é que desenvolvemos nossa pesquisa com o gênero literário conto na educação da infância. Tendo em vista que o cerne

da nossa pesquisa é a construção da identidade feminina nos contos, abordaremos o conceito sobre feminino que utilizaremos nestas análises.

1.2 Objetivos

O Objetivo Geral deste trabalho é especular as possíveis contribuições da literatura para a discussão sobre o protagonismo feminino na educação da infância, em três obras da literatura infantil.

Para realizar este objetivo geral, foram elencados os seguintes Objetivos Específicos:

- Descrever como se dá a construção da personagem feminina nas narrativas literárias sob o ponto de vista físico e psicológico considerando estereótipos construídos acerca do feminino;
- Relacionar a construção da identidade da personagem com aspectos relativos as identidades de gênero;
- Refletir sobre as implicações do estudo que remetam ao contexto escolar.

1.3 Delimitação do estudo

Por encontrar na literatura uma oportunidade significativa para problematizar a realidade das mulheres e, assim, colaborar para a formação de leitores críticos este trabalho define como objeto de investigação o protagonismo feminino na literatura infantil a partir de três contos, a saber: A moça tecelã (COLASANTI, 2004), O rei sapo (GRIMM; GRIMM, 2004), A princesa desejosa (BIAZETTO, 2012). Com o objetivo de especular as possíveis contribuições da literatura para a discussão sobre o protagonismo feminino, elegeu-se como eixo norteador o seguinte problema de pesquisa:

Quais as possíveis contribuições da literatura infantil para a discussão sobre o protagonismo feminino?

Dessa questão principal, originou-se outro questionamento. Qual a importância do diálogo entre literatura na infância e as identidades de gênero. A partir desses questionamentos, o trabalho com a literatura em sala de aula apresenta-se como um caminho problematizador, no qual a mediação pedagógica se faz presente e visa a acessar a construção das identidades de gênero, assim como o papel social das mulheres nas narrativas.

Este estudo teve a pesquisa bibliográfica como base metodológica. A princípio, buscamos traçar aspectos relacionados ao feminismo e suas implicações na sociedade, em especial para as mulheres. Para tanto, baseamos nosso aporte teórico nos estudos de Zolin (2009), que considera a crítica feminista como política; Beauvoir (2016), que critica o sistema patriarcal e a desvalorização da mulher; Bourdieu (1989; 2002; 2001), que evidencia as relações sociais e de poder entre os sexos; Holanda (1994), que propõe desconstruir estereótipos e falsas dicotomias; e Louro (2003) que aborda o gênero como uma categoria de análise.

Concomitantemente, percorremos estudos teóricos no campo da Literatura, com a finalidade de se chegar a entender o potencial problematizador presente nos textos literários. Nos respaldamos em Amarilha (2004; 2013) Saldanha e Amarilha (2016), cujas reflexões convergem para o estudo da literatura no contexto escolar, destacando-a como discurso transdisciplinar; Yunes (2003), que relaciona a leitura como experiência, evidenciando a literatura; Coelho (1987), Held (1980) e Zilberman (1982; 1989), que destacam a leitura de literatura na perspectiva da recepção estética, e por fim Candido (1995), sai em defesa da literatura pois compreende que a mesma deve ser um direito básico do ser humano, tendo em vista seu caráter formador dos sujeitos.

Com tal levantamento, objetivamos a capacitação para ler nas entrelinhas dos contos, sentidos e finalidades que fossem demarcadores de identidades femininas, como atitudes e ações realizadas pelas protagonistas das narrativas, e permitissem, assim, adentrar em questões que tangem o dia a dia de meninas e meninos enquanto constituintes de identidades que são moldadas pelo sistema patriarcal.

Como segundo passo, em interface com os estudos sobre o feminino, realizamos a seleção de três contos que pudessem suscitar o desenvolvimento de discussões em sala de aula a respeito da construção da identidade de gênero e de como as identidades femininas e suas funções são forjadas nas narrativas, podendo tornar-se um caminho possível para a promoção de momentos em que o debate se faça presente entre professores e alunos.

Com relação a identidade de gênero, temos que ter claro que gênero se diferencia de sexo. Sexo é o termo utilizado para descrever a anatomia e fisiologia que diferenciam homens de mulheres, enquanto que o gênero refere-se aos processos de construção dos sujeitos feminino e masculino, no entanto o que é considerado masculino ou feminino varia de acordo com a sociedade e a cultura, sendo assim, não é um conceito universal nem acabado, transforma-se historicamente.

Desta forma,

ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou anacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero *fazendo parte* do sujeito, constituindo-o. (LOURO, 1997, p. 25).

A seleção dos contos foi realizada tendo como ponto de partida a relação existente entre a criação das personagens e o papel social vivido por elas. Dessa maneira, seria possível lançar um olhar mais aguçado sobre o feminino na sociedade, refletindo por vezes as angústias e determinações das mulheres em diferentes contextos da narrativa. Além destes, outros elementos foram levados em consideração para a escolha do corpus da pesquisa, tais como: a protagonista deveria ser mulher, o enredo deveria suscitar possíveis questionamentos sobre o feminino e seus dilemas enquanto mulheres em uma determinada época. Também tivemos a preocupação de selecionar contos que rejeitassem o que foi pré-concebido e naturalizado na sociedade sobre a mulher, como posturas sexistas, e que pudessem, assim, desconstruir estereótipos e convenções opressivas.

Estes são elementos férteis para a discussão das posições que supostamente são da mulher das questões de gênero, recorrendo ao imaginário patriarcal que se constrói em cima de preconceitos e estereótipos para problematizá-los e, assim, contribuir com um olhar que desestabiliza os estereótipos feminino, assim como suas posições sociais. Os contos selecionados como corpus da pesquisa foram: *A princesa desejosa* (2012), de Cristina Biazetto; *A moça tecelã* (2004), de Marina Colassanti; *O rei sapo* (2004) dos irmãos Grimm.

Estas escolhas foram feitas devido ao fato das obras apresentarem, em seus enredos, elementos que possibilitariam uma interlocução com a representação do feminino, de modo a pensar a promoção da percepção dos alunos a partir da mediação pedagógica sobre o tema. Entendemos que, fazendo assim, o trabalho com a literatura pode ser viabilizado como meio eficaz para problematizar e refletir sobre como se dará o abandono de conceitos secularmente estabelecidos e internalizados, adotando, portanto, outros pontos de vista.

Nesta perspectiva é fundamental compreendermos que a produção do sujeito por meio dos discursos, são fatores que produzem pensamentos e ações machistas que tem raízes sociais profundas criando conceitos hegemônicos ditos “normais”, dificultando assim que outras manifestações fujam a essa hegemonia.

Michel Foucault, em *A ordem do discurso* (1971/2009), já afirmava que

em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos (FOUCAULT, 2009, p.08-

09).

Para o autor, as interdições servem como procedimentos de controle, revelando também que nem todos podem falar, ou seja, a ordem do discurso não é para todos. Sendo assim, o discurso passa a ser objeto de desejo já que ele “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar”. (FOUCAULT, 2009, p. 10). Pensado desta forma o discurso, além de repressivo, também produz verdades, algumas delas bem direcionadas.

Nessa perspectiva, juntamente com a pesquisa bibliográfica, que possibilita um amplo acesso às informações teóricas, utilizou-se a técnica de análise inferencial, no intuito de favorecer a construção dessa interseção, que possibilita a reflexão sobre as posições sociais assim como as identidades de gênero são tecidas nas narrativas, a partir do estudo realizado com os textos literários selecionados.

Portanto, a partir desta pesquisa, esperamos estreitar a relação da literatura com a compreensão sobre a temática em tela, de maneira a entender como a leitura de textos literários pode ser um meio eficaz e facilitador da reflexão a respeito dessa temática no ambiente escolar.

1.4 Guia de leitura da dissertação

Visando essa interlocução, primeiramente, realizamos uma investigação em busca de trabalhos científicos (teses, dissertações e artigos) que, de alguma perspectiva, relacionassem a Literatura com a construção da identidade feminina, ou seja, com o que se entende por “ser mulher” em nossa sociedade, quais posições sociais a mulher elege para si ou quais lhe são impostos e, conseqüentemente, o que se “espera” dela. Com o levantamento bibliográfico, verificamos uma lacuna no que se refere a um trabalho a partir da Literatura que propiciasse uma discussão mais aprofundada em sala de aula acerca da construção da identidade da mulher, a partir do qual o professor, enquanto mediador da obra literária, pudesse suscitar discussões junto aos alunos e proporcionar um arejamento das ideias naturalizadas sobre identidade feminina. Buscamos reforçar no presente estudo a importância da discussão, no ambiente de sala de aula, acerca de uma temática urgente e necessária na atualidade; e a literatura de maneira geral é uma fonte inesgotável de arejamento intelectual e que pode proporcionar novas formas de convívio e olhares acerca da mulher e de suas posições sociais.

A partir desse levantamento, foi trilhado um caminho que atendesse aos questionamentos da pesquisa. Sendo assim dividimos esta dissertação em 5 capítulos. No

capítulo 1 – *Considerações Iniciais* –, esclarece-se os objetivos da pesquisa, assim como as razões que a motivaram e o seu escopo. No capítulo 2 – *Aspectos teórico-metodológicos* –, aponta-se para a abordagem metodológica adotada neste estudo, elucidando os passos da pesquisa e os contos literários escolhidos para sua composição. O capítulo 3 – *Trilhando caminhos possíveis* - constitui-se da apresentação da discussão teórica existente nas áreas de literatura, feminismo, crítica feminista e identidade de gênero que subsidiou a presente pesquisa, buscando-se construir uma interseção entre essas áreas temáticas. O capítulo 4 – *O feminino nos contos* – traz as análises dos três textos literários selecionados, de modo a identificar e discutir, a partir da literatura, uma alternativa para trabalhar a construção do feminino em sala de aula. A análise de cada conto foi feita a partir de três categorias que elucidassem aspectos específicos voltados para os objetivos do trabalho. Por fim, no capítulo 5 – *Considerações Finais* –, delineiam-se, como o título indica, algumas considerações finais, abordando as ideias alcançadas e o ponto de chegada na busca da interlocução entre literatura e *feminino* na sala de aula, no qual a mulher se faz sobressair a partir das teorias e análises dos contos.

De modo geral, refletimos sobre como se pode promover o abandono de conceitos secularmente estabelecidos e internalizados, adotando, portanto, outros pontos de vista. Por outro lado, nenhuma tradição é quebrada se nunca for questionada. E caso essa ruptura com o tradicional ocorra, como de fato vem ocorrendo, haverá um preço a pagar? A resposta é sim. E é por isso que a tão sonhada emancipação feminina também tem seus efeitos colaterais (solidão, ausências de familiares, trabalho excessivo etc.). A literatura enquanto realidade ficcional é capaz de extrair e expor, tanto de maneira lúdica como poética, as ambiguidades da vida, mediante os discursos das personagens, do narrador e do autor. A literatura tece em sua trama narrativa as diversas nuances e maneiras existentes de agir, sentir e absorver os impactos e experiências da vida.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Conforme foi evidenciado, a proposta deste trabalho é discutir a leitura de textos literários como um meio problematizador, capaz de proporcionar reflexões por parte dos leitores. É, portanto, com o objetivo de se evidenciar o encontro da literatura com a temática da construção da identidade da mulher que recorremos a alguns autores de diferentes áreas na tentativa de trazer contribuições para esse diálogo.

Com este intuito, iniciaremos nossos diálogos a partir da Literatura, por entendermos que a prática de leitura do texto literário, segundo Antônio Cândido (1972, p. 3), “[...] serve para ilustrar em profundidade a função integradora e transformadora da criação literária com relação aos seus pontos de referência na realidade [...]”. A literatura é capaz de extrair e expor de maneira lúdica e poética, as ambiguidades da vida e, desse modo, ela tece em sua trama as diversas nuances e maneiras de agir, sentir e absorver as experiências da vida. Tais características do texto literário realçam seu potencial transformador.

mostra como as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar. (CANDIDO, 1972, p. 4)

Ao agir sobre os sujeitos leitores, sobre suas concepções de mundo, de realidade, a literatura tem o potencial de humanizar, gerando “[...] o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela – com altos e baixos, luzes e sombras [...]” (CANDIDO, 1972, p. 4).

A escolha pela literatura se deu devido ao seu potencial em tratar de assuntos do cotidiano de problematizar e de pensar a realidade e as imposições da sociedade, possibilitando o afastamento momentâneo da realidade e da vida, dando assim a possibilidade de vivenciar emoções que não teria oportunidade de vivenciar ou de conhecer na nossa própria existência.

Seguindo essa linha de raciocínio, é que optamos pela Literatura para trilhar os caminhos desta pesquisa. Com este propósito se faz necessário considerar a forma como a literatura é tratada e concebida na atualidade tanto na escola quanto fora dela. Concordamos com Lajolo (1982) quando afirma que tanto a obra literária quanto o conceito de literatura são objetos sociais que variam de acordo com o tempo histórico e a cultura daquele que produz literatura e daqueles que leem. Ao propormos um estudo sobre a construção da identidade feminina utilizando a Literatura como viés problematizador, estamos enfatizando também que, assim como a literatura os conceitos e posições sociais das mulheres se modificam de acordo com o

tempo histórico e a cultura na qualestão inseridas.

Para Candido (2011),

Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles. (CANDIDO, 2011, p. 175)

Dessa forma nem sempre a literatura esteve a favor da democratização, da inclusão social, principalmente por suas raízes elitizadas e nobres. A literatura, em sua origem, era privilégio de alguns ricos, para os quais o direito a aprendizagem da leitura era exclusividade. Segundo Manguel (1997), os registros da época revelam que a leitura de livros era um instrumento utilizado para excluir e marginalizar as mulheres, os escravos e as classes menos abastadas, que não tinham o direito à instrução, à "inteligência" e ao acesso às palavras.

A este respeito Souza (2009) comenta que "nos séculos XV e XVI, os livros passavam da Igreja para a burguesia, como sinal de posição social, tendo em vista que a produção literária era destinada a um público-alvo específico, enquanto que outros eram segregados da arte e do prazer de ler literatura.

De acordo com Manguel (1997):

A noção de que certos livros se destinam aos olhos de certos grupos é quase tão antiga quanto a própria literatura. [...] A separação de um grupo de livros ou de um gênero para um grupo específico de leitores [...] não apenas cria um espaço literário fechado que esses leitores são estimulados a explorar; com frequência torna esse espaço proibido para os outros. (MANGUEL, 1997, p. 256)

Esta proibição da leitura e a separação de grupos leitores e não leitores eram também uma questão política, pois não seria interessante, aos grupos mais abastados e a igreja, que mulheres, negros e pobres tivessem acesso ao mundo letrado.

A esse respeito, fala-nos Souza (2009), que

Esses aspectos da história nos revelam que a função excludente atribuída à literatura, durante séculos, é, na realidade, reveladora de seu potencial inclusivo e libertador, que é a enxergado e temido pelos detentores do poder, cujo interesse esteve sempre distante da inclusão social e da libertação daqueles desprivilegiados. Sendo assim, tinham a constante preocupação de negar aos negros e pobres um possível passaporte para a liberdade, por meio de um poderoso instrumento de opressão: o livro. (SOUZA, 2009, p. 139)

Como a pesquisadora observamos que, a leitura pode ser, a depender do contexto, da cultura, da época e dos interesses, conotada como um perigo, uma vez que proporciona ao leitor um arejamento de ideias e de conhecimento. Salientamos que o cânone literário ocidental, historicamente constituído de obras escritas por homens, brancos e da elite sociocultural, é impregnado de ideologias dominantes, as quais lhe regem os códigos de produção e de representação. Seguindo o mesmo raciocínio, Zolin (2010) aborda o fato de que alguns sujeitos terão garantido seu direito a circular como discurso legitimado e serão um referencial, enquanto outros permanecerão silenciados. Aos que tem esse direito garantido, também lhes é direcionado um determinado lugar de destaque e poder no interior da sociedade, lugar estabelecido através do julgamento de sua classe social, sua etnia e seu gênero.

Transportando-se este pensamento para o campo literário, assevera-se que as mulheres são historicamente silenciadas tanto por fatores políticos, pela produção do cânone literário, quanto pela naturalização das diferenças entre os gêneros, aspecto este que será abordado mais a frente.

Em meio a essa discussão, destaca-se que, independentemente dos objetivos de seus produtores, das proibições, do cânone, da exclusão de alguns grupos marginalizados, a literatura sempre foi um instrumento agregador e convergente de interesses, sentimentos, experiências e prazeres, apesar da censura e do caráter moralizante. Manguel (1997) nos diz que, se por algum motivo proibiam, censuravam ou até mesmo moldavam a literatura, era porque a mesma continha algo que incomodava, algo que poderia transformar o leitor fosse pelo seu lado mágico, fosse pelo fato de ser irresistível.

É justamente pela sua função social que se assevera a importância em dialogar com a literatura no sentido de repensar e refletir sobre a construção do papel social das mulheres no corpus desse trabalho.

De acordo com o que se apresenta, a literatura é marcada pela sua função social, apesar de todas as limitações que sofreu. A partir dos anos 1970 os estudos e teorizações sobre a literatura sofreram mudanças significativas, pois passaram a enfocá-la como um fenômeno social. A partir de então, a teoria literária dedica maior interesse às práticas leitoras (por que e como se lê) e ao efeito (o que se sente e se encontra na leitura) desencadeado pela leitura, em vez de se prender às formas e características da obra (JOUVE, 2002).

O enfoque dado a partir desse momento é sobre a relação de leitor com a obra e sobre suas experiências. Nesta perspectiva destacam-se: Hans Robert Jauss (1996), que evidencia a importância do leitor e de sua história na recepção da literatura, bem como do impacto da comunicação literária no contexto sócio histórico em que é recepcionada; Wolfgang Iser, que

se interessa pelo efeito do texto sobre o leitor, aborda a ideia de leitura como um acontecimento bilateral no qual “se realiza a interação central entre a estrutura da obra e seu receptor” (ISER, 1996, p. 50). Diante do ato de ler, há, no mínimo, uma interação com palavras, com um escritor, com um narrador, com personagens, com uma produção histórica e cultural. Há, para além dessa interação com a obra, outros tipos pouco explorados pela teoria da estética da recepção, como a interação com outros leitores (pares ou mediadores) e com outros processos socializadores, conhecimentos e sentimentos desencadeados pela leitura. Desta maneira, podemos afirmar que “aleitura é um evento no qual o leitor experimenta interações”. (SOUZA, 2009).

Notadamente no texto literário, o ato reflexivo se dá a partir de seu caráter problematizador, inusitado, inovador e surpreendente, como em *A moça tecelã*, de Marina Colasanti, conto que faz parte do nosso corpus de análise no qual uma mulher, possui um tear mágico, concretiza todos os seus desejos e sonhos, a partir do ato de tecer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou como seria bom ter um marido ao lado. Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam com companhia. E aos poucos seus desejos foram aparecendo, chapéu emplumado, quando bateram à porta. Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma e foi entrando na sua vida (COLASANTI, 1999, p. 12).

A escolha pela literatura e por determinados contos, como o citado no fragmento acima, conduz-nos a uma reflexão aprofundada, além de aprofundar os anseios, angústias e a posição na qual a mulher se encontra em determinadas obras literárias, sendo, portanto, fonte de discussão e reflexão sobre o feminino.

Partindo de leituras desta natureza é que o leitor poderá ter uma visão mais ampliada sobre determinados pontos de vista e construções sociais engendradas na/pela sociedade.

Sabe-se que as situações e modalidades que objetivam o encontro do leitor com o texto a partir da leitura são inúmeras. No entanto, a abordagem se dará especificamente, com a leitura do texto literário que, assim como a de outros textos, possui suas especificidades como seu caráter reflexivo, experiencial e transformador. Em suma “a literatura é, por essência, a subjetividade de uma sociedade em revolução permanente” (SARTRE, 1968, p. 187).

Diante da escolha pela Literatura, opta-se pelo gênero conto, por carregar em si, marcas ideológicas a respeito das concepções e das atitudes dos sujeitos sobre a sua percepção de mundo. Por essas características o leitor é convidado a sentir, pensar e refletir sobre os acontecimentos e vivências humanas, tendo em vista que o conto traz narrativas que

problematizam a vida fundado nos fatos da vida real.

É por esse motivo que Antônio Candido (1995, p. 175) defende a literatura como um direito dos sujeitos, uma vez que, ao promover a fruição estética, pode levar os leitores ao deslocamento, à reflexão e à mudança de atitude em vários aspectos da sociedade, inclusive com relação a representação da mulher na literatura e conseqüentemente na sociedade.

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1995, p. 175)

Com base nesse entendimento, adotamos o gênero conto para efetivar o objetivo deste estudo sobre o protagonismo feminino na literatura. Por ser uma narrativa relativamente curta, que narra um ou mais fatos ocorridos com um personagem entende-se que seria uma boa escolha para o desenvolvimento do trabalho com a literatura. Por ser classificado como uma narrativa curta, o conto não permite muitas complicações em relação ao desenvolvimento do enredo, e também restringe o número de personagens ficando a cargo do leitor refletir, problematizar e discutir junto aos seus pares aspectos relevantes sobre o conteúdo narrado.

Para a pesquisa, que culminou neste texto, selecionamos três contos, destes dois são contos contemporâneos “A princesa desejosa” e “A moça tecelã” e o terceiro “O príncipe sapo” é um conto de fadas tradicional.

Os contos de fadas expressam em palavras e imagens ideias que simbolizam pensamentos universais, levam o leitor, especialmente as crianças, a mundos inéditos que possibilitam através da imaginação “não só nos libertarmos das realidades enfadonhas da vida cotidiana, como nos entregarmos aos prazeres catárticos de derrotar aqueles gigantes, madrastas, bichos-papões” (TATAR, 2004, p. 8).

Nos últimos tempos muitos psicólogos utilizaram os contos de fadas com fins terapêuticos, no intuito de ajudar às crianças e adultos a enfrentar seus medos a partir da reflexão sobre os dramas postos nos contos. A este respeito Tatar (2013), afirma que

Cada texto se torna um instrumento facilitador, permitindo aos leitores enfrentar seus medos e desembaraçar-se de sentimentos hostis e desejos danosos. Ingressando no mundo da fantasia e da imaginação, crianças e adultos garantem para si um espaço seguro em que os medos podem ser confrontados, dominados e banidos. (TATAR, 2013, p. 10).

Bruno Bettelheim (2007) foi um dos psicólogos que teve seu trabalho reconhecido por utilizar os contos de fadas como veículo terapêutico para ajudar as crianças a resolverem seus conflitos internos. Ele afirma que as histórias além de entreter e despertar a curiosidade das crianças devem estimular a imaginação para que seu intelecto se desenvolva, desta forma as emoções, angústias e medos tornam-se claros.

O conto de fadas além de ser uma narrativa muito antiga, também busca dar sentido e explicações para fatos da vida do indivíduo. O conto de fadas é expresso por um locutor/narrador anônimo, de traços indefinidos. É uma narrativa de caráter retrospectivo que bebe na tradição coletiva para tomar forma, faz parte da memória humana, expressam as atitudes humanas que podem ser bem diferentes diante da vida, mostrando como os indivíduos buscam e alcançam sua autorrealização mediante a superação de obstáculos do cotidiano e o amadurecimento diante as dificuldades e revezes do destino. Trata-se de fatos maravilhosos, do onírico, ou seja, pode apresentar animais falantes, reis e rainhas, bruxas ou duendes, metamorfoses, eventos mágicos, tempo e espaço não definidos com exatidão, Estes não se distinguem na forma ou temática, pois tratam sempre da realização do herói, da protagonista.

Para Bettelheim (2007), os contos de fadas devem ajudar a criança:

a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (BETTELHEIM, 2007, p. 11).

Trazer um conto de fadas para ser analisado à luz do feminino foi um modo de comparar a forma como a mulher é vista nestas narrativas, levando em consideração o tempo narrado, a culturana qual o conto se insere, os problemas existenciais que as personagens vivenciam na narrativa e ahistoricidade da condição feminina. Assim esses contos podem levar o leitor, pelo processo de reflexão, a confrontar o que está posto na narrativa com seu cotidiano.

Os contos contemporâneos eleitos para a pesquisa, *A princesa desejosa* e *A moça tecelã*, se diferenciam daquelas obras instrucionais e superficiais, pois acreditamos que há muitos autores contemporâneos que aproximam o leitor dos problemas vivenciados no nosso cotidiano, levando-o a ir além do que está posto e conhecido. Desta maneira insere o leitor escolar num processo criativo e reflexivo. Mesmo seguindo os critérios para a escolha dos contos, tínhamos a certeza de que,

a literatura permite um acolhimento das diferenças e das individualidades excluídas, pois é uma arte complexa que se abre para a complexidade do homem e da vida e que, por si mesma, sem arranjos ou grandes mobilizações metodológicas, vai ao encontro de realidades plurais e conflituosas, convocando, para um momento único de experiência, todos que estejam se sentindo discriminados e abandonados em seus sentimentos e necessidades (SOUZA, 2009, p. 80)

A literatura para crianças, desde sua origem, estabeleceu a relação com a educação, pois compreendia que a mesma educa. Desta maneira teria muita importância no processo de ensino-aprendizagem.

Como afirma Abramovich (1991)

[...] é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias...Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo. (ABRAMOVICH, 1991, p. 14).

Por estar de acordo com a assertiva acima, e por se defender que é a partir da infância que se abre a possibilidade de educar para a igualdade de oportunidades de gênero e que as práticas promotoras de igualdade e de oportunidades constituem um desafio, na medida em que concorrem com vários estereótipos, tais como, tipos de brinquedos, brincadeiras diferenciadas para meninas e meninos, cores pré-determinadas antes mesmo do nascimento da criança, formas de se comportar...devem ser desconstruídos desde a infância, neste sentido a obra literária tem sua importância tendo em vista que as crianças passam a frequentar a escola cada vez mais cedo e que muitas vezes passam o dia sob os olhares, cuidados e atividades desenvolvidas por professores.

Assim tem-se uma excelente oportunidade para o uso de obras literárias que possam desconstruir estereótipos, preconceitos e diferenças tão naturalizadas entre meninas e meninos, que muitas vezes são reforçadas pela própria escola.

Os primeiros contatos das crianças com a literatura infantil, revelam o prazer pela imagem no manuseio dos livros, além de possibilitar a vivência de emoções ao ouvir uma história, favorecendo sua comunicação com o mundo, conforme cita Abramovich (1991)

Ler histórias para crianças é também suscitar o imaginário e ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos [...] (ABRAMOVICH, 1991, p. 22).

A discussão das obras selecionadas se ancorou no conceito de Identidade de Hall (2006), que aponta para o processo de transformação das identidades, encarando-as como instáveis, modificadas através de influências culturais, além de se encontrarem em constante mutação. Enfatizamos que nosso trabalho enfatiza a constituição da identidade feminina como formada por significados relacionados aos processos de identificações. Nesta perspectiva, as identidades não são fixas e permanentes, pois o termo identidade será aqui compreendido como instâncias dinâmicas e dialógicas do desenvolvimento do EU, ou seja, no sentido de identificações:

a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. [...] nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006, p. 13).

Sendo assim, os novos arranjos sociais, políticos e culturais proporcionaram mudanças necessárias, deslocando paradigmas, conceitos e estereótipos femininos que já não condizem como universo feminino contemporâneo.

Partindo dos pressupostos de Scott (1995) e Louro (2013), utilizamos na análise aqui empreendida o conceito de gênero como construção das distinções biológicas, comportamentais ou psíquicas, tendo a linguagem como produtora das relações que a cultura estabelece com/entre o corpo, sujeito, conhecimento e poder. Esse modo de pensar sobre gênero leva a importantes implicações, sendo seu uso uma ferramenta teórica e política.

Sob a perspectiva em tela, durante a nossa vida, o gênero vai sendo constituído por um processo não linear, através das diversas instituições e práticas sociais. O tempo e o lugar no qual se nasce e vive, por exemplo, são circunstâncias responsáveis por construir diferentes modos de viver a masculinidade e a feminilidade, e assim as pessoas constituem como “sujeitos de gênero”(LOURO, 2013. p. 20) atuam entre mulheres e homens os constituindo como tais. O conceito de gênero nesta perspectiva produz sentidos que se opõem à perspectiva reducionista que concebe gênero como uma categoria definida meramente pelo biológico. Instituições como a igreja, a família, as escolas ainda defendem a existência de posições e funções sociais diferentes para homens e mulheres, construindo representações sociais, definindo estereótipos, modos de vida, posições sociais que nem sempre condizem com as necessidades, desejos e anseios femininos.

Para esta pesquisa, utilizamos a abordagem qualitativa, que é “um conjunto de práticas interpretativas de pesquisa, mas também um espaço de discussão” (GUBA; LINCOLN *apud*

ESTEBAN, 2010). A abordagem qualitativa mostrou-se mais relevante para a implementação desta pesquisa, uma vez que centraliza sua atenção nas particularidades que compõem o objeto de estudo, neste caso, investigar como a leitura de literatura pode promover discussões sobre o feminino.

Essa abordagem tem o potencial de valorizar a compreensão dos sujeitos a respeito da realidade, possibilitando, neste estudo, a identificação e reflexão do sujeito (pesquisador/leitor) com as especificidades que envolvem a construção das personagens femininas por meio dos contos analisados.

Uma análise qualitativa dos dados de uma pesquisa envolve a construção e exposição de “uma interpretação complexa dos fenômenos humanos e sociais” (GAIO, 2008, p. 151). Em outras palavras, o pesquisador elabora sua análise integrando suas posições como sujeito reflexivo às premissas teóricas que lhe servem de lentes para olhar seu objeto de estudo.

O momento atual reivindica uma pesquisa qualitativa cuja característica fundamental está na reflexibilidade. Esse conceito significa que deve ser dada especial atenção a forma que diferentes elementos linguísticos, sociais, culturais, políticos e teóricos influem de maneira conjunta no processo de desenvolvimento do conhecimento (interpretação) na linguagem e na narrativa (forma de apresentação) e impregnam a produção dos textos (autoridade, legitimidade) (ESTEBAN, 2010, p. 130).

Partindo da abordagem qualitativa, este trabalho caracteriza-se metodologicamente como uma pesquisa bibliográfica. A interpretação dos dados será elaborada a partir da construção de uma interlocução entre os textos literários em análise e os objetivos almejados na pesquisa, a saber descrever como se dá a construção de personagens femininas em narrativas literárias infanto-juvenis sob o ponto de vista físico e psicológico a partir dos estereótipos construídos acerca do feminino; relacionar a construção da identidade da personagem com aspectos relativos a identidade de gênero; e refletir sobre as implicações do estudo para a mediação pedagógica no contexto escolar. A partir de uma análise interpretativa do discurso identificado dentro das áreas da Literatura, dos estudos feministas e da Educação, esta investigação busca realizar um diálogo que permita a construção de novas perspectivas sobre o uso emancipador da literatura em sala de aula, principalmente no que tange à representação feminina condizente com identidades femininas contemporâneas e não hegemônicas.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A pesquisa bibliográfica não deve ser confundida com a revisão ou a resenha bibliográfica, pois a pesquisa bibliográfica é por si só um tipo de pesquisa,

enquanto a revisão ou a resenha bibliográfica é um componente obrigatório de todo e qualquer tipo de pesquisa (MOREIRA; CALEFFE, 2006, p. 74).

Com o levantamento bibliográfico proporcionado por este tipo de pesquisa é possível navegar entre a teoria e os textos literários, desenvolvendo um olhar mais investigativo.

Segundo Severino (2007, p. 122) “os textos [neste tipo de pesquisa] tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados”, o que possibilita ao pesquisador fazer uso das contribuições de outros autores, de modo a enriquecer o seu trabalho. Para Gil (2007), a grande vantagem desse tipo de pesquisa é o amplo acesso às informações, o que permite ao pesquisador realizar um vasto apanhado sobre a temática, e particularmente, neste estudo, dialogar com a análise de conteúdo, embasando assim as ideias apresentadas de modo a construir reflexões sobre o feminino entre os alunos a partir dos contos. A análise, portanto, se debruça sobre os contos mencionados, buscando desvendar as possíveis interpretações sobre o protagonismo feminino.

O método foi construído a partir de alguns passos. Após a seleção das obras literárias, primeiro, buscou-se construir categorias de análise visando uma análise mais consistente e clara, tendo em vista que as mesmas categorias seriam utilizadas para a análise de todas as obras. Assim, definimos os focos para a realização das análises dos contos selecionados: a observação, através da linguagem, das ações e atitudes, caracterização física e psicossocial das personagens, de modo a relacioná-los a aspectos referentes a construção da identidade feminina nos contos.

O segundo passo foi a geração de inferências a partir do entrecruzamento das informações dos textos literários e do referencial teórico que embasou este estudo. Nessas análises, procuramos, partindo de trechos destacados em cada conto, discutir a construção da identidade feminina, apresentando ao leitor suas principais características, causas e efeitos, apoiados na bibliografia de áreas afins e na leitura dos contos selecionados.

Portanto, a decisão de se realizar uma pesquisa bibliográfica, que teve como apoio a análise inferencial, foi o caminho mais consistente encontrado para alcançarmos os objetivos propostos. Certamente, extrair dos contos literários selecionados aspectos que permitam discutir a respeito das representações do feminino possibilita desenvolver uma nova maneira de olhar para os textos que provocam inferências pertinentes e são capazes de suscitar a reflexão do sujeito por meio da sua leitura.

A partir da análise de conteúdo realizada, podemos afirmar que todo conteúdo implícito na obra tem seu propósito, e que pode ser capaz de levar o leitor ou ouvinte a reflexão. Quando o conto aborda questões como as identidades de gênero; o poder constituído pelos homens na narrativa; o modo como o feminino é construído; a princesa que, mesmo subvertendo seu papel

devido à sua autonomia, independência e astúcia, é levada a aceitar todas as imposições que lhe são impostas, há um ambiente propício à recodificação do papel da mulher, que implica na constituição da subjetividade feminina. Entretanto, esse tipo de apropriação será mais profícuo caso haja a presença da mediação. As discussões acerca dessas relações serão desenvolvidas na crença de que o papel social da literatura pode oferecer novas possibilidades de apropriação.

3 CAMINHOS TEÓRICOS

*Preciso ser um outro
para ser eu mesmo.
Sou grão de rocha.
Sou o vento que a
desgasta
Sou pólen sem
insecto
Sou areia
sustentandoo sexo
das árvores
Existo onde me
desconheço
aguardando pelo
meu passado
ansiando a
esperança do futuro.
No mundo que
combato morro no
mundo por que luto
nasço
Mia Couto*

3.1 Feminismo: um breve percurso

O cerne do feminismo é a construção de um projeto de sociedade com base na transformação social, nos princípios de igualdade e justiça social em oposição a forma como o patriarcado e seu poder regulador atuam e fomentam práticas excludentes na sociedade. O feminismo e seus movimentos priorizam em seus discursos e práticas a luta das mulheres com intuito de denunciar essa realidade de exclusão e desvalorização (DESCARRIES, 2002). Dessa maneira, o movimento feminista tem em sua essência a redefinição das identidades da mulher.

O movimento feminista contemporâneo irrompeu primeiro nos Estados Unidos, no final dos anos 1960, e, em seguida, na Europa, no início da década de 1970, difundindo-se pelo mundo, nas décadas de 1980 e 1990. Ressaltamos a importância do movimento feminista, no sentido que foi a partir dele, que as mulheres passaram a desenvolver uma maior consciência acerca de sua condição.

A ênfase do enfoque sobre a mulher nas diversas áreas de estudo é resultado direto do movimento feminista das décadas de 60 e 70, e pretendeu/pretende, principalmente, destruir os mitos da inferioridade “natural”, resgatar a história das mulheres, reivindicar a condição de sujeito na investigação da própria história, além de rever, criticamente, o que os homens, até então, tinham escrito a respeito. (DUARTE, 1990, p. 15).

Os estudos literários de base feminista, desde seu início, ensejam a contestação do

discurso patriarcal em relação às produções de autoria feminina. Isso permitiu reivindicar o espaço por séculos negado às mulheres, o espaço da própria representação, bem como o espaço da produção intelectual. Esse movimento de luta percorreu não só o campo literário, mas também político e cultural, podendo ser dividido em três fases. A primeira delas, conforme Bonnici (2009), pode ser localizada entre últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, quando ganha força a luta por direitos humanos e o movimento sufragista.

Ainda em sua pré-história, a literatura feminista, segundo Zinani (2012),

conquistou um marco poderoso com a publicação, em 1792, da obra *A vindication of the rights of woman*, escrita por Mary Wollstonecraft, em que defendia o direito das mulheres à educação e a igualdade entre homens e mulheres. (ZINANI, 2012. p. 412 – grifo nosso)

Essa obra foi traduzida, livremente, no Brasil por Nísia Floresta Brasileira Augusta, que adenominou *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*, publicada em 1832. Nísia foi a primeira teórica do feminismo no Brasil. A obra de Wollstonecraft põe em discussão os ideais da mulher de igualdade e independência, configurados pelo direito à educação e à vida profissional, bem como sua luta para serem consideradas como de fato são: seres inteligentes e capazes, portanto dignos de respeito.

No início do século XX, destacou-se, sobremaneira, a produção literária e ensaística de Virginia Woolf, que denota uma consciência especial quanto à situação da mulher. Na obra “Um teto todo seu” (1980), a autora atribui a relativamente pouca produção literária feminina às condições materiais das mulheres, considerando o precário acesso à educação, às experiências da vida e à renda, o que restringiam sua liberdade intelectual.

Ainda segundo Zolin (2009), uma das consequências da primeira fase feminista para as mulheres foi que “muitas mulheres se tornaram escritoras, profissão, até então, eminentemente masculina; mesmo que para isso tenham tido de se valer de pseudônimos masculinos para escapar às prováveis retaliações de seus romances” (ZOLIN, 2009, p. 221). Esses empecilhos que as mulheres enfrentavam era motivado apenas pelo fato de serem mulheres. Logo, a luta por reconhecimento e igualdade de condições precisava se fortalecer para continuara alterar a realidade para a as mulheres.

A publicação de “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir, em 1949, pode ser tomada como um marco de uma segunda fase do movimento feminista. Essa obra chama a atenção, entre outros e relevantes aspectos, para os mitos criados sobre a mulher por escritores renomados, entre os quais estão Stendhal e D. H. Lawrence. Nesse livro, Beauvoir aponta a subordinação

feminina como uma questão ontológica, pois os discursos sobre a mulher seriam sempre construídos por um olhar exterior – a mulher não era apresentada como Um que fala, mas como o Outro que é observado, retratado. A fim de defender a realidade dessa perspectiva, a autora analisou a mulher, como um lugar social, a partir de vários ângulos: da biologia, da psicanálise, do materialismo histórico. Para a autora, o estatuto feminino é uma conquista, o que justifica a frase emblemática com a qual ela abre o segundo volume de sua obra: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2009, p. 267).

Nesse período de profundo descontentamento com a situação das mulheres depois da guerra, também fez muito sucesso uma obra escrita por Betty Friedan, intitulada *The feminine mystique* (1963). Outra autora muito significativa, especialmente na crítica, é Kate Millett, cuja obra *Sexual politics* (1969) discute as relações de poder entre os sexos. Já na década de oitenta do século XX, pode-se ressaltar o trabalho de Elaine Showalter, “A crítica feminista no território selvagem” (1994), no qual a autora discute fundamentos dessa crítica. Segundo Zinani (2012), Showalter considera duas modalidades de crítica:

a ideológica que se refere à leitora, também denominada leitura feminista ou crítica feminista, que privilegia imagens e estereótipos de mulher veiculados pela literatura, independentemente da autoria. Essa forma pode ter cunho libertador, uma vez que pode desconstruir os modelos veiculados pela literatura. A segunda modalidade refere-se à mulher como escritora, “e seus tópicos são a história, os estilos, os temas, os gêneros e as estruturas dos escritos de mulheres”. (SHOWALTER, 1994, p. 29).

Ainda é possível falar em uma terceira fase, de acordo com Bonnici (2007), que se iniciou em torno de 1990, nos Estados Unidos. Surge nesse período uma renovação do movimento feminista devido a problemas de ordem legal enfrentados nos Estados Unidos; a grupos que atribuíam a redução de direitos dos homens à relativa igualdade de direitos adquirida pelas mulheres até aquele momento; e a crítica conservadora e pós-feminista de que as mulheres já teriam garantida a paridade na sociedade. Esse terceiro período do movimento feminista apresenta, portanto, uma pauta de reivindicações mais ampla do que a fase anterior e passa a englobar em seus pressupostos “a teoria queer, a conscientização negra, o pós-colonialismo, a teoria crítica, o transnacionalismo” (BONNICCI, 2007, p. 253), entre outros.

Bonnici (2007) aponta também como aspecto relevante desse terceiro período do movimento feminista a autoestima sexual, uma vez que a sexualidade é também uma modalidade de poder. Esse aspecto é, no entanto, controverso dentro do próprio movimento feminista. Grupos vinculados aos ideais da segunda fase apontam a liberação e autoestima

sexual como razão para a decadência do movimento e para a construção de uma imagem negativa pela mídia.

Perdendo visibilidade em meio às demais lutas políticas de outros grupos identitário (negros, LGBTQI+), o feminismo, como corrente de pensamento e movimento social de luta, ficou cada vez mais fragmentado e distante. Em outras palavras, o feminismo se reinventou e passou a existir como mais uma forma de vida política que busca no reconhecimento das diferenças o direito à igualdade de tratamento e de condições, ou seja, a paridade.

3.2 O feminismo e a emergência do gênero

O feminismo foi, sem dúvida, um importante movimento social que começou a ter visibilidade no final do século XIX, com o sufrágio. No final da década de 1960, o movimento, no processo que passou a ser considerado como segunda onda do feminismo, se expandiu para além do seu sentido reivindicatório, não só exigindo a igualdade de direitos em termos políticos e sociais, mas constituindo-se também em crítica teórica. Este não foi um movimento isolado, pois somou-se a outros movimentos igualmente importantes, como os movimentos estudantis, negros e outros, principalmente nos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha e França.

Stuart Hall (1997) mostra que o feminismo introduziu aspectos inteiramente novos na luta de contestação política, na medida em que abordou temas como família, sexualidade, trabalho doméstico, o cuidado com as crianças etc. Além disso, segundo Hall (1997) o feminismo,

ênfaticamente, como uma questão política e social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados. Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas) [...] aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres, expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero (HALL, 1997, p. 49).

O conceito de gênero surgiu entre as estudiosas feministas para se contrapor às ideias e explicações que tinham no determinismo biológico a justificativa para a diferença dos comportamentos entre mulheres e homens, ou seja, que justificava as desigualdades a partir das diferenças físicas. No panorama das relações de gênero, a discussão gira em torno dos processos de construção ou formação histórica, linguística e social, instituídas na formação de mulheres

e homens, meninas e meninos (SOUZA, 2009). Os Estudos Feministas procuravam chamar a atenção para as condições de exploração e dominação a que as mulheres estavam submetidas; tais condições eram reflexos das relações de poder existente entre homens e mulheres.

Louro (1995) enfatiza que esses estudos, além de serem uma ferramenta teórica potencialmente útil para os estudos das Ciências Sociais, despontavam como uma importante categoria analítica para a História, em especial para a História da Educação. Seu caráter político pode ser considerado como sendo uma de suas marcas mais significativas:

Objetividade e neutralidade, distanciamento e isenção, que haviam se constituído, convencionalmente, em condições indispensáveis para o fazer acadêmico, eram problematizados, subvertidos, transgredidos. Pesquisas passavam a lançar mão, cada vez com mais desembaraço, de lembranças e de histórias de vida; de fontes iconográficas, de registros pessoais, de diários, cartas e romances. Pesquisadoras escreviam na primeira pessoa. Assumia-se, com ousadia, que as questões eram interessantes, que elas tinham origem numa trajetória histórica específica que construiu lugar social das mulheres e que o estudo de tais questões tinha (e tem) pretensões de mudança (LOURO, 1997, p. 19).

É necessário levarmos em consideração que boa parte da produção brasileira voltada para os estudos feministas concentrou-se nas mulheres, levando em conta questões como a feminização do magistério. Outras ocupações vinculadas ao trabalho feminino compuseram o maior número das pesquisas, muitos destes trabalhos denunciam a opressão e desigualdade social vivenciada pelas mulheres (ROSEMBERG, 1992). Atualmente as pesquisas no Brasil passaram a focar as relações de gênero entendendo que mulheres e homens são formados “uns com os outros e também no entrecruzamento de outras categorias, como classe social, religião, etnia, nacionalidade, geração” (LOURO, 1997). Entende-se, entretanto, que os estudos acerca de gênero não se limitam aos estudos de/sobre mulheres, tendo em vista que estas construções também perpassam o universo masculino. Dessa maneira, a discussão se amplia, levando em consideração a construção das masculinidades e como este discurso é proferido, como aponta Louro (1995).

O termo gênero diz respeito aos processos culturais que atuam mediante relações de poder, construindo padrões hegemônicos, a partir de corpos sexuados (SCOTT, 1995). A mesma autora define gênero como sendo “toda e qualquer construção social, simbólica, culturalmente relativa, da masculinidade e da feminilidade. Ele define-se em oposição ao *sexo*, que se refere à identidade biológica dos indivíduos” (SCOTT, 1990, p. 5). Dessa maneira, gênero não é sexo: ele é uma categoria que se impõe sobre o corpo sexuado, aquilo que faz do ser biológico um sujeito social, seja ele homem, mulher, heterossexual ou homossexual, branco ou negro.

É importante voltar à atenção para a forma como o conceito de gênero tem sido utilizado, segundo Souza (2005, p. 4), “alguns trabalhos, por exemplo, apresentam enfoques neutralizantes efixos, colocando o conceito de gênero como sinônimo de papéis sexuais, estereótipos sexuais ou de identidades sexuais”. É o caso do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, em seu volume 2 (BRASIL, 1999), ao afirmar que por volta dos cinco e seis anos a questão de gênero ocupa papel central na construção da identidade e que ocorre uma separação espontânea entre meninos e meninas.

Dentre as questões relacionadas à sexualidade, as relações de gênero ocupam um lugar central. Há um vínculo básico entre gênero de uma pessoa e suas características biológicas, que a definem como do sexo feminino ou masculino. Perceber-se e ser percebido como homem ou mulher, pertencendo ao grupo dos homens ou das mulheres, dos meninos ou das meninas, se dá nas interações estabelecidas, principalmente nos primeiros anos de vida e durante a adolescência (BRASIL, 1999, p. 17-20).

Tal assertiva desconsidera as construções históricas, sociais e culturais que levam à naturalização dos comportamentos de meninos e meninas nos diferentes contextos, ambientes e situações. Parece que o RCNEI não contempla as discussões das áreas dos estudos de gênero, uma vez que se refere a conceitos, mesmo de forma implícita, como papéis, estereótipos, identidade sexual e gênero sem a devida problematização

Mesmo quando o ambiente é flexível quanto às possibilidades de exploração dos *papéis* sociais, os *estereótipos* podem surgir entre as próprias crianças, fruto do meio em que vivem, ou reflexo da fase em que a divisão entre meninos e meninas torna-se uma forma de se apropriar da *identidade sexual* (BRASIL, 1999, p 42).

Autoras e autores como Scott (1995), Louro (1997), têm apontado para as limitações que são impostas aos conceitos de papéis, pois não ampliam nem se relacionam com as discussões a respeito de poder, violência e desigualdade. Essa abordagem engessada faz com que as discussões sobre gênero sejam estanques e não problematizadas de forma adequada. Abordar, por exemplo, as posições sociais das mulheres nessa ótica restringem as mulheres aos papéis de esposa, mãe, rainha do lar. Dessa maneira, o conceito está sendo usado para se referir a um ideal de mulher estereotipado, reforçando assim posições sociais tradicionais em relação ao homem e à mulher. O determinismo biológico também prevalece sob essa concepção engessada e naturalizam construções sociais sobre quais posições sociais mulheres e homens devem seguir, reforçando, assim, as diferenças de maneira desigual.

As transformações que o gênero, enquanto categoria, têm passado lhe dão um caráter mais dinâmico, tendo em vista que antes ele era

vinculado a uma variável binária arbitrária, que reforçava dicotomias rígidas, passou a ser compreendida como uma categoria relacional e contextual, na tentativa de contemplar as complexidades e conflitos existentes na formação dos sujeitos. No entanto, ao invés de ser encarada como uma desvantagem, estas ressignificações do conceito, extremamente necessárias, trazem uma maior vitalidade para a compreensão das relações de gênero (SOUZA, 2005, p. 5).

Essa instabilidade com relação as novas construções de gênero remetem ao conceito de identidade como sendo móvel e que vai se construindo durante a existência do ser, sendo assim um processo flexível. Stuart Hall (1997) critica o conceito de identidade marcadamente fixa, unificada e estável, ao dizer que,

o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 1997, p. 13)

Hall (apud SOUZA, 2005) também observa que tais concepções remetem ao fato de que não existe uma identidade prévia, inata, mas processos identificatórios que vão se construindo ao longo da existência. Tais processos são influenciados pelos diversos atravessamentos que constituem os sujeitos - classe social, raça, etnia, religião, gênero etc. Por estar sempre em formação, a identidade caracteriza-se pela incompletude. No entanto, mesmo estando todo o tempo em processo, a tendência é de imaginá-la como “resolvida”, “acabada”, “unitária”.

Para Lauretis (1994) o gênero é mais que uma categoria, um conjunto de traços reconhecíveis, com a qual o indivíduo se identifica ou se diferencia. A noção de gênero é também a representação de uma relação, relação que se estabelece entre uma pessoa e outras pessoas previamente constituídas como classe. Não é, portanto, uma questão meramente individual. Como relações sociais, as representações de gênero, na visão da autora, são construídas nas mais diversas instâncias sociais: a mídia, a religião, os currículos escolares, as relações familiares, a língua do cotidiano, as diferentes ideologias. Enfim, há todo um aparato cultural e semiótico que ajuda a forjar identidades sexuais, sociais e raciais a partir da sobreposição de representações e da diferenciação e identificação dos indivíduos dentro de grupos específicos.

Como afirma ainda a mesma autora,

as concepções culturais de masculino e feminino como duas categorias complementares formam, dentro de cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais” (LAURETIS, 1994, p. 211)

Tais representações constituem os sistemas de gênero aos quais a autora se refere, de forma que ser representado (ou se representar) como “homem” ou “mulher” já subentende a “totalidade dos atributos sociais associados a homens e mulheres” (LAURETIS, 1994, p. 212).

Para o pensamento pós-estruturalista, a identidade de gênero não é um dado natural, mas sim o resultado de uma série de discursos que hierarquizam grupos e validam o que é considerado normal pela ordem dominante (SCOTT, 1995), discursos que são permeados pelas relações de poder. Sendo assim, a representação biológica é um dos constituintes da identidade, no entanto os fatores sociais e culturais são predominantes na formação da identidade de gênero. Então a biologia não é definidora, ela é um dos muitos elementos que constitui a identidade, seu desenvolvimento ocorre desde o nascimento, num processo de interação constante entre o indivíduo e os outros, não se constituindo nem se apresentando de maneira fixa (LOURO, 2003). Segundo Meyer (2003), a intenção dos estudos pós-estruturalistas é analisar e questionar os múltiplos processos socioculturais que utilizam a anatomia para justificar diferenças, desigualdades e subordinações entre as pessoas. Perceber as sutis relações de poder estabelecidas numa sociedade altamente hierarquizada como a atual sociedade ocidental, que em alguns casos impõe modelos a serem seguidos por todos, não constitui um trabalho simples. A naturalização de alguns hábitos, concepções e valores pode indicar a existência de procedimentos de repressão sexual muito arraigados presentes na civilização.¹ A análise da identidade de gênero, para Louro (2000; 2003) e Souza (2005), indica que a ação isolada de outras experiências pessoais é insuficiente para a compreensão das representações de poder que se ligam às construções das identidades. Para essas pesquisadoras, as identidades vão sendo construídas durante a vida do indivíduo antes mesmo do seu nascimento, nas relações que são estabelecidas entre a criança e as pessoas com quem convive, sejam elas outras crianças, adolescentes ou adultos, e também entre a criança e os diversos objetos culturais aos quais tem acesso. Essas identidades de gênero são construídas a partir de modelos de normalidade que são adotados por grupos sociais diversos. Na nossa cultura, por exemplo, a representação dominante

¹ Relações entre gênero e escola no discurso de professoras do ensino fundamental. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752011000100003.

do ser humano é evidenciada pela figura do homem heterossexual, jovem, branco, cristão e de classe média (LOURO, 2003; SILVA, 2004).

Numa sociedade patriarcal, segundo Bellin (2011, p. 6),

ser representado como homem pressupõe os atributos de força, virilidade e insensibilidade, uma vez que, desde a infância nessa sociedade, a grande maioria dos homens é advertida de que “homem não chora” e de que qualquer demonstração de sentimentos pode gerar dúvidas em relação à masculinidade, à sexualidade.

A mesma autora faz um contraponto ao afirmar

Por outro lado, ser representada como mulher pressupõe a existência de valores tradicionalmente considerados “femininos”, tais como a maternidade, a empatia, a sensibilidade, a solidariedade e o sentimentalismo. Tais características são socialmente construídas, inculcadas através da educação e do aprendizado de atitudes e valores ao longo da vida do indivíduo, o que mostra que não podemos perceber as diferenças entre homens e mulheres como uma mera diferença sexual. (BELLIN, 2011, p. 6)

3.3 Crítica feminista: contribuições para a história da literatura

Desde a década de 1970, o movimento feminista e a militância de vários grupos identitários impactaram sobremaneira a recepção e crítica artístico-cultural, e mais especificamente a literária. Esse impacto consiste numa abertura para a consideração do gênero como aspecto relevante para a compreensão da produção literária, o gênero de autoria das obras, o gênero do leitor e as questões relativas ao papel da mulher como leitora e como escritora.

A crítica feminista desenvolveu-se, mais precisamente, na segunda metade do século XX. Costuma-se situar a crítica feminista em três grandes momentos. O início da primeira fase corresponderia à década de 60, em que se procurou verificar a representação feminina em obras de autores masculinos. Já o segundo período foi marcado pela relação entre a escrita de autoria feminina e o posicionamento de suas respectivas escritoras, mais precisamente, o que Showalter (1979) denominou como *ginocrítica*, enquanto o terceiro momento (no início dos anos 1980) enfatizou as questões referentes ao gênero, bem como as relações de poder e repressão.

Segundo Bellin (2011, p. 2), “o ato fundador da crítica feminista foi uma releitura de obras que fazem parte da tradição literária ocidental, quase em sua totalidade escrita por homens. Tal crítica se concentrava nos modos de representação das personagens femininas e continha um caráter de denuncia”. Essa última vertente tem por meta fazer uma releitura de

obras literárias, independentemente da autoria, considerando a experiência da mulher, ou seja, procura detectar, através do estilo, da temática e das diferentes vozes do texto, a relevância da voz feminina, os traços de patriarcalismo que perpassam a obra, assim como analisar os estereótipos e representações femininas presentes nas obras literárias.

Não devemos reduzir a literatura a representações de atitudes, crenças e valores patriarcais, lembramos que estes marcadores existem e contribuem para a disseminação do machismo e dos valores patriarcais. No entanto, a literatura também deve ser interpretada como um espaço favorável para a articulação e materialização das posições sociais de homens e mulheres ao longo dos séculos. Sendo assim, cabe ao leitor perceber também as marcas subliminares que compõem a escrita de muitas obras literárias.

Zolin (2009), afirma:

Ler, portanto, um texto literário tomando como instrumentos os conceitos operatórios fornecidos pela crítica feminista [...] implica investigar o modo pelo qual tal texto está marcado pela diferença de gênero, num processo de desnudamento que visa despertar o senso crítico e promover mudanças de mentalidades, ou, por outro lado, divulgar posturas críticas por parte dos(as) escritores(as) em relação às convenções sociais que, historicamente, tem aprisionado a mulher e tolhido seus movimentos. [...] a crítica feminista trabalha no sentido de desconstruir a oposição homem/mulher e as demais oposições associadas a esta, numa espécie de versão do pós-estruturalismo. (ZOLIN, 2009, p. 182)

Dessa forma, a crítica feminista atual procura promover condições de reconhecimento e identificação das bases em que se sustentam as representações de gênero legitimadas na sociedade e que servem de aparato para a dominação de um gênero sobre outro. Ao desvelar as bases da dominação, busca-se sua desconstrução e superação. Nesse sentido, apresenta-se à mulher a importância de ela rejeitar representações que o patriarcalismo tem destinado a ela por anos como se tal condição fosse algo Natural/Biológica.

Bonizzi (2009) discute as experiências de leitura vivenciadas por homens e mulheres, nas quais existem diferenças marcantes na interpretação e leitura diante de uma mesma obra. A leitura feminina leva em consideração aspectos tais como: a não neutralidade nas representações masculina e feminina; o desvelamento dos estereótipos masculinos e femininos presentes na obra; desvela a ideologia patriarcal; faz uma análise da representação das personagens femininas através do ponto de vista masculino, além de promover o questionamento sobre como o texto constrói sua leitura. A constatação de que a experiência da mulher como leitora e escritora é diferente da dos homens implicou em significativas mudanças, pois propõe a quebra de paradigmas, além da descoberta de novos horizontes.

Essas questões, entre outras, constituem o substrato de uma crítica feminista que procura desconstruir os processos ideológicos tradicionais, discutindo as representações masculinas e femininas, a fim de colocar em evidência as questões de identidade de gênero. Essa proposta de leitura faculta uma abertura para as possibilidades de mudança na escrita literária e na sua interpretação.

Diante disso, a filósofa Judith Butler, em seu livro *Problemas de Gênero* (2003), preocupa-se com este fato e aponta que, na verdade, a mulher foi todo esse tempo, não apenas representada, mas mal representada na literatura. Butler (2003) afirma que o discurso feito pelo outro é sempre uma versão, nunca consegue representar na totalidade e com fidelidade; e ainda é feito com determinados objetivos.

Acerca do conceito de representação, têm-se múltiplos significados, entre eles, um que aponta para o ato de fazer às vezes de representar a realidade, a sociedade e contexto histórico em que os sujeitos estão inseridos, ou seja, marcas culturais que sempre afetam o modo como o discurso é produzido. Por isso, podemos afirmar que, por muito tempo, as representações de personagens femininas na literatura foram realizadas de acordo com estereótipos culturais da época, ditados pelo sistema patriarcal, como exemplifica Zolin (2009, p. 226): “o da mulher sedutora, perigosa e imoral, o da mulher como megera, o da mulher indefesa e incapaz e, entre outros, o da mulher como anjo capaz de se sacrificar pelos que a cercam”, sendo somente esta última, a de anjo, vista com uma conotação positiva.

3.4 Estudo sobre o protagonismo feminino na literatura

As discussões acerca do uso da literatura em sala de aula relacionadas à constituição de personagens femininas e à representação de suas identidades na sociedade é um dos veículos que favorecem o diálogo sistemático sobre a construção do feminino na sociedade. Entende-se que a leitura do texto literário permite o envolvimento de sentimentos como a emoção, o prazer e o deleite. O ato de ler, nesse contexto, torna-se uma “ação intelectual”, uma vez que mobiliza os conhecimentos e as experiências prévias do leitor para codificar a informação veiculada pelo texto, materializando-se na apropriação do mesmo. Essa experiência é sentida pelo corpo e faz o sujeito tornar-se ativo frente ao contexto histórico-social do qual faz parte.

Podemos destacar, a partir do levantamento bibliográfico feito entre as plataformas pesquisadas, que existem estudos que abordam a temática do protagonismo feminino na literatura, no entanto, no que se refere ao trabalho em sala de aula acerca desta temática, observa-se a necessidade de maiores discussões. Desta maneira é importante fomentar pesquisas que

investiguem como a literatura pode ser utilizada em sala de aula para promover o combate às desigualdades, ao silenciamento e à invisibilidade ainda tão presentes e reservados às mulheres. Seguindo essa linha de pensamento, o presente estudo, através da análise de representações de identidades femininas em narrativas contemporâneas, busca contribuir para a produção de conhecimento sobre o trabalho com a literatura em sala de aula que vise ao reconhecimento e reforço de novas e diferentes identidades femininas, as quais ultrapassem e reconfigurem os estereótipos, favorecendo a constituição de uma sociedade mais justa e igualitária.

Em busca de respostas, iniciamos esse trabalho a partir do mapeamento das produções científicas existentes que versavam sobre a mesma temática da proposta de pesquisa desta dissertação para, assim, construir um diálogo desta com aquelas com vistas a ampliar as ideias levantadas inicialmente nesta pesquisa. Para a busca por produções científicas sobre a temática, no campo da educação no Brasil, utilizamos as palavras feminino, contos, literatura juvenil, menina.

A seguir apresentamos uma breve síntese das problematizações, referenciais e achados das pesquisas que apresentam de algum modo um entrelaçamento com o objeto de estudo desta dissertação, a saber, a representação de identidades femininas voltadas para o público infanto-juvenil. Nascimento (2003), em sua dissertação intitulada “Da construção da identidade feminina em contos de Clarice Lispector: uma análise semiótica”, analisa, por meio da leitura semiótica, a construção da identidade feminina em contos da escritora Clarice Lispector. A análise semiótica desses contos buscou revelar os sistemas de valores e a “visão de mundo” da cultura brasileira, no que se refere à formação de uma identidade feminina, em outras palavras, o que as obras analisadas demonstravam que se entende como ser “mulher” na sociedade brasileira da época, quais papéis cabiam ou eram impostos à mulher e, conseqüentemente, o que se “esperava” dela. Este é um tema recorrente em grande parte dos textos de Clarice Lispector, suas personagens femininas, de uma forma ou de outra, buscam, seu lugar no mundo.

A pesquisa de Nascimento (2003) se debruça sobre 4 contos, a saber, “Amor”; “A imitação da rosa”; “Os laços de família” (publicados em 1960, na obra *Laços de família*); e “A bela e a fera ou A ferida grande demais” (publicado em *A Bela e a Fera*, de 1979). Sua análise identificou muitos papéis considerados tipicamente femininos: a filha, a mãe, a esposa, a bela, a dondoca, a dona de casa, a conservadora, a livre, a louca entre outros. Sob a perspectiva da semiótica greimasiana, a autora buscou descrever as estruturas narrativas ediscursivas nas quais se sustentam a ideologia e os sistemas de valores socioculturais brasileiros e concluiu os papéis femininos presentes nos contos de Clarice Lispector apontam como recorrentes e legitimados comportamentos de submissão e servidão feminina que se consolidam com o

casamento e a maternidade.

Além disso, a pesquisa também chega à conclusão que o “fazer” individual do sujeito é de grande importância na construção do seu ser, da identidade a ser assumida e reforçada. Ainda que outros (discursos), sem dúvida, possuam papel fundamental na formação de uma identidade, propondo e/ou impondo valores, a escolha é, mesmo que em última instância, da própria pessoa, a qual é concebida como sendo, assim, essencialmente livre. A partir dessa pesquisa, fica perceptível que os papéis, identidades, estereótipos femininos ainda merecem destaque, pois o trabalho focou apenas em alguns aspectos relacionados ao modo como as mulheres são representadas nas narrativas, também não foi possível verificar a forma como estas obras literárias seriam trabalhadas em sala de aula, o que reforça as hipóteses desta pesquisa sobre a pouca produção acadêmica nesse sentido.

Assim como a pesquisa de Nascimento (2003), Carvalho (2009) faz uma análise da figura feminina dentro do universo ficcional e de como a mulher é representada na literatura infanto-juvenil, na dissertação “Contos de fadas: um percurso histórico-literário das imagens da mulher”. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram selecionados dois contos mais antigos, compilados dos irmãos Grimm, “Branca de Neve” e “Rapunzel”, contrastados com narrativas mais atuais, a saber: “A mulher e a filha bonita”, de Sílvio Romero, e “A moça tecelã”, de Marina Colassanti.

A pesquisa pretendeu possibilitar reflexões acerca de diferentes representações da mulher, pois os contos selecionados englobavam não apenas épocas e culturas diferentes, como também apresentavam diversos papéis femininos: mães, madrastas, filhas, irmãs e esposas. Ou seja, as narrativas selecionadas possibilitavam enxergar algumas repetições temáticas ao longo dos anos e entender o porquê de elas serem revisitadas. Nesta pesquisa, quem desempenha o papel de herói e realizador das maiores ações do enredo são as mulheres, assim são elas que dão o ritmo da narrativa e não os homens. Diferente dos contos tradicionais os príncipes ou heróis não desempenham funções de destaque.

Metodologicamente, Carvalho (2009) ancorou-se nos estudos comparados de Literatura, campo em que a análise leva em conta, além dos aspectos literários e artísticos das obras, os aspectos históricos, sociais e psicológicos envolvidos na construção da narrativa. A autora concluiu que os contos de fadas materializam os sentimentos humanos, pois colocam o trágico e o sublime, o ódio e o amor, a inveja e a abnegação como elementos centrais das tramas. Além disso, segundo a autora, os contos de fadas trazem a personagem mulher como um esboço, um reflexo de muitas mulheres em situações reais.

No estudo intitulado “Temas e teimas: o discurso feminino e feminista de Marina

Colassanti”, Monteiro (2009) aborda a construção da identidade feminina na escrita de Marina Colassanti. A pesquisa analisa a articulação da escrita desta escritora, em diferentes gêneros textuais, para a construção de uma voz feminina que busca seu lugar no texto e na história e também discute como se deu o enfraquecimento do feminismo e sua gradual substituição pelas questões de gênero. Além de propor um olhar, a partir da escrita de Mariana Colassanti, sobre o feminismo e a influência desse movimento social na literatura de uma maneira geral. A pesquisadora optou, em sua investigação, por analisar dois gêneros bem distintos: o ensaio jornalístico e o conto. A questão principal da pesquisa de Monteiro (2009) é analisar como através da linguagem se configura a imagem do feminino nas obras “A nova mulher”, publicado em 1980; “Mulher daqui pra frente”, de 1981; e “Contos de amor rasgados”, de 1986.

Das obras “A nova mulher” e “Mulher daqui pra frente”, Monteiro (2009) analisa uma seleção de ensaios, escritos inicialmente para a revista Nova e, posteriormente, publicados em livros. A análise se apoiou principalmente na teoria da estética da recepção de Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss e buscou, através da reconstrução do horizonte de expectativa, retomar as questões para as quais os textos analisados construíram uma resposta. Para tanto, a pesquisadora procurou entender como acontece a interação entre texto e leitor, pois os textos analisados têm um público bem demarcado, que são as leitoras de uma revista feminina. Esse aspecto da interação entre texto e leitor torna-se muito importante quando pensamos o contexto de sala de aula.

Com relação aos contos, a pesquisadora fez uma análise do livro “Contos de amor rasgados” por entender que nele também encontraria a relação amorosa entre homem e mulher como ponto de partida para a criação literária. A extensão dos contos também foi um fator que influenciou a escolha, a própria autora os classificou como mini-contos, tal o poder de concisão desenvolvido nos textos. A pesquisa conclui que a autora se propunha, também no âmbito ficcional, a discutir sobre o papel social da mulher. As personagens femininas apresentadas se mostraram como fragmentos de um único “eu”. A existência de uma identidade multifacetada da mulher, como aponta a pesquisa, pode ser compreendido como um ponto de partida interessante para a reflexão na sala de aula sobre as diferentes e emergentes identidades femininas contemporâneas.

Dodo (2010) investiga as representações de afetos femininos nos contos de fadas de Marina Colassanti, considerando o diálogo dos contos desta autora com as narrativas de contos de fadas tradicionais e situando aqueles contos no contexto da narrativa contemporânea. O corpus da pesquisa compreende os livros “Uma ideia toda azul” (1979), “Doze reis e a moça no labirinto dovento” (1982), “Entre a espada e a rosa” (1992) e “Longe como o meu querer”

(1997). A pesquisa conclui que a mulher representada por Marina Colassanti é um ser em construção, e traz, ao mesmotempo, a marca de uma cultura ancestral, traduzida em simbologias arquetípicas, além da marca da cultura contemporânea, que ainda não consegue lidar satisfatoriamente com a emancipação feminina. O referencial teórico que serve de base para a análise de pontos convergentes e divergentes entre as narrativas selecionadas, quanto à função das personagens nessas narrativas, parte de Propp (1983). Para o entendimento do “maravilhoso”, Dodo (2010) se utiliza de Todorov (2004) e Coelho (1991), que trazem observações elucidativas sobre o conto de fadas e as narrativas maravilhosas.

Por sua vez, a pesquisa de Bergami (2016) tem como objetivo evidenciar a representação cultural do feminino em cada momento histórico e, conseqüentemente, as nuances transformadoras da mulher vincada numa sociedade androcêntrica. A pesquisadora finaliza afirmando que, na escrita de Machado, desvela-se o trançado de uma escritora comprometida como presente, questiona o passado a partir de elementos que fazem parte do cotidiano, como as desigualdades de gênero, os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres, a luta pela igualdade de direitos e as respectivas transformações pelas quais passa a sociedade.

Num outro viés, Martins (2015), apresenta em sua pesquisa uma investigação sobre as identidades femininas no contexto de suas relações interpessoais, verificando que as personagens femininas nas narrativas, sejam protagonistas ou coadjuvantes, não se subscvem na perspectiva de submissão que, muitas vezes, são encontradas nas narrativas clássicas.

Para essa pesquisa foram selecionadas as seguintes obras para constituir o corpus: “História meio ao contrário” (1978), “O príncipe que bocejava” (2004), “A princesa que escolhia”(2006) e “Uma, duas, três princesas” (2013). A escolha destas obras se deu devido a elas se configurarem como uma revisitação moderna a conto de fadas clássicos, realizadas por meio do diálogo estabelecido com contos tradicionais. Com a finalidade de debater acerca dessa temática, a pesquisadora utilizou os estudos de Khéde (1990), Hall (2006), Beauvoir (1949), Louro (1997) e Martins (2005) dentre outros.

O objetivo principal de Martins (2015) foi demonstrar como o questionamento do papel da mulher na sociedade ocidental pode ser transformador e, como essa nova realidade tem refletido nas produções literárias modernas no âmbito da Literatura Infantil. Por meio das análises desenvolvidas nesse estudo, a pesquisa conclui que, os contos de fadas analisados da autora Ana Maria Machado se configuram como obras emancipadoras, embora apresentem em alguns momentos personagens que tendem a reforçar os arquétipos cristalizados nas narrativas tradicionais. Os enredos, ao explorar temas relevantes como o papel da mulher, o direito ao

poder, ao voto, ao direito de decisão por parte das mulheres em relação a suas próprias vidas, possibilita travar de diálogos que muito tem a favorecer a formação dos leitores e leitoras. As obras analisadas tendem a fazer pensar através do diálogo estabelecido entre autor/livro/leitor. E sendo parte do arcabouço da Literatura Infantil, em nada essas narrativas perdem para os grandes clássicos, seja na estética, temática ou na excelente composição da linguagem e das ilustrações.

Zinani (2003) discute a formação da identidade pessoal e de gênero a partir da obra “A mulher habitada”, de Gioconda Belli, buscando observar como a obra estudada promove a ruptura com modelos tradicionais de mulher e integra modelos cognitivos, afetivos e sociais. A análise da obra se dá a partir da crítica feminista, devido à atualidade e relevância dessa perspectiva nos estudos culturais. A pesquisa tem como questão norteadora: de que maneira ocorre a representação da formação da identidade pessoal e de gênero e como essa representação se relaciona com a formação da identidade nacional. Como desdobramento do objetivo geral, Zinani (2003) discute e analisa aspectos que fundamentam a crítica feminista e suas relações com a linguagem e com a crítica literária; investiga a modalidade de constituição do sujeito feminino que viabiliza a formação da identidade; verifica como ocorre a definição de nação; investiga a relação estabelecida entre passado e presente na obra; discute a ideia de utopia; além de oportunizar uma reflexão sobre a constituição da identidade pessoal, genérica e nacional. O estudo está inserido na área de Literatura Comparada e fundamentado na crítica feminista. Para discutir a formação do sujeito em relação ao gênero, ao poder e ao saber a pesquisadora utilizou como aporte teórico, principalmente, Michel Foucault (2000), Joan Scott (1992), Stuart Hall (2001). Para examinar em que medida os aspectos da identidade e da subjetividade se apresentam na obra, a pesquisadora se ancorou nos estudos de Otto Rank (1939), Gilbert Durand (1988; 2001; 1981; 1995; 1993; 1984) e Gaston Bachelard (2000). Com relação à crítica feminista, a pesquisa propõe novos paradigmas interpretativos através da valorização da experiência da mulher, da desconstrução da assimetria masculino/feminino.

A crítica feminista também considera a questão da linguagem como sendo uma construção simbólica, na qual podem ser veiculados preconceitos e pode-se estabelecer dominação. Dessa forma, e considerando que os seres humanos se constituem na linguagem e esta pode ser um elemento de afirmação da experiência do feminino. Zinani (2003) propõe uma reavaliação dos discursos que possibilitam a desconstrução do preconceito na construção do sujeito. A autora constata também que a relação entre crítica literária e crítica feminista são problemáticas, quando se verifica a forma como a mulher é representada nas obras escritas por homens e por mulheres e como se dá a recepção de textos escritos por mulheres. Com relação

às práticas culturais, a pesquisa conclui que o discurso da mulher sempre foi um discurso marginalizado. Dessa forma, a literatura escrita por mulheres é considerada bem inferior à produzida por homens. E, finalmente, um dos aspectos mais relevantes da pesquisa consiste no reconhecimento das marcas de gênero tanto na leitura como na escrita feminina, concluindo que a mulher, enquanto leitora, precisa estar habilitada para identificar a reprodução e estereótipos femininos, marcada por juízos enganosos e conceitos ultrapassados, e que somente a prática de uma leitura crítica poderá fazer com que a leitura feminina seja um ato de libertação.

A pesquisa empreendida por Freitas (2011) tem por objetivo estudar as personagens femininas das escritoras nas obras “Laços de família” (1960), de Clarice Lispector, e “Flores ao telefone” (1968), de Maria Judite de Carvalho, tendo como ponto de partida a relação existente entre a criação das personagens e o papel social vivido pela mulher em cada época. A pesquisa traça uma investigação sobre as mudanças sociais e as transformações ocorridas no universo feminino, dando voz às mulheres através da ficção. O universo das duas escritoras é estudado tendo como base teórica a discussão sobre os vários aspectos do feminino em “O segundo sexo” (BEAUVOIR, 2009), escolha que se justifica devido à importância dessa obra no que diz respeito à investigação sócio-histórica sobre a construção do sujeito feminino, além do fato de ter exercido, nas décadas em que se concentra o estudo, grande influência sobre a escrita de autoria feminina no Brasil e em Portugal. O rastrear desse feminino mais questionador, que nega a conduta determinada pela tradição para a mulher, nas personagens femininas de Lispector e de Maria Judite tem como conclusão que estas autoras utilizam a obra literária como espaço de contestação, pois enfocam os problemas sociais que sempre inquietaram o universo feminino. A pesquisa possibilitou ainda observar que a mulher permanece dividida entre sua consciência e os deveres a cumprir, denunciando assim um lado alienante da submissão.

Estes trabalhos dialogam com a pesquisa empreendida, pois em geral objetivam abordar as questões tais como: a construção da identidade feminina nos contos; a representação da mulher em diferentes culturas e épocas, compreendendo que tais representações vão mudando a partir de marcadores sociais e temporais; a construção da identidade feminina no contexto das relações pessoais em que as mulheres se opõem à submissão, reclamando seus direitos e seu poder de fala na sociedade patriarcal; além da construção das identidades de gênero utilizando a crítica literária como modelo para interpretar e ler a obra literária; e, por fim, as posições sociais criadas e vivenciadas pelas personagens. Salienta-se aqui que não foram encontrados nos bancos de dados pesquisados trabalhos que versassem sobre a utilização dos contos enfatizando o protagonismo feminino. Essas pesquisas abordam e investigam a literatura como uma fonte

eficaz para trabalhovoltado para as questões construção da identidade feminina e todos os seus desdobramentos, no entanto elas não abordam o trabalho com o tema proposto em sala de aula. Essa lacuna reafirma a importância da presente pesquisa, na qual a mediação da obra literária é fundamental por proporcionar um arejamento a partir da mediação pedagógica.

Zolin (2010), por exemplo, teve como objeto em sua pesquisa levantar algumas reflexões acerca das noções teóricas e críticas que respaldam o debate sobre representações literárias nas identidades femininas. Para esse objetivo, a autora utilizou como referencial teórico Bourdieu (1998), para o qual a identidade do ser ou da coisa representada, não raro, se resume à aparência dele ou dela, escamoteada através de configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída. Zolin (2010) também problematiza as representações de imagens femininas que permeiam nossa tradição literária e cultura em contraponto às representações na literatura de autoria feminina contemporânea. A autora conclui seu artigo afirmando que a literatura de mulheres, historicamente marginalizada, vem ganhando espaço e veiculando uma voz dissonante das representações de identidades femininas tradicionais, uma literatura na qual o perfil feminino é composto de várias identidades, às vezes, contraditórias ou não-resolvidas. Dessa forma, as obras de literatura contemporânea de autoria feminina já podem ser consideradas representativas do conjunto das diversas perspectivas sociais das mulheres na atualidade.

Witzel (2013) aborda a visibilidade dos discursos que implicam processos de subjetivação/objetivação das mulheres. Ancora-se sobre o pano de fundo da relação entre sujeito, verdade e poder para verificar procedimentos reguladores que produziram, na ordem mítica e feérica, discursos de verdade sobre o ser feminino. A pesquisa parte do princípio de que, muito mais falar sobre a mulher, as narrativas retratam normatizações sobre seu corpo, sua alma, seus pensamentos, suas condutas. Assim, mitos e contos de fadas são examinados por Witzel (2013) como uma profusão de discursos que abrigam práticas modelares e orientam, sob regimes de governamentalidade, modos de ser e de agir. O estudo se ancora nos pressupostos de Michel Foucault, que faz uma análise sobre governamentalidade, ou seja, para além de pensar nos atos de governar de um soberano, indica que é necessário pensar em como governa-se a si mesmo e como se é governado por outros. Foucault (2008) insere tal noção de governamentalidade no cerne de suas discussões sobre os micropoderes exercidos nas e pelas relações cotidianas, com o intuito de examinar mecanismos de controle social e individual. Partindo desse pensamento, Witzel (2013) retrata parte de um itinerário descontínuo da história das mulheres, com o objetivo de dar visibilidade a práticas de governo que impuseram um modo de ser e de agir do feminino. Muitas vezes invisíveis, porque distantes e sofisticadas, essas

práticas de governo colocam em jogo várias matrizes de poder cujos discursos implicam disciplinas, códigos morais rígidos e autoritários. A pesquisa conclui que a partir dos mitos e contos de fadas reverbera-se, ainda na atualidade, a tradicional ideia de que a salvação feminina só pode se dar quando a mulher se submete aos desejos desígnios masculinos. Se por um lado emerge a figura masculina revestida de autoridade, força, coragem; de outro, a espera desse homem, surge a figura feminina com características bem opostas às dos homens, uma figura frágil, abnegada, dócil e sensível.

Moreira, Coqueiro e Lourenço (2014) propõem uma reflexão sobre o percurso feminista na Literatura em consonância com os avanços nas posições sociais femininas nos contos de Marina Colasanti. Para tanto, foram selecionados três contos de Marina Colassanti que integram a obra “Contos de amor rasgados, de 1986; são eles: “Prova de amor”, “ Para que ninguém a quisesse” e “Leite da mulher amada”. As protagonistas destes contos são mulheres complexas devido à transição que se dá pela busca do rompimento com valores patriarcais e, ao mesmo tempo, à submissão ao domínio masculino. A análise se respalda no referencial teórico de Muzart (1995), Xavier (1998), Bloom (2001). Duarte (2003), Zolin (2009) e Bordieu (2010). O estudo se inicia com a discussão acerca das lutas femininas pelo reconhecimento da autoria feminina frente ao cânone, enfatizando como o cânone tem sido excludente, no segundo momento, aborda o percurso da escrita feminina no Brasil, evidenciando a luta pelo espaço literário e, por fim, faz uma análise e reflexão sobre a representação do complexo universo feminino nos contos selecionados. Moreira, Coqueiro e Lourenço (2014) concluem que Marina Colasanti em sua obra expõe mulheres reais, com as quais muitas leitoras na atualidade podem se identificar, uma vez que seus dramas e angústias ainda rondam o universo feminino, mesmo após quase 30 anos de sua publicação.

O conto “Prova de amor”, por exemplo, reproduz o discurso de dominação do homem sobre a mulher. Nele, a mulher apresenta-se submissa ao homem, sem questionar o que lhe foi imposto. Já no conto “O leite da mulher amada”, há um aparente rompimento de paradigma, evidenciado pelo triângulo amoroso vivido pela esposa. No conto “Para que ninguém a quisesse” evidencia-se a submissão marcada pelo ciúme e possessividade desenvolvida pelo marido da protagonista, que busca uma forma de dominá-la, tirando seus aparatos femininos que chamam a atenção dos homens. Os autores encerram sua discussão afirmando que os contos selecionados desvelam as relações de gênero opressivas nos anos 1980, ao mesmo tempo em que apontam para a objetificação feminina marcada pela dependência emocional ao masculino, mostrando que a luta feminina passa, sobretudo pela busca da identidade voltada para a construção de si como sujeito.

Soares e Carvalho (2015) propõem-se a fazer uma análise da representação da menina e da mulher na obra de Marina Colassanti, nas obras “A moça tecelã” e “Além do bastidor”, ambos publicados no livro “Antes de virar gigante” (2003). Nesse artigo as autoras também constroem uma relação entre a crítica feminista e a perspectiva de gênero, traçando uma investigação de como a escritora estudada representa a mulher em seus diferentes estágios da vida e como estas personagens aparecem em busca de novas posições sociais. Para fundamentar o estudo, as autoras utilizam as concepções e estudos de Regina Zilberman e Marisa Lajolo (2009) e Nelly Novaes Coelho (2000), pelas importantes análises que essas pesquisadoras apresentam em torno do caráter histórico e temático que contribuem para uma visão mais consciente e sistemática das narrativas infantis e juvenis de várias épocas. Lúcia Zolin (2009) e Cecil Zinani (2006), Heloísa Buarque de Holanda (1994) serviram de referência para as análises acerca da crítica feminista e das representações de gênero na literatura. Dessa forma, Soares e Carvalho (2015) retomam as origens da literatura infantil ao mesmo tempo em que propõem uma (re)significação dos papéis sociais que foram definidos ao longo da história para a mulher.

Outro trabalho que traz contribuições para as reflexões aqui pretendidas é de autoria de Maia e Souza (2017). Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise da construção identitária e das relações de poder no conto de fadas “A primeira só”, que se encontra no livro “Uma ideia toda azul” (1978), de Marina Colasanti. A análise do conto é feita a partir das concepções da teoria feminista e de gênero, além de utilizar os estudos e concepções acerca das representações sociais de Michel Foucault e Denise Jodelet. O estudo conclui que a escrita de Marina Colasanti parece comprometida com os ideais feministas e com a finalidade de romper com os estereótipos sociais impostos às mulheres. As autoras também reconhecem a função emancipadora e libertadora da literatura, o que permite, por parte dos infantes que têm contato com a obra analisada, uma releitura em relação à definição dos papéis sociais vivenciados. Fazendo estes conhecerem o “outro lado” da história, a obra de Marina Colasanti é um importante material a ser lido e discutido como forma de resistência e emancipação das mulheres.

De acordo com Daros (2013), a literatura infantil constitui-se como um recurso pedagógico importante para desmistificar os preconceitos historicamente estabelecidos no meio social acerca das representações de gênero e sexualidade. Assim como ele, defendemos nesta dissertação que o espaço escolar precisa debater sobre as relações de gênero e sexualidade junto às crianças, uma vez que a escola é uma das primeiras instituições sociais em que a criança pode ter contato de maneira sistematizada e reflexiva com os mecanismos que criam e recriam as formas diversas das relações de poder. A partir da literatura infanto-juvenil é possível traçar

reflexões sobre as imposições e as rupturas com os padrões estabelecidos e legitimados socialmente, formando sujeitos mais críticos quanto a sua própria existência e as opressões vividas.

Mediante as articulações e discussões realizadas até este momento, apontamos por alguns pontos convergentes entre a pesquisa proposta nesta dissertação e os achados que se articulam e colaboram para ampliação da discussão acerca do protagonismo feminino. Esses trabalhos dialogam com a pesquisa tendo em vista que buscam revelar os sistemas de valores e a visão do mundo da cultura brasileira no que se refere a construção das identidades femininas, percebendo assim que as mulheres exercem diferentes posições sociais na sociedade e que estes são considerados tipicamente femininos, demonstrando o que venha a ser mulher numa sociedade brasileira. Também analisam a forma como a mulher é representada na literatura infanto-juvenil tanto em contos tradicionais quanto nos contos contemporâneos, assim como nesta dissertação a escolha por contos de diferentes épocas mostram que mesmo nos contos mais antigos é possível verificar as representações estereotipadas e as identidades de gênero marcadas pelas posições que cada herói desempenha em determinada época.

Numa outra abordagem, mas fazendo também articulações com esta dissertação, temos pesquisas que evidenciam a construção do feminino num dado momento histórico, enfatizando assim que as identidades de gênero, e as posições sociais exercidas por mulheres e homens são construções culturais e que sofrem transformações de acordo com cada época, apontam algumas obras nas quais acontece a promoção da ruptura com os modelos tradicionais e mulher, assim como no conto *A moça tecelã*, que compõe o corpus deste estudo.

Outro ponto convergente entre este trabalho dissertativo e o levantamento de bibliográfico se refere a crítica feminista e a questão da linguagem que perpassam todas as narrativas, tendo em vista que a linguagem é um elemento de afirmação do feminino, assim como o discurso que pode possibilitar tanto a desconstrução de preconceitos quanto a afirmação destes, demarcando assim o gênero e suas funções. Esta também é uma discussão a ser tratada nesta pesquisa, tendo em vista que a leitura proposta para os contos é na perspectiva da crítica feminista, na qual se propõe a enxergar o conto a partir da concepção feminista.

Estes são pontos que convergem com a proposta a ser desenvolvida nesta dissertação, pois objetivam travar discussões, e favorecer a reflexão sobre as mulheres em diferentes contextos, numa perspectiva da identidade de gênero na qual as relações de poder estão diretamente ligadas a estas construções sobre o feminino.

4 REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA LITERATURA: ANÁLISES DAS NARRATIVAS

Ao considerar a obra literária como sendo um meio fortemente marcado pela cultura, podendo-se atribuir-lhe um caráter formativo, pois ela é capaz tanto de integrar o leitor ao seu grupo social, quanto de formar valores e crenças, que, infelizmente, muitas vezes se revelam preconceituosos, estereotipados e marcadamente machistas e excludentes. Entretanto, existem obras literárias de forte poder emancipador e que têm revelado novos olhares acerca da representação, identidades e diferenças que perpassa o universo feminino. Destarte, a partir de novos padrões observados nas produções literárias, podemos vislumbrar a desconstrução de estereótipos tão fortemente ligados às mulheres, além de discutirmos acerca da construção das identidades femininas.

Mesmo verificando que as obras literárias têm demonstrado uma maior preocupação em estar inserindo propostas menos engessadas e mais voltadas às questões da contemporaneidade, ainda é perceptível a presença de valores e convenções moldados pela cultura patriarcal. De maneira geral, isso acontece porque a cultura produz e é moldada por valores socialmente construídos. Daí a importância da inserção e discussão de obras emancipadoras, pelo seu caráter formativo. No momento em que o leitor se identifica com uma obra, ele passa a apreender determinado ponto de vista, sendo assim, é a identificação que proporciona o acesso a realidade. Defendemos, assim, nesta pesquisa, que os sentidos construídos a partir da identificação com a obra literária, pode, sobretudo, ser uma maneira de entender e denunciar a forma como as identidades das mulheres têm sido vistas e construídas ao longo do tempo.

Esta perspectiva crítica sobre a leitura do texto literário guiou a escolha do corpus desta pesquisa, como é apontado nas análises que se desenvolve neste capítulo. A discussão das obras selecionadas se ancorou no conceito de identidade de Hall (2006), para o qual aponta para o processo de transformação das identidades, encarando-as como instáveis, modificadas através de influências culturais, além de se encontrarem em constante mutação.

Sendo assim, os novos arranjos sociais, políticos e culturais proporcionaram mudanças necessárias, deslocando paradigmas, conceitos e estereótipos femininos que já não condizem como universo feminino contemporâneo.

Partindo dos pressupostos de Scott (1995) e Louro (2013), utiliza-se na análise aqui empreendida o conceito de gênero como construção das distinções biológicas, comportamentais ou psíquicas, tendo a linguagem como produtora das relações que a cultura estabelece com/entre o corpo, sujeito, conhecimento e poder. Esse modo de pensar sobre gênero leva a

importantes implicações, sendo seu uso uma ferramenta teórica e política.

Sob a perspectiva em tela, durante a nossa vida, o gênero vai sendo constituído por um processo não linear, através das diversas instituições e práticas sociais. O tempo e o lugar no qual se nasce e vive, por exemplo, são circunstâncias responsáveis por construir diferentes modos de viver a masculinidade e a feminilidade, pois é a partir da cultura em que se está inserido que as muitas formas sociais e culturais que constituem as pessoas como “sujeitos de gênero” (LOURO, 2013. p. 20) atuam entre mulheres e homens os constituindo como tais. O conceito de gênero nesta perspectiva produz sentidos que se opõem à perspectiva reducionista que concebe gênero como uma categoria definida meramente pelo biológico. Instituições como a igreja, a família, a escola ainda defende a existência de posições e funções sociais diferentes para homens e mulheres, construindo representações sociais, definindo estereótipos, modos de vida, que nem sempre condizem com as necessidades, desejos e anseios femininos.

Para Louro (2013) o conceito de gênero propõe,

um afastamento de análises que repousam sobre uma ideia reduzida de papéis/funções de mulher e de homem, para aproximar-nos de uma abordagem muito mais ampla que considera que as instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino ao mesmo tempo em que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção ou ressignificação (LOURO, 2013, p. 20).

A partir das definições apresentadas, as próximas seções trazem a análise do corpus da pesquisa. Nesse percurso, definimos como categorias de análise: os estereótipos construídos acerca do feminino do ponto de vista físico e psicológico; como a identidade da mulher é construída na narrativa; quais implicações pedagógicas poderemos suscitar através do conto.

4.1 A princesa desejosa

*Sou composta por
urgências: minhas
alegrias são intensas;
minhas tristezas,
absolutas. Entupo-me
de ausências, Esvazio-
me de excessos.
Eu não caibo no
estreito, eu só vivo nos
extremos...
Clarice Lispector*

A obra “A princesa desejosa” de autoria de Cristina Biazetto, lançada em 2012, é um

conto contemporâneo que apresenta um enredo em que a personagem feminina, no caso a Princesa Desejosa, tem como característica principal o desejo incontido, de tal maneira que ela passa a ser temida por todos do seu reino. Esse desejo incontrolável leva a princesa à solidão, pois todos a abandonam. Por causa disso ela experimenta pela primeira vez uma dor indescritível, como uma dor física, “a dor de espinho”, que só passa com a chegada do Príncipe viajante. A narrativa inicia com uma princesa que possui uma personalidade bem marcante, cujos impulsos e desejos, nada nem ninguém consegue frear, o que nos remete às questões relacionadas às mulheres e sua liberdade.

A história acontece em um reino não muito longe, em plena primavera, época em que nasceu uma princesa que tudo desejava, sem se importar com o que era ou a quem pertencia seu objeto de desejo. A princesinha demonstrava possuir desejos insaciáveis, queria tudo para si. E até sua família era vítima de sua tirania. Assim a princesa foi crescendo e sendo temida por todos que a conheciam. O tempo passava, mas seus desejos incontrolados não eram saciados, chegando um tempo em que os moradores do povoado, por temerem perder tudo que tinham, fugiram.

E a princesa, não tendo mais o que desejar, pois todos fugiram, passou a desejar a própria natureza. Contudo, a natureza também não supriu seus anseios, e a princesa se viu pela primeira vez solitária. Ela sentia uma tristeza profunda, sentia desejo de algo intocável. Não era uma simples vontade de possuir algo material, mas sim algo que ela não podia tocar. Pela primeira vez, percebeu que nada do que desejava era tão importante quanto a companhia de alguém; a princesa passa, assim, a experimentar a solidão.

O sentimento de solidão que a princesa sentiu era tão intenso e profundo que transbordou, transformando seu choro num rio de lágrimas. Quanto maior sua tristeza e solidão ficavam, mais lágrimas a princesa derramava, e maior ficava o rio. Este tornou-se tão grande que chegou a um reino distante, no qual vivia um príncipe conhecido por suas aventuras, curiosidades e descobertas; seu nome era Príncipe Viajante.

O Príncipe Viajante, ao observar a chegada de um rio em suas terras, ficou curioso em saber de onde vinha e como surgiu aquele rio. Assim, para saciar sua curiosidade, o Príncipe Viajante partiu numa longa aventura em busca de respostas. Ele viajou por quarenta dias e quarenta noites em águas turbulentas e agitadas. No entanto, o perigo não impede que o príncipe viajante faça a travessia do rio. Finalmente, o príncipe chega à nascente do rio e encontra a princesa desejosa. Ao primeiro troque de olhares, ambos se apaixonam intensamente. Naquele momento, por mais inusitado que pudesse parecer, a princesa não desejou o barco, o carro, nem a nuvem; ela só queria a companhia do príncipe. Ficar ao lado do amado ouvindo sobre suas

aventuras, viagens e descobertas tornou-se sua fonte de prazer para a princesa. Já o príncipe, curioso como era, queria saber tudo sobre a vida da princesa. E, assim, passaram mil e uma noites conversando, até decidirem se casar.

O casamento foi celebrado com uma grande festa. E a notícia que os desejos da princesa cessaram correu o mundo. Uma multidão compareceu ao casamento, pois todos estavam curiosos para ver a mudança da princesa; além de quererem ouvir sobre as aventuras do príncipe viajante. A princesa já não era temida por ninguém, e, com o tempo, a família cresceu. Então o príncipe voltou a viajar em busca de novas aventuras, agora acompanhado pela princesa e seus filhos; todos muito desejosos por novas descobertas.

As reflexões sobre a construção da personagem iniciam-se a partir do título, A Princesa Desejosa. A expressão que compõe o título serve também para definir a protagonista a ponto de substituir seu nome próprio. De acordo com a narradora, por desejar tantas coisas, o nome próprio da princesa é esquecido.

Em um reino não muito longe daqui, vivia uma jovem princesa diferente de todas as princesas sobre as quais já se ouviu contar.

Ela era temida por todos, adultos e crianças. Tão temida que nem o seu nome ousavam pronunciar. E por chamarem-na sempre de Princesa Desejosa, acabaram por esquecer seu verdadeiro nome.

Até mesmo eu esqueci. (BIAZETTO, 2012, p. 1)

Seus desejos insaciáveis a tornam uma pessoa indesejada por todos, inclusive pelos habitantes do povoado que por medo de perder tudo que tinha já não saíam de casa, e com o tempo abandonaram a cidade, pois nada, nem ninguém a impedia de saciar suas vontades, como podemos observar no trecho abaixo.

Sair de casa virou tarefa para poucos aventureiros naquele reino. O perigo de encontrar com a princesa pelas ruas e perder tudo o que tivesse nas mãos era algo que ninguém queria.

Mas trancar-se em casa não resolvia.

Foi então que o povoado todo fugiu das garras, ou melhor, dos braços desejosos da princesa. (BIAZETTO, 2012, p. 7)

Ao utilizar a metáfora “garra” focaliza características da princesa desejosa que divergem do que normalmente se espera das princesas dos contos tradicionais, as quais são: educadas, cordatas, dóceis, meigas, entre outras características que marcam a personalidade da maior parte das princesas dos contos tradicionais. A princesa desejosa diverge de outras princesas justamente quando analisamos suas atitudes com relação aos desejos de se apoderar de algo que nem ela mesma sabia por que queria, nem muito menos a quem pertencia. Ela não só desejava, mas simplesmente se apoderava de todas as coisas que julgasse interessante, demonstrando uma atitude opressora e de certa forma violenta, uma vez que ela não respeitava nada, nem ninguém.

Desde pequena, ela mostrava como seria. Nem mesmo o rei, a rainha e a rainha avó escapavam de suas tiranias. (BIAZETTO, 2012, p. 1).

A princesa cresce, e, como ela, suas vontades tornam-se cada vez mais insaciáveis. A narrativa vai dando pistas da condição dessa princesa ao articular novos e antagônicos sentidos ao apresentar características físicas da personagem. A partir do enredo, a imagem que se vai construindo da personagem vai desvelando uma ideia sobre as mulheres e uma construção do ser mulher em determinados contextos. Se por um lado a Princesa, metaforicamente, possui garras, por outro ela tem braços desejosos.

Foi então que o povoado todo fugiu das garras, ou melhor, dos braços desejosos da princesa. (BIAZETTO, 2012, p. 8).

Segundo Feres (2012), “os sentidos criados pelas palavras “garras” e “braços”, remetem a dualidade entre o bem e o mal, entre a princesa boa e cordata e a bruxa ou a madrastamá dos contos de fadas”. Ao pensarmos na palavra garras na forma como está posta na narrativa, ao lado ruim; ao julgamento que o povoado tinha sobre as atitudes da princesa, no entanto para que estas características não fossem tão evidenciadas, tendo em vista que nos contos de fadas as princesas são, em sua maioria, meninas boas, dóceis e educadas, o narrador traz a palavra “braços” como uma forma de resgate da personalidade das princesas dos contos de fadas tradicionais. Dessa maneira o narrador subverte o perfil cristalizado das princesas construídos pela sociedade. Para Martins (2015), “há, então, um importante papel desempenhado pelas narrativas, que é a quebra da estereotipia das figuras femininas que ocorre por meio delas”. Nesse sentido, é possível afirmar que ao observar tais características divergentes e contrastantes da Princesa desejosa, o leitor pode ser levado a reflexões sobre a condição e as posições sociais vivenciadas pelas mulheres em nossa sociedade.

Para o crítico Antônio Cândido (2000, p. 41), “a grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende de sua relativa atemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar”. Ou seja, a obra literária deve se propor atemporal, plurissignificativa aos diversos contextos; pois deve ser uma representação de uma realidade e não um manual de boas maneiras permeado de valores a serem transmitidos. Por meio da Literatura é possível vivenciar situações, nem sempre reais, mas que podem fazer o sujeito despertar para uma compreensão da vida. As situações narradas são reinventadas pela linguagem, proporcionando aos leitores formas de compreensão e superação de problemas, visões de mundo diferenciadas. Esse potencial da literatura revela seu caráter emancipador.

No texto constatamos que os desejos incontidos da princesa fazem parte de toda a narrativa. Estes vão se acentuando e sendo mais evidenciados com o passar do tempo, a partir das atitudes e comportamentos da personagem, pois ela nunca estava satisfeita e, ao se deparar com algum desconforto, logo passava a desejar algo diferente, mobilizando-se para satisfazer sua nova necessidade. No entanto, ter liberdade e autonomia implicava também em sofrimento,

tanto por parte dos que a cercavam, como sua família e as pessoas que habitavam o vilarejo, quanto por parte da própria princesa, quando percebe que, apesar de ter tudo que desejava, era uma pessoa solitária.

Até que um dia de pouco vento e muita quietude, a princesa sentiu algo muito estranho. Algo tão forte como dor de espinho.

Era um desejo por algo que ela não via nem podia tocar, mas sentia...falta.

Ela desejava companhia.

E esse desejo foi crescendo...ficando enorme, tão grande que já não tinha espaço dentro dela para crescer.

Então transbordou. (BIAZETTO, 2012, p. 11).

A busca pela felicidade, que a princípio parecia estar ligada às coisas materiais, se transforma quando a personagem percebe que nada do que ela possui tem importância e que não será feliz estando só.

A narrativa tem como fio condutor os desejos da princesa e seus conflitos íntimos. Sua trajetória desencadeia reflexões sobre as vontades e anseios das mulheres numa sociedade marcadamente machista e excludente. Nesse tipo de sociedade, os sentimentos da ordem do desejo geralmente remetem ao homem e ao universo masculino; enquanto o perfil construído sobre as mulheres é, em sua maioria, de submissão, levando-as a angústias e frustrações.

Apesar de possuir características bem marcantes, como independência, liberdade, a personagem também se sente angustiada quando percebe, mesmo que a princípio inconscientemente, que deseja uma pessoa, um outro real, e não coisas materiais. Sua angústia e tristeza, como observa-se a seguir, era fruto desse novo tipo de desejo.

Era um desejo por algo que ela não via nem podia tocar, mas sentia...falta.

Ela desejava companhia.

E esse desejo foi crescendo...ficando enorme, tão grande que já não tinha espaço dentro dela para crescer.

Então transbordou. (BIAZETTO, 2012, p. 11)

Até então a narrativa não dava foco à fragilidade da personagem. Mas, a partir do trecho citado acima, percebe-se um retorno ao ideal feminino apresentado nos contos de fadas tradicionais; perpetuando, assim, ideias, características e valores que as princesas “*deveriam*” ter, tais como feminilidade, delicadeza, fragilidade e, sobretudo a necessidade de um homem para ser feliz. Essa alteração das qualidades da princesa possibilita ao leitor fazer inferências e analisar aspectos relacionados à condição da mulher em determinadas épocas, lugares e culturas. O conto em destaque mostra a dualidade de sentimentos e valores atrelados às mulheres: inicialmente, enfatiza-se o protagonismo da princesa, a partir da realização de suas vontades, e, logo em seguida, retoma-se papel secundário comum à princesa, limitando-a a função de esposa do príncipe viajante. Constrói-se inclusive a sensação de que teriam cessado todos os desejos da personagem a partir da sua realização através do casamento.

Mesmo com os avanços e conquistas advindos das lutas e da presença das mulheres na sociedade contemporânea, inclusive na literatura, as personagens femininas, via de regra, “são representadas por personagens cuja função nas narrativas se limita aos afazeres domésticos ou à manutenção do bem-estar familiar” (FERES, 2012, p. 3).

A este respeito, Colomer (1999) diz que se trata de um fato preocupante o tipo de identificação que as meninas podem construir com a obra literária que permanece enfatizando valores e comportamentos engessados e que não definem as mulheres.

O que as meninas leitoras podem esperar das meninas-personagens é seu predomínio nos livros de natureza intimista, um papel secundário no restante, em comparação com o protagonismo masculino, a falta de definição de suas características próprias ou sua simples desaparecimento narrativa. (COLOMER, 1999, p. 55).

Ao analisarmos características da personalidade da Princesa desejosa, é possível inferir que a narrativa até tenta desconstruir o papel social tradicional da Princesa quando a apresenta inicialmente como mimada e de certa forma má. No entanto, a construção de inferências só possível “com base no conhecimento literário prévio do leitor, por exemplo, uma princesa ativa e inteligente só se sustenta literariamente por ser o oposto de uma forma de referência consagrada” (FERES, 2012, p. 4)

Ao analisar o protagonismo feminino dentro da literatura infantil brasileira, Lajolo (1989) enfatiza a importância de considerar a historicidade da condição feminina, apontando a “docilidade com que a literatura infantil espelha e reforça as sucessivas imagens de mulher endossadas em diferentes momentos da sociedade brasileira” (LAJOLO, 1989, p. 19).

De acordo com Madureira (2007), “sexismo corresponde a uma separação exclusiva

(dualista) entre os gêneros masculino e feminino, ao estabelecimento de relações de poder desiguais e à associação de significados pejorativos em relação a um dos gêneros”. Sendo assim, a literatura não-sexista deve primar pela igualdade, buscando desconstruir as relações de poder, os estereótipos e crenças do que venha a ser homem ou mulher, pois, historicamente, em diversas sociedades, as relações entre os gêneros são assimétricas, com as mulheres ocupando espaço de menor prestígio.

O modo como as identidades podem ser sugeridas sobre a condição da mulher na narrativa analisada é um viés importante de ser analisado, tendo em vista que estas identidades vão se moldando de acordo com a cultura e sociedade.

Podemos afirmar que, como em toda obra literária, “A Princesa desejosa” encontra-se impregnada de valores e estereótipos construídos acerca da mulher e de seu lugar na sociedade. Para analisá-los, foi utilizada a conceituação de estereótipo de Freire Filho (2005), para o qual estereótipos são “construções simbólicas enviesadas, infensas à ponderação racional e resistentes à mudança social” (FREIRE FILHO, 2005), além de construtos que tentam impedir a “flexibilidade de pensamento na apreensão, avaliação ou comunicação de uma realidade ou alteridade, em prol da manutenção e da reprodução das relações de poder, desigualdade e exploração” (FREIRE FILHO, 2005, p. 22).

Valores, tais como submissão, docilidade, obediência, feminilidade, fragilidade, dependência perpassam o imaginário coletivo sobre a identidade feminina, pois tanto o príncipe quanto a princesa têm suas identidades e posições sociais idealizados, os quais se consolidaram através da cultura e do discurso vigente a cada época. Dessa forma, o reforço dos estereótipos vai moldando as identidades femininas, consolidando as posições sociais que representam, ou que são impostos pela sociedade.

Nessa perspectiva, torna-se necessário repensarmos quais são as condições para a formação das identidades femininas, quais são as posições sociais que a Princesa desejosa representa. Tendo em vista que ela tem uma personalidade marcante, autônoma e livre, bem diferente do que se espera do ser mulher, é possível dizer que a protagonista do conto analisado rompe com os perfis das personagens femininas nas narrativas clássicas.

A identidade se constitui na interação do sujeito com a sociedade, e é através das práticas sociais que ela se solidifica, pois, seus significados e valores são incorporados e contribuem “para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural” (HALL, 2006, p. 12). Sendo assim, a Princesa desejosa tem sua identidade moldada por seus sentimentos de posse e desejos incontrolláveis.

A este respeito, Hall (2006) afirma que

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que são unificadas ao redor do “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006, p. 13)

Dessa maneira, as posições sociais atribuídas a mulheres e homens vêm sofrendo mudanças. Novas identidades femininas vêm sendo moldadas e modificadas a cada conquista, dando visibilidade às mulheres, às suas vivências, anseios e desejos, sem a dicotomia de que feminino e masculino correspondem, respectivamente, a inferior e superior.

Como afirma KHÉDE (1990, p. 33), “de modo geral, as histórias de fadas da literatura infanto-juvenil contemporânea estão a favor da desconstrução de estereótipos que aprisionem as atitudes comportamentais das crianças”. É observável que a forma como a princesa desejosa se comporta anuncia o rompimento de estereótipos das princesas dos contos clássicos, para isso, a autora do conto recorre a ideais preestabelecidas com a intenção de subvertê-las.

Em um reino não muito longe daqui, vivia uma jovem princesa diferente de todas as princesas sobre as quais já se ouviu contar. (BIAZETTO, 2012, p. 1)

A projeção a que se tinha acerca do que venha a ser uma princesa cai por terra nesta obra, pois no conto propõe a quebra de um ideal de mulher que já não condiz com a realidade. A análise aponta para o aspecto renovador e contemporâneo da obra no que tange a desconstrução de estereótipos. Por meio dessa desconstrução, “A princesa desejosa” em alguns momentos promove a quebra de perfis femininos sacramentados pela sociedade patriarcal, no entanto, ela termina reafirmando este perfil quando demonstra seu último desejo: casar com um príncipe, revelando, assim, a literatura como meio de promover a crítica social, quando propõe o arejamento acerca dessas questões.

O sistema patriarcal é aqui concebido como sendo uma autoridade imposta institucionalmente pelo homem sobre a família, e fundamentado na ideia de fragilidade física e do instinto materno como algo inerente a todas as mulheres. De geração em geração transmitiu-se o mito de que a mulher possuía o talento nato para o lar, para a família e para a manutenção da harmonia familiar. Ao passo que o homem deveria ser o provedor financeiro e o líder da família, devendo todo o restante do corpo familiar obediência e submissão a ele. Entende-

se, nesta dissertação, que o discurso patriarcalista reafirma a manutenção de uma sociedade desigual, na qual a mulher é mera coadjuvante.

De acordo com Beauvoir (1980), em sua célebre afirmação, ninguém nasce mulher, mas torna-se mulher; isso porque os modos de se constituir a identidade feminina vêm das estruturas sociais nas quais a mulher está inserida. Nesse processo de constituição, a sociedade irá tentar moldar a mulher de maneira coercitiva, levando-a a se enquadrar nos conceitos de e sobre a mulher construídos pelos homens.

O contexto no qual a mulher está inserida é fundamental para a construção de sua identidade. Se mulheres vivem num contexto de submissão e posturas dóceis e cordatas, provavelmente assim serão as identidades das mulheres nesse determinado grupo. Por outro lado, se são promovidas posturas autônomas e não submissas, elas podem se constituir como sujeitos fortes, determinados, com desejos e ativos. Nesse sentido, a narrativa analisada constrói-se dentro de uma perspectiva de rompimento com os padrões comportamentais que são impostos às mulheres, mas em seguida observamos a quebra desta postura inicial, pois o comportamento da protagonista vai de encontro ao comportamento que desde a infância a mulher é ensinada a ter, o qual implica em mansidão, passividade e objetificação, condição esta sustentada pelo contexto social.

Segundo Beauvoir (2009, p. 288), “jogos e sonhos orientam a menina para a passividade: mas ela é um ser humano antes de se tornar uma mulher; e já sabe que aceitar a si mesma como mulher é demitir-se e mutilar-se; e se a demissão é tentadora, a mutilação é odiosa”. Estes padrões comportamentais ficam explícitos, trecho em que o narrador afirma enfaticamente que ela *simplesmente desejava*. Fica claro que a princesa subverte a ordem ao não se identificar com as posições sociais rígidas impostas e preestabelecidas a uma princesa/mulher. No entanto, ela sofre pela falta de “adequação” ao papel que deveria desempenhar, tendo em vista que todos a odeiam pelo fato de ela “simplesmente desejar”.

O tempo foi passando, a princesa ia crescendo, e junto crescia seu desejo de ter tudo para si.

Queria por querer.

Simplesmente desejava. (BIAZETTO, 2012, p. 4).

O fato de uma Princesa desejar, ou seja, perceber suas vontades e satisfazê-las, desapegando dos condicionamentos da sociedade patriarcal, constrói uma imagem de mulher que estaria além da dominação masculina que, segundo Bourdieu,

constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido (percipi), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. (BOURDIEU, 2007, p. 82).

Ao verificarmos essa tendência, a expressão do desejo feminino na obra irrompe contra os estereótipos principescos, proporcionando, sem culpa, a busca pelo direito de escolha, de ter liberdade e assim concretizar seus desejos sem as limitações impostas pela sociedade.

Bourdieu (2002) discute a questão da culpa, no que se refere a mulher, ao reconhecer que a dominação masculina, através do poder simbólico, é fator crucial para que as mulheres se sintam e sejam culpabilizadas por sentirem desejo. O autor assinala, ainda, que:

não só que as tendências “à submissão”, dadas por vezes como pretexto para “culpar a vítima”, são resultantes das estruturas objetivas, como também que essas estruturas só devem sua eficácia aos mecanismos que elas desencadeiam e que contribuem para sua reprodução. O poder simbólico não pode se exercer sem a colaboração dos que lhe são subordinados e que só se subordinam a ele porque o constroem como poder. (BOURDIEU, 2002, p. 1. grifos do autor).

Essas práticas de dominação são, na maioria das vezes, invisíveis, tendo em vista que estão alicerçadas por discursos socialmente construídos e aceitos, impondo modos de ser e de agir às mulheres. Ancorada nesse pensamento, pode-se dizer que as diferenças discriminatórias entre mulheres e homens é fruto de uma construção social realizada por meio do discurso coercitivo da sociedade patriarcal. É por meio desse discurso que a ideia naturalizada de que a mulher é inferior aos homens que tem validade. Tal ideia parte da concepção de que biologicamente mulheres e homens são distintos, este apresentaria superioridade física (força física, constituição óssea, resistência) que justificaria a inferioridade feminina.

Segundo Louro,

O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito de senso comum, seja revestido por uma linguagem “científica”, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender – e justificar – a desigualdade social

(LOURO, 2014, p. 24).

Postulamos aqui que não se pode justificar a desigualdade de gênero através das diferenças biológicas, mas sim nos “arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, e nas formas de representações” (LOURO, 2014, p. 26) e a literatura pode ser uma ferramenta essencial na compreensão e enfrentamento das desigualdades.

A análise da narrativa de A Princesa desejosa demonstra que essa obra traz padrões, posições sociais bem delimitadas, bem como apresenta as consequências para a mulher da assunção de diferentes padrões. Inicialmente, a Princesa subverte o estereótipo feminino, chegando a ser indesejada pela população. Em seguida, ela volta aos padrões “normais” de comportamento, quando se apaixona pelo príncipe viajante e vê nessa união a única forma de ser feliz. Sua mudança de comportamento para o padrão esperado trouxe consequências positivas, que serão discutidas mais à frente.

Por outro lado, temos um príncipe arrojado, que tem em sua essência o desejo de fazer descobertas, de viajar, de enfrentar perigos sem ser rechaçado por isso. Na verdade, essas características, partes do padrão de características ditas masculinas, demonstram o poder e a força do príncipe.

Essas determinações sociais preestabelecidas seriam, segundo Louro (2003),

basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seu modo de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas (LOURO, 2003, p. 24).

Seguindo o perfil de contestação, a obra subverte e contesta essas relações patriarcais arbitrárias, mudando o ponto de vista da construção literária.

O perigo de encontrar com a princesa pelas ruas e perder tudo o que tivesse nas mãos era algo que ninguém queria.

Mas trancar-se em casa não resolvia.

Foi então que o povoado todo fugiu das garras, ou melhor, dos braços desejosos da princesa. (BIAZETTO, 2012, p. 7).

Para Martins (2005),

A caracterização das heroínas e das vilãs se faz de forma que elas surjam em geral em pólos diametralmente opostos: as primeiras são figuras quase sempre domésticas, trabalhadeiras, resignadas e altruístas. Caso se atrevam a sair do ambiente doméstico, perdem-se na floresta. Quem as livra dos perigos são príncipes encantados, fadas madrinhas, lenhadores gentis. Na outra categoria encontramos as bruxas, as madrastas malvadas e as feiticeiras, que são, na maioria das vezes, as grandes responsáveis pelo sofrimento das heroínas. São figuras ativas, dinâmicas e arrojadas, buscando resolver seus próprios problemas. Atuam, reagem, assumem papéis ativos nas histórias, aos quais é atribuído um valor extremamente negativo, o que revelam o caráter misógino desse discurso que tende a apresentar criatividade, ação e poder como traços indesejáveis nas mulheres. Assim concebidas, heroínas e vilãs parecem representar respectivamente a própria personificação do bem e do mal, numa batalha violenta, que desemboca no tradicional final feliz, no qual presume-se a destruição ou superação completa dos elementos antagônicos, negativos (MARTINS, 2005, p. 16).

Sendo assim, as práticas discursivas que se referem à condição da mulher propõem formas de equacionar os papéis femininos “naturalizados” ao longo da história pelas culturas alicerçadas no pensamento patriarcal. Para Beauvoir (2016, p. 11), esses papéis são construídos culturalmente, logo, não são naturais, pois nenhum dado somente de ordem biológica, econômica ou psíquica definem ou qualificam uma mulher socialmente. É a partir dos discursos que podemos identificar como as “verdades” são construídas. As práticas discursivas e os poderes que permeiam os fatos narrados têm o poder de reproduzir os sistemas de valores de uma sociedade, assim este discurso autoriza o que dizer, como dizer, sobre quem dizer.

A narrativa em análise revela os dois lados, ou as duas características marcantes, desta princesa, uma dualidade entre o bem e mal, tão presentes nos contos de fadas. Em um primeiro momento, a princesa desejava tudo e todos corriam de suas garras, representando uma mulher que é dona de seus próprios desejos e sentimentos. Em seguida, a narrativa traz uma mulher cuja identidade é forjada pelo discurso masculino, no qual, os papéis femininos seguem padrões e estereótipos criados culturalmente pelo homem. Percebe-se, portanto, que essa dualidade da princesa, sedimenta dois modelos de mulher, de acordo com os poderes, épocas e sociedades específicas.

Até que um dia de pouco vento e muita quietude, a princesa sentiu algo muito estranho. Algo tão forte como dor de espinho.

Era um desejo por algo que ela não via nem podia tocar, mas sentia...falta.

Ela desejava companhia.

E esse desejo foi crescendo...ficando enorme, tão grande que já não tinha espaço dentro dela para crescer.

Então transbordou. (BIAZETTO, 2012, p. 11).

Ao dizer que a princesa sentiu algo muito estranho, tão forte como a dor de espinho, e que esta dor era um desejo por algo que lhe fazia falta, que a princesa sofria por não ter companhia; a narrativa traz à tona a importância do casamento para que a mulher seja feliz. Neste ponto, a narrativa faz emergir a falta de um casamento como um sofrimento tão intenso que pode ser comparado a dor física. Mas não para por aí, tão intenso era o sofrimento da princesa, a esta altura, que transbordou; transbordou e se transformou em um rio grande e intenso.

Assim a obra se revela emancipadora no início, pois se contrapõe ao modelo tradicional onde a identidade e os estereótipos femininos são marcadamente excludentes.

Com estas análises iniciais, inicia-se o processo de relacionar as implicações do estudo para a mediação pedagógica no contexto escolar.

De variados modos, os estudos contemporâneos sobre o espaço escolar, as práticas pedagógicas que nele se desenvolvem, bem como os estudos que têm-se [*sic*) envolvido com as pedagogias culturais têm mostrado como estamos, em nossa sociedade, sempre operando a partir de uma identidade que é norma, que é aceita e legitimada e que se torna, por isso mesmo, quase invisível – a masculinidade branca, heterossexual, de classe média e judaico-cristã. O que estes estudos buscam discutir e problematizar é, exatamente, como a norma e a diferença são produzidas, que instâncias sociais estão aí envolvidas e quais são os efeitos de poder dessa produção. É a diferença que marca e reduz o indivíduo ou grupos de indivíduos a ela. (MEYER, 2003, p. 24-25).

Em uma sociedade estruturalmente desigual como a brasileira, na qual os preconceitos se materializam através de práticas discriminatórias cotidianas, a escola não pode se ausentar da discussão acerca do feminino e dos papéis sociais determinados para as mulheres. Além disso, a escola não é separada da sociedade por uma redoma, tendo em vista que as práticas

culturais e pedagógicas dessa instituição, em sua maioria, tendem a produzir e reproduzir processos de normatização e relações de poder que são vigentes na sociedade e alimentam, mesmo que indiretamente, práticas de segregação entre os gêneros. Contudo não podemos esquecer que a escola é um espaço atravessado pela contradição, pois “se por um lado, abriga inúmeros preconceitos e reproduz constantemente processos de exclusão. Por outro, é um espaço que pode, sim, desestabilizar as ‘regras do jogo’, tornar as pessoas mais conscientes de si e do mundo em que estão inseridas” (MADUREIRA, 2007, p. 91).

Dessa maneira, o espaço escolar assume um importante papel na construção e reconstrução das identidades femininas em prol de uma sociedade mais justa e igualitária, onde as mulheres não sejam vistas como um ser inferior e dependente do ser masculino, e se possa desmistificar a ideia de que a mulher só será plena no papel de mãe ou esposa. Para tanto, é preciso perceber o espaço escolar dentro de suas contradições, uma vez que tanto a concepção de que a escola é um espaço neutro, quanto a concepção de que essa instituição reproduz as desigualdades são concepções parciais. É no espaço aberto das contradições que podemos vislumbrar o caráter dinâmico da escola em seu sentido mais amplo.

Nesse contexto, a literatura pode se apresentar como um inestimável recurso para a compreensão e observação das diferenças e contradições em relação aos papéis sociais e normas existentes na sociedade e, portanto, no ambiente escolar. A cada dia, esse tipo de literatura apresenta para os pequenos, histórias que propõem reflexões sobre assuntos e fatos que fazem parte de suas vidas, abordando os conflitos presentes no dia a dia de maneira inteligente, buscando gerar debates, discussões e possíveis soluções. No entanto, é importante salientar que os livros infantis tanto podem reproduzir normas de conduta e modelos autoritários da sociedade aos leitores como também podem ser usados como acesso ao real, quando atendem aos interesses dos leitores.

Em relação às questões de gênero e identidade, é imprescindível que a seleção das obras a serem levadas para o trabalho na sala de aula aproxime-se dos alunos permita a identificação e reconhecimento, bem como a superação de normas e valores excludentes e opressores. Ou seja, é preciso que a literatura discutida com as crianças não se restrinja aos modelos tradicionais de masculinidade e feminilidade, já tão reforçados na mídia em geral.

Para Avanci (2004, p. 13), não se pode deixar de levar em consideração que o/a leitor/a das histórias infantis ou as crianças que ouvem as histórias contadas pelos/as adultos/as imprimem na interpretação do texto as suas vivências, suas particularidades. Sobre a interação entre o leitor e a obra literária, Iser (1996), a partir da sua teoria do efeito estético, destaca o papel desempenhado pelo leitor no processo de leitura. Assim, o autor de uma obra literária se

preocupa, essencialmente, com o efeito que cada texto causa em seu leitor, este, por seu turno, é para Medeiros:

convidado a preencher as lacunas presentes na obra, levando em consideração os seus conhecimentos prévios, bem como o repertório inerente à própria obra, tendo em vista que a fonte para a construção da interpretação é decorrente de ambas as partes, aointeragirem no momento da leitura (MEDEIROS, 2012, p. 34).

Além disto, Iser (1996, p. 48) ressalta que “é só na leitura que os textos se tornam efetivos”, o que torna o leitor elemento básico na constituição do sentido da obra.

A partir das análises feitas do conto “A Princesa desejosa”, vislumbramos o trabalho coma literatura como instrumento capaz de abrir um leque de possibilidades de construção de sentidos, como espaço no qual o leitor possa, ao ler, se abrir para novos conhecimentos refletir e construir sua própria interpretação. No entanto, dar visibilidade à história das mulheres e desconstruir conceitos sobre a mulher não é algo fácil de fazer, mesmo porque, durante muitos séculos, a mulhere sua história foram invisibilizadas, tornando a temática por vezes difícil de ser trabalhada, seja por desconhecimento dessa história, seja pela naturalização de conceitos pela sociedade. Em virtude de certas representações da mulher, ligadas a características como: cuidado, docilidade, piedade, fragilidade, entre outras correlatas, foi construído um consenso sobre o sexo feminino, um ideário a respeito de uma inclinação natural da mulher ao lar e à educação das crianças, bem como uma predestinação exclusiva ao casamento e à maternidade. Todas essas características e atividades remetem ao espaço que pode ser definido como privado, enquanto o masculino, também por suas “características supostamente naturais”, se ocuparia da esfera pública.

Utilizar a literatura para dar visibilidade e propor discussões sobre essa temática é uma atividade bastante relevante, tendo em vista que o texto literário é uma fonte problematizadora universal da própria vivência humana. O texto literário está repleto de sentimentos e emoções que podem levar o leitor a meditar sobre si mesmo e sobre o outro. A atividade de leitura desse tipo de texto proporciona, portanto, à criança o contato com uma nova maneira de se relacionar com a linguagem. A criança pode ser incentivada a se posicionar frente à história, o que a leva a ganhar liberdade de imaginação e a se abrir para a possibilidade de ligar os fatos ocorridos com os personagens da história aos ocorridos consigo mesma (MEDEIROS, 2012).

Nesse trabalho com o texto literário, o papel do professor ou do leitor experiente é essencial. A partir das características da Princesa desejosa, aspectos referentes à condição da mulher podem ser problematizados com a ajuda do professor, pois “a mediação do outro desperta

na mente da criança um sistema de processos complexos de compreensão ativa e responsiva, sujeitos às experiências e habilidades que já domina” (FONTANA, 2005). Assim, a mediação pedagógica torna-se fundamental para desenvolver um trabalho crítico com a obra literária. Entendendo-se mediação como um processo capaz de proporcionar uma relação entre conhecimento e aprendizagem, possibilitando assim a (re) construção de novos conceitos, permitindo ao aluno, através de um processo de interação, preencher os vazios do texto. Para isso, o professor deverá ter consciência de seu papel enquanto formador, pois é a partir da sistematização e exploração da leitura que o professor tem a possibilidade de ampliar a discussão, levantar hipóteses acerca do feminino, das desigualdades de gênero e das posições sociais que estão implícitas nas atitudes da Princesa desejosa. A mediação também possibilita ao aluno reverter hipóteses, retificando e repensando informações sobre o feminino que antes da discussão e mediação não tinham sido observadas.

Partindo do princípio de que a mediação pedagógica da obra literária proporciona a troca de saberes entre o professor e os alunos e de que a leitura de literatura vai além dos limites da sala de aula pois expõe vários aspectos vividos ou não pelo leitor, este pode deleitar-se em viver experiências vividas por personagens, bem como pode se identificar com o texto e reconhecer-se na história lida. Segundo Amarilha

o texto de literatura já por si anima um conjunto de informações que se constitui a bagagem de vida do leitor, podemos então explorar essa qualidade e trazer o aluno para dialogar com o texto - a leitura de literatura se transforma, assim, em oportunidade de discussão sobre a própria experiência do aprendiz (AMARILHA, 2013, p. 83).

Estas experiências de vida nas quais os alunos de maneira geral vivenciam no seu dia a dia podem ser fonte problematizadora para a desconstrução dos lugares e do papel da mulher na sociedade.

Assim, ao entrar em contato com o texto literário, o leitor se torna capaz de romper com ideias preestabelecidas, saindo da sua “zona de conforto” ao fazer inferências entre o que é considerado habitual e o que lhe é apresentado como novo pela leitura, na medida que se abre à experiência dessa atividade.

4.2 A moça tecelã

Em “A moça tecelã”, Marina Colasanti nos auxilia a (re) pensar a condição social e cultural da mulher mostrando as diferenças de comportamento feminino dentro de relações de

poder construídas a partir do desejo de ter um marido. Assim, em alguns momentos a obra apresenta uma mulher que segue seu destino, em outros se aproxima do ideal da mulher tradicional, voltando, ao final, para a representação de uma mulher autônoma e dona de si. Dessa maneira, a obra subverte padrões de comportamentos construídos pela sociedade patriarcal, como podemos ler a seguir.

A Moça Tecelã, de Marina Colasanti, é um conto de fadas moderno que narra o dia-a-dia de uma moça que tece. Nada lhe falta, pois ela usa sua habilidade de tear para saciar todos os seus desejos e para expressar seus sentimentos. Ela usa as cores das linhas para realizar e demonstrar tudo que quer. Por exemplo, as linhas claras e amarelas para um dia ensolarado; ou a cor cinza para representar os dias chuvosos; para saciar sua fome, tece leite, peixes; se deseja uma nova estação do ano, lá estava ela providenciando o frio do inverno ou as flores da primavera.

A narrativa é repleta de elementos dotados de magia e encantamentos, que remetem às características dos contos de fadas tradicionais. Porém, chega um tempo em que começa a se sentir sozinha e resolve tecer um marido, desejando que, na sequência, venham filhos. Para tanto, pega seus fios mais belos e começa a tecer o seu marido imaginário. Ele ganha um chapéu, roupas e um par de sapatos lustrosos, muito bem engraxados. Assim que finaliza sua obra, a porta de sua casa abre, e eis que surge o marido. Feliz, a moça tecelã dorme no ombro do companheiro e sonha com os lindos filhos que teriam.

Ela foi muito feliz por algum tempo, porém os propósitos de seu amado eram diferentes dos seus, quando o marido descobre o poder do tear esquece de todo o resto e a escraviza. A jovem passa a trabalhar sem parar e sem descanso para produzir todos os bens que o companheiro passa a exigir, inclusive um palácio com uma torre, onde ele pretende escondê-la, para que ela continue, em segredo, seu trabalho. Finalmente o palácio ficou pronto, e entre tantos cômodos o quarto mais alto, da mais alta torre foi destinado como aposento da moça tecelã e do seu tear. O marido dizia, antes de trancá-la neste cômodo, que essa ação era para que ninguém soubesse do tapete, mas antes de trancar a moça em seu quarto fez mais uma exigência, que ela providenciasse estrebrias e cavalos. A moça continuava a tecer os caprichos do marido, enchendo o palácio de riquezas, as salas de criados, tudo para atender as vontades do marido.

A noite chegava e ela não tinha tempo para arrematar o dia. (COLASANTI, 2004, p. 5)

E nesse tempo de tecer para satisfazer as vontades e caprichos do seu marido, deu-se

contaque sua tristeza era muito maior do que todo o palácio e seus imensos cômodos. Então, seus pensamentos voltaram-se para o passado, para o tempo em que ela era feliz, e a moça pensou que seria bom estar só novamente. Esperou anoitecer e, enquanto o marido dormia, a Moça Tecelã sentou-se ao tear, sem precisar escolher cor alguma iniciou o destecer de seu tecido. Iniciou pelos cavalos, carruagens, estrebarias e jardins. Em seguida, desfez os criados, o palácio e todas as riquezas, neste momento surge a possibilidade do divórcio.

Foi então que se viu na sua casa pequena novamente e sorriu para o jardim da janela. No entanto ainda não tinha desfeito o marido, que, estranhando a cama dura, acordou e, espantado, olhou em volta e não viu nada do que tinha antes. Ele não teve tempo de se levantar, pois a Moça Tecelã desteceu também o marido. Ela iniciou pelos sapatos escuros, e ele viu seus pés e pernas desaparecendo. Rapidamente, ele foi desfeito, findando pelo emplumado chapéu. De volta à sua condição inicial, a moça sentou-se no tear, escolheu uma linha clara, como se ouvisse a chegada do sol, e lentamente foi tecendo traços de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

O enredo do conto “A moça tecelã”, nos conduz a (re) pensar a condição social e cultural da mulher e as diferenças de interesses e desejos na relação feminino x masculino. Assim, em alguns momentos a obra apresenta uma mulher que segue “seu destino”, em outros se aproxima do ideal da mulher tradicional, voltando, ao final, para a representação de uma mulher autônoma e dona de si. Dessa maneira, a obra subverte padrões de comportamentos construídos pela sociedade patriarcal, especialmente o de que a felicidade da mulher está no matrimônio.

Para fins de análise, descreve-se como se dá a construção da Moça Tecelã sob o ponto de vista físico e psicológico, a partir dos estereótipos construídos acerca do feminino.

O conto apresenta uma moça cuja atividade principal era tecer. Ela é jovem, de origem humilde, e faz do seu ofício de tecelã sua vida. Sem muitas ambições, a moça é feliz com o que possui, demonstra ter autonomia sobre suas decisões, pois tece e destece seu tapete de acordo com suas vontades. A protagonista do conto é uma mulher que ao tecer seu bordado segue os hábitos de inúmeras mulheres ao longo da história. Acerca dessa temática Joan Gould, por meio do estudo “Fiando palha, tecendo ouro” (2007), explica a relação existente entre essas imagens arquetípicas nos contos de fada e as transformações na vida da mulher, conforme trecho seguir:

O ato de tecer é uma metáfora de transformação, e transformação é o trabalho da mulher. A mulher da casa tece linho ou lã fazendo um fio com o qual se faz roupas; depois converte roupas velhas em retalhos, retalhos em colchas ou tapetes, e colchas ou tapetes em arte. Ela transforma, ou costumava transformar, o grão em farinha, a farinha em pão, que se torna alimento para sua família. É um meio de alcançar uma forma interior de transformação. Uma

vez que a magia da mulher é uma metáfora para o crescimento natural. (GOULD, 2007. p. 19)

Assim, concretizando a metáfora da transformação, a protagonista vai construindo seu mundo, buscando a liberdade em um lugar construído por ela, um universo imaginado e bordado fio a fio em seu bastidor. Suas ações vão demonstrando que ela é uma mulher livre, autônoma, sem interdições, sem receios de suas criações e desejos, pois tece tudo que deseja, inclusive um marido. Por essas características, sua personalidade foge de alguns estereótipos femininos, já que, nas palavras de Bourdieu, “delas se espera que sejam "femininas", isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas” (BOURDIEU, 2012, p. 82). Essa postura desbravadora se confirma inclusive ao nutrir sonhos até então impensados, “com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida” (COLASSANTI, 2004, p. 5) e decidir por conta própria realizar mais este desejo: criar um marido para ser sua companhia.

Dessa maneira, a narrativa, através de uma linguagem bem trabalhada, faz emergir embates ideológicos que permeiam possibilidades da realidade feminina, na qual a mulher está a todo tempo tentando equilibrar-se entre as limitações do mundo real e seus desejos de liberdade e reconhecimento. Se por um lado a protagonista é responsável pela construção de seu mundo e o faz à sua maneira, sem a interdição de um outro; por outro, em um dado momento ela se submete aos caprichos do marido, deixando de realizar seus desejos para atender aos mais ambiciosos desejos do marido. Mas no tecer e (des) tecer da narrativa, a Moça Tecelã não se rende por muito tempo à dominação imposta pelo marido.

Para Bourdieu (2012, p. 18), a “força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la”. Nesse sentido, o desejo por companhia que leva à tessitura de um marido coaduna com as diretrizes da sociedade que apontam o casamento como o evento gerador da felicidade feminina. Mas a Moça tecelã, tendo consciência de sua condição e do poder de seu tear, destece o marido, recuperando sua autonomia e sua felicidade, demonstrando assim que sua felicidade não está atrelada unicamente à presença de um homem ou ao casamento. A protagonista entende que a continuidade daquela relação significaria a repressão de suas vontades e, portanto, o desejo de liberdade, de tomar suas decisões, a impulsiona a também romper com as normas impostas pela sociedade patriarcal em prol de sua satisfação.

Segundo Zolin (2005, p. 217), as relações de poder entre os sexos, consolidadas pelo

casamento, “espelham as relações de poder entre homem e mulher na sociedade em geral; a esfera privada acaba sendo uma extensão da esfera pública. Ambas são construídas sobre os alicerces da política, baseados nas relações de poder”.

O conto “A moça tecelã” propõe uma quebra de paradigma. Nele, a mulher já não é mais vista como um ser passivo e dependente do homem, pois as atitudes da protagonista transgridem as posições sociais impostas, fazendo com que o leitor identifique diferenças e aproximações com relação ao modo como as mulheres são percebidas nos diferentes espaços, permitindo ao leitor a percepção das formas pelas quais as mulheres podem ser (auto)representadas, tornando-se leitores de uma determinada realidade social. A respeito do poder inerente à literatura, Coelho (2000) afirma que:

Quanto à moderna literatura destinada às crianças (ou à juventude), esta também apresenta um poder inerente a toda grande literatura e revela sua essencialidade quando é lida através dessa perspectiva: a do poder mágico do conhecimento, despertando a capacidade de inventar/construir como espaço de prazer, e, ao mesmo tempo, espaço de conhecimento subliminar. É essa fusão prazer/conhecer que encontramos nas raízes do chamado boom da literatura infantil em meados dos anos 70 – eclosão de uma nova qualidade literária e/ou estética que transformou o livro infantil em um objeto novo [...] possui matéria extremamente rica para formar ou transformar as mentes (COELHO, 2000, p. 127).

A linguagem estética procura representar a realidade em foco e dela ser testemunha, ao mesmo tempo em que se assume como invenção, passando a ser questionadora das realidades; e, ao mesmo tempo, descobre-se criadora ou instauradora de um novo real, desnudando a condição feminina ao fazer refletir sobre o papel da mulher na sociedade. Dessa forma, as atitudes da protagonista do conto “A moça tecelã” permitem ao leitor posicionar-se criticamente frente às novas realidades que surgem como resultado das novas interações sociais produzidas nestes novos tempos.

A leitura que este estudo empreendeu do conto “A moça tecelã” ancorou-se no conceito da crítica feminista, pois esta propõe uma nova visão sobre a mulher, além de promover debates acerca dos posicionamentos da mulher na sociedade, rompendo com os discursos sacralizados pela sociedade patriarcal, assim como pela tradição literária. Isso quer dizer que:

Trata-se de um modo de ler a literatura confessadamente empenhado, voltado para a desconstrução do caráter discriminatório das ideologias de gênero, construídas, ao longo do tempo, pela cultura. Ler, portanto, um texto literário tomando como instrumentos os conceitos operatórios fornecidos pela crítica feminista implica investigar o modo pelo qual o texto está marcado pela diferença de gênero, num processo de desnudamento que visa despertar o

senso crítico e promover mudanças de mentalidades, ou, por outro lado, divulgar posturas críticas por parte dos(as) escritores(as) em relação às convenções sociais que, historicamente, têm aprisionado a mulher e tolhido seus movimentos (ZOLIN, 2005, p. 183).

Nessa perspectiva, ao apresentar a moça a tecer e destecer o marido, o conto propõe a desconstrução, a revisão e a reconstrução de valores. As atitudes e personalidade da Moça Tecelã dialogam com o leitor a fim de fazê-lo repensar a condição feminina, sempre almejando o crescimento e o amadurecimento da consciência das condições impostas às mulheres.

Portanto, nada mais coerente que uma literatura comprometida com seu papel social, lançarmos dessa perspectiva para gerar uma reflexão por parte de seus leitores; no caso, mais incisivamente por parte de suas pequenas leitoras, mas estendendo-se também ao público masculino, que muito tem a contribuir para transformar essa realidade tão limitadora em que a mulher se encontrou durante tantos anos.

Feita as análises do ponto de vista físico e psicológico da personagem principal, procura-se explicitar como se dá a construção da identidade e como esta construção pode sugerir sobre a condição da mulher na narrativa analisada.

Enveredando pelo caminho da obra, observamos que o fio condutor da narrativa *A moça Tecelã* é o ato de tecer. Com esta função de tecer, a autora dá visibilidade ao papel social desempenhado por mulheres durante séculos, representado na obra pelo trabalho de tecer, bordar, tido como um trabalho doméstico, portanto, exclusivo das mulheres, criando dessa maneira um empoderamento importante de ser observado. A obra traz uma crítica à postura opressora que limita as mulheres a partir da observação de um gesto rotineiro como o ato de tecer, costurar. Pois a Moça tecelã possui um tear com poderes mágicos, assim ela produzia um tapete que “*nunca acabava*”, conforme comprovamos logo no início da narrativa:

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol atrás das beiradas da noite.

E logo sentava-se ao tear. Linha clara, para começar o dia.

Delicado traço cor de luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas quentes lãs iam tecendo, a hora em longo tapete que nunca acabava.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido.

Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete.

E, à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila (COLASANTI, 2004, p. 2).

O conto traz em sua narrativa dois momentos distintos vivenciados pela Moça tecelã. Por um lado, adentra alguns aspectos bem particulares das posições sociais tradicionalmente delegadas às mulheres, que são: o trabalho feminino relacionado diretamente ao ato de tecer, que se encontra implicitamente atrelado às atividades domésticas; o confinamento ao lar, espaço restrito e fechado, no qual ela era a responsável pela feitura do alimento, pelos cuidados com a manutenção de sua casa, pois é no lar que tudo acontece; desejo de ter um companheiro e casar-se, ou seja, de um marido para dividir seus sonhos. Por outro lado, mostra o lado independente, inteligente e perverso da mulher, observado quando a Moça Tecelã decide produzir/tecer seu companheiro e quando, ao perceber que não estava satisfeita com o marido, decide destecê-lo, voltando a ficar só, mas feliz por poder voltar a tecer seus próprios desejos.

Com relação ao espaço destinado às mulheres pela sociedade patriarcal, Zinani (2013) considera esta questão ao afirmar que

A valorização da esfera doméstica, do espaço interior, a própria criação de um espaço atemporal para as donas de casa, atribuindo à mulher uma forma de poder paralelo, são modalidades de escamotear uma realidade em que as mulheres têm consagrada a cotidianidade, enquanto os homens reservam para eles os grandes acontecimentos [...] Na verdade, essa visão de mundo

proporciona uma situação confortável para algumas mulheres, pois as exime da responsabilidade de ser sujeito; assim, não precisam pensar, decidir, ir à luta para defender seus direitos; e para os homens não deixa de ser uma garantia, já que não veem seu status quo ameaçado (ZINANI, 2013, p. 115).

Dessa maneira, o mundo interior e exterior e tudo a que eles se relacionam são os lugares sociais nos quais mulheres e homens atuam e determinam seus modos de viver, de se comportar e de pensar. Às mulheres é destinado o lado fechado, o lar, os cuidados com a e manutenção da casa e família, não que essas tarefas sejam menores, nem necessariamente devam ser deixadas de lado, no entanto elas precisam ser ressignificadas, divididas entre o casal ou entre os membros que compõem a família. Já aos homens é destinado o público, a manutenção financeira da família.

O trecho do conto em que o narrador afirma “nada lhe faltava” (p. 4) nos remete a condição de submissão social da mulher e as relações de poder construídas historicamente pela sociedade patriarcal, ou seja, o papel social vivido pelas mulheres encontra-se restrito ao seu lar, é nesse espaço que ela exerce sua maior função, a de maior organizadora e a daquela a quem cabe todo o peso do trabalho doméstico. Se este é o único espaço sobre o qual as mulheres possuem controle, então dominar o espaço doméstico já é o suficiente, de nada mais a mulher precisa. Nesse sentido, quando o conto diz que “nada lhe faltava” parece reforçar o papel social construído acerca das mulheres: a Moça Tecelã tinha completo domínio de seu lar. Essa dominação do espaço doméstico, fez com que, segundo (ROCHA-COUTINHO, 1994), no Brasil, a representação da mulher seja totalmente relacionada ao lar, rendendo-lhe o título de rainha do lar. Essas posições são consolidadas a partir do discurso que atravessa a cultura nacional, pois, de acordo com Hall (2006)

Uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades (HALL, 2006, p. 25).

A cultura vai moldando, transformando e fazendo surgir novas identidades. Assim também, na obra, a protagonista vai se fragmentando no decorrer do ato de tecer, colocando em xeque “a ideia que temos de nós próprios como sujeito integrado”, movimento provocado pela “descentração do sujeito de si mesmo e de seu lugar no mundo social e cultural” (HALL, 2006, p. 9). Stuart Hall destaca que

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas de cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2006, p. 13).

Neste ponto, também observamos que a autora traz para a personagem marcas das identidades de gênero que colocam a mulher no espaço privado, o qual, apesar de representar o laborioso trabalho e a agentividade femininos (o de tecer, cozinhar, saciar a fome), traz em seu fio condutor a submissão da mulher, o que tranquiliza os homens, não ofuscando sua identidade de homem e de marido. Essa identidade dual (agentiva, mas submissa) confirma os estudos de Hall (2006), quando este diz que as identidades se apresentam de forma contraditória ou não resolvida.

Esta assertiva também remete aos mecanismos de dominação e poder que apontam para um binarismo hierárquico entre mulheres e homens (fraco/forte/mulher/homem), a partir do qual as posições sociais que os homens ocupam são de opressores, enquanto que as posições sociais femininas são de oprimidas.

Para Beauvoir (1980),

Um judeu e um negro fanático poderiam sonhar com possuir o segredo da bomba atômica e constituir uma humanidade inteiramente judaica ou anteriormente negra: mas mesmo em sonho a mulher não pode exterminar os homens. O laço que a une a seus opressores não é comparável a nenhum outro (BEAUVOIR, 1980, p. 13).

Bourdieu (2010) também nos leva a refletir e a problematizar a preeminência do masculino, embora contestada e atenuada no mundo pós-moderno, ainda marca fortemente as mulheres. A dominação do “masculino” sobre o “feminino” é resultante de uma violência “suave” e “invisível”, que é executada por vias simbólicas, tornando-se algo natural. A “força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção” (BOURDIEU, 2012, p. 18), tendo em vista que esta é uma dominação histórica e está inscrita nas coisas, nos corpos, nas mentes, nas atividades e nas posições sociais, pois “o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes” (BOURDIEU, 2012, p. 18).

A opressão simbólica da dominação masculina se confirma quando,

A divisão entre os sexos parecem estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: e a estar presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e ação. (BOURDIEU, 2012, p. 17)

Na obra, “A Moça tecelã” esta dominação é representada pela posição que a protagonista ocupa na narrativa, pela vida que leva e pelo trabalho de tecer. No tecer do conto, a autora vai utilizando-se de contrapontos, levando o leitor a refletir sobre a identidade da Moça Tecelã. Stuart Hall define as identidades culturais como sendo “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (HALL, 2006, p. 8) complementa:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais (HALL, 2006, p. 9).

E, nesse contexto, o conto “A moça Tecelã” parece acompanhar essas transformações ao retratar essas novas identidades coletivas e pessoais que nascem e mudam a depender da época.

Assim como as identidades, os estereótipos femininos vão se modificando de acordo com a narrativa, propondo uma crítica, denunciando o modo como as identidades de gênero são construídas. “A moça tecelã” instiga reflexões e chama a atenção para mudanças no que diz respeito às posições sociais que as mulheres desempenham e suas consequências na vida em sociedade. O momento em que a moça tecelã se liberta dos estereótipos, ou seja, do lugar comum, do lugar imutável que a séculos foi delegado às mulheres, ela demonstra que apesar das dificuldades enfrentadas, a mulher já superou muitas situações de dominação, embora muito ainda tenha o que mudar. Sendo assim, o conto analisado parece, realmente, desconstruir estereótipos que ainda oprimem as mulheres atualmente.

Na medida em que a moça tecelã vai saindo do encarceramento e se empoderando como sujeito de sua identidade, ela passa a assumir seu discurso e a construir uma identidade própria, que não é fixa nem imutável. Sua identidade vai se moldando continuamente e sendo transformada em relação aos outros e de acordo com a cultura na qual ela está inserida.

Segundo Barbosa (2009, p. 8), as mudanças e/ou semelhanças com os estereótipos existentes em nossa sociedade, “atestam mais inovações/um novo olhar do que repetições na formade representação do masculino e feminino, questionando o que é belo ou feio, a mulher frágil ou forte, o príncipe encantado ou desencantado e, dessa maneira, despertando o senso crítico dos leitores”. Portanto, podemos afirmar que a literatura propicia uma reorganização das percepções do mundo possibilitando uma nova ordenação das experiências existenciais do leitor.

Tecendo e (des) tecendo, o conto vai traçando a trajetória da moça ao lançar mão do momento em que a ela sente falta de companhia.

Mas, tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentou sozinha, e pela primeira vez pensou como seria bom ter um marido ao lado. Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seus desejos foram aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo apumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram a porta. Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma e foi entrando na sua vida. (COLASSANTI, 2004 p. 4)

Decidiu então tecer seu próprio marido, ao seu gosto e de acordo com o que desejava. No entanto, a moça tecelã tinha um modelo de marido, de homem, também estereotipado, por suas características físicas, pelo seu modo de vestir e pelo seu modo de se comportar.

O modo como o homem entrou em sua casa, “O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma e foi entrando na sua vida”, denuncia a opressão sofrida pelas mulheres ao longo dos tempos, erigida por meio do discurso unilateral do marido ciumento e autoritário; daí emerge o lugar da representação da dominação masculina de que fala Bourdieu (2005). Apesar do conto analisado estar inserido nos contos contemporâneos e ter em seus arcaouços a desconstrução dos estereótipos femininos, agindo na contramão da ordem vigente, denunciando as opressões sofridas pelas mulheres e apontando para novas perspectivas, ainda são perceptíveis vestígios do poder patriarcal. A dominação masculina é uma marca comum à maioria dos contos clássicos, uma vez que as imagens construídas acerca dos homens e das mulheres se encontram marcadas por estereótipos que simbolizam o silenciamento e a opressão vivenciada pelas mulheres em determinada época e sociedade.

E, entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

- É para que ninguém saiba do tapete – disse. (COLASANTI, 2004, p. 7)

Em muitas épocas e culturas, os homens não permitiam que suas mulheres trabalhassem fora de casa, pois era ao lar e à família que a mulher deveria se dedicar. Assim, eles obrigavam-nas a uma condição de dependência econômica, logo, as mulheres tinham no casamento sua segurança, inclusive financeira. Todos os afazeres domésticos são voltados para o espaço definido como privado, enquanto o masculino, por suas características ditas naturais, deveria se ocupar da esfera pública.

No decorrer do século XX, a teoria política feminista, em especial aquela vinculada à abordagem da dominação, colocou em discussão a distinção liberal entre público e privado.

Para Okin (2008), o resultado da divisão entre o que é público e o que é doméstico traz consequências no dia a dia das mulheres, ou seja, relaciona-se diretamente ao problema da dominação das mulheres, a saber, a divisão sexual do trabalho, a qual tem fundamental importância para essa dicotomia, inclusive em suas bases teóricas.

Os homens são vistos como, sobretudo, ligados às ocupações da esfera da vida econômica e política e responsáveis por elas, enquanto as mulheres seriam responsáveis pelas ocupações da esfera privada, da domesticidade e reprodução. As mulheres têm sido vistas como “naturalmente” inadequadas a esfera pública, dependentes dos homens e subordinadas à família (OKIN, 2008, p. 308).

Historicamente desconstruir essa naturalização, no sentido da superação desse lugar, tem sido um movimento permanente para além inclusive do movimento feminista.

Em suas considerações, Beauvoir (1980) aborda sobre a importância da construção de um sujeito feminino que deve se fazer a revelia do que foi traçado pelo homem, assim o direito a educação, ter uma vida política, ter posse sobre seus próprios sonhos são posicionamentos das mulheres deixando assim de serem dependentes das limitações impostas pela sociedade patriarcal.

Para Beauvoir (1980), esse seria o caminho para “o ser livre”,

O privilégio econômico detido pelos homens, seu valor social, o prestígio do casamento, a utilidade de um apoio masculino, tudo impele as mulheres a desejarem ardorosamente agradar aos homens. Em conjunto elas ainda se

encontram em situação de vassalagem. Disso decorre que a mulher se conhece e se escolhe, não tal como existe para si, mas tal qual o homem a define (BEAUVOIR, 2009, p. 155).

Dessa maneira, Beauvoir (2009) propõe um rompimento do legado social que limitou os direitos da mulher. No entanto, isto só seria possível se a mulher abandonasse a posição de estar à sombra do homem; ela teria que assumir uma nova identidade que acarretaria também em assumir posições e responsabilidades advindas dessas escolhas.

Na obra “A moça tecelã”, fica perceptível que a princípio as preocupações da personagem principal se restringiam a coisas essenciais para a sua sobrevivência, tais como alimento, o frio da noite, a luz do sol, a chuva para refrescar os dias de sol forte, o vento, enquanto que o homem, ao contrário da moça tecelã, valorizava as coisas terrenas, os bens materiais e dispensáveis, o vocábulo “caprichos”, a nosso ver confirma esta afirmação, vejamos:

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados (COLASANTI, 2004, p. 7)

Sabe-se que o casamento é uma das convenções mais sólidas há séculos, assim como o trabalho o é. Frequentemente, ouvimos dizer que ele é uma instituição falida, porém se faz necessário repensar os modos de vivenciar o mesmo.

Temos então o casamento como “destino” para a mulher, não só do ponto de vista religioso, mas também do social, como conclui Beauvoir (1980, p. 165) ao dizer que “o destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não o ser”. Carrijo (2013) completa esse raciocínio ao considerar que, fora do casamento, as mulheres só tinham duas alternativas: a vida nos conventos ou a prostituição. Portanto, diante da solidão da primeira alternativa ou da marginalização da segunda, elas foram ao longo da história preparadas para o casamento, não importando se ele resultasse em felicidade ou em um fardo a suportar com maior ou menor conformação.

No ensaio “Independência, que bonita que é”, contido no livro “*A Nova Mulher*”, Marina Colasanti toca exatamente nesta velha/nova questão que tanto assolou/assola o mundo feminino:

Dependentes, amarradas a decisões e interesses familiares, muitas mulheres

casam até hoje sem amor, apenas por conveniência, para garantir o mantenedor de papel passado.

E por dependência econômica, por não saber, poder ou querer prover a si mesmas. Um número assustadoramente grande de mulheres se mantêm presas a casamentos errados, dolorosos e às vezes até humilhantes. (COLASANTI, 1980, p. 14).

Mas a moça não se submeteu por muito tempo aos caprichos do marido, ela passa a assumir sua posição e rever suas escolhas a partir do momento que percebeu sua tristeza, que percebeu que estava sendo explorada e que seus desejos já não eram compartilhados pelo casal. Foi então que ela decidiu destecer o marido com a mesma autonomia que o havia tecido.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se, e quando o marido dormia, sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear. (COLASANTI, 2004, p. 9)

Assim a narrativa transpõe a personagem feminina para uma nova condição, um novo modo de estar no mundo. A moça, ao destecer o marido volta a viver na mesma harmonia inicial do conto. O fato de a moça desfazer seu companheiro suscita a ideia de que ela não estava conformada com sua situação e, tendo consciência de que, através do seu poder de tear, ou seja, do seu trabalho, ela era capaz de se desvencilhar da dominação masculina que a submetia, ela destece o marido.

Nos contos de fadas tradicionais, coragem, força e esperteza parecem ser considerados atributos primordialmente masculinos. O que é lido como natural na masculinidade pode ser lido como não-natural e ameaçador na feminilidade. O “natural”, para alguns, seria que a personagem feminina tivesse seus medos e fosse frágil, que ela não (des)tecesse o marido, ou seja, permanecesse num casamento mesmo estando infeliz, ou sendo feliz ao satisfazer as vontades do seu marido. No entanto, a moça tecelã subverte a ordem das coisas ao desfazer do marido sem maiores problemas, deixando subentendido que sua relação deveria ser construída na base do companheirismo e não da submissão e interesses.

Os comportamentos presentes na obra analisada mostram uma personagem feminina forte que deseja ser feliz, independente de sua condição ou status social. Segundo Woodward,

As identidades que são construídas pela cultura são contestadas sob formas particulares do mundo contemporâneo – num mundo que se pode chamar de pós-colonial. Este é um período histórico caracterizado, entretanto, pelo colapso das velhas certezas e pela produção de novas formas de posicionamento. Se a questão da construção da identidade gira em torno do “tornar-se”, homens e mulheres estão a todo o momento mudando a sua posição na sociedade e na literatura, construindo novas identidades (WOODWARD, 2000, p. 25).

Esse conto, assim como tantos outros do gênero, escreve uma mulher muito mais destemida, autônoma e não mais submissa aos homens. De acordo com Franchetto (1981), as mulheres recusam a representação de “segundo sexo” ou “sexo frágil” por excelência. Elas afirmam-se como sexo, mas em sua singularidade. A mulher se descobre ou se quer sujeito de seu próprio corpo, de sua sexualidade, de sua vida, produzindo as mais diversas consequências políticas, econômicas, culturais. Desejos defendidos pelo movimento feminista que, ainda segundo Franchetto (1981), reivindica para as mulheres, um espaço de atuação política.

Franchetto (1981) postula que, na história da humanidade, as mulheres tenham sido sempre submetidas a uma ordem predominantemente masculina, mas agora adquiriram consciência de sua opressão milenar e dos seus interesses que só elas podem defender. Esses interesses exprimem-se na luta contra a discriminação da mulher na sociedade, o que pode ser traduzido no rebelar-se contra a imposição de um papel social alocado a um sexo, no caso o de “sexo frágil”.

Ao se desfazer do marido, a moça tecelã demonstra ser detentora do seu destino, sua ação é direcionada ao desejo de liberdade que só se concretiza devido ao seu trabalho de tear. Historicamente, foi através do trabalho que as mulheres tiveram e tem a oportunidade de superar a distância entre elas e os homens. É através da independência e autonomia, inclusive financeira, que as mulheres têm a possibilidade de diminuir a opressão e desconstruir os estereótipos femininos. Com seu próprio trabalho, as mulheres já não são dependentes dos homens, sejam ele pais, maridos, irmãos, cabendo a elas próprias a condução da sua vida. Esse tipo de postura é responsável pelas mudanças que vêm ocorrendo na sociedade moderna, apesar de ainda vivermos numa sociedade marcada pela discriminação entre os gêneros. Nesse sentido, a Literatura vem cumprindo com sua missão emancipadora quando, numa obra literária, proporciona um novo olhar sobre as representações femininas que antes pareciam inquestionáveis.

Para Coelho (2000), o século XX é apontado como o tempo a partir do qual o “novo” se constrói em meio a desencontros, perplexidades, acertos e desconsertos. Mas com uma

diferença: a de que, a partir desse período, um dos elementos-chave da mudança em processo é o próprio mundo feminino, é a própria condição de mulher que tenta se redescobrir e se reequacionar em sintonia com as novas forças imperantes.

A literatura dá voz a uma nova identidade de mulher que precisa ser discutida, questionada, só assim será possível construir novas leituras com relação ao discurso que dominou um longo período da nossa história e que de certa maneira continua arraigado nas práticas excludentes e sexistas. Por isso, ao considerar que a sociedade influencia na construção de uma obra, assim como a obra repercute na sociedade, essas histórias ajudam a consolidar e a legitimar as ideologias que elas encerram.

O entrecruzamento da literatura com os estudos de gênero relacionados às mulheres favorece novas interpretações sobre as posições sociais que as mulheres ocupam e preenche os não ditos que o texto apresenta, além de apontar para aspectos sobre a identidade de gênero e as posições sociais que as mulheres ocupam e que de certa forma são negligenciados pela sociedade. Para a pesquisadora Elódia Xavier (1998, p. 13), a perspectiva social dos gêneros enriquece as análises literárias, pois “a abordagem interdisciplinar de qualquer objeto de estudo acrescenta novas dimensões a seu conhecimento”.

A literatura infanto-juvenil contemporânea, assim como a de autoria feminina, “estabelece uma crítica a partir da consciência de quem escreve, e, através das imagens recorrentes na obra do escritor, é possível entender melhor a mensagem engendrada pela linguagem literária” (BONICCI; SOUZA, 2005, p. 204). Nesse sentido, o conto “A moça tecelã” apresenta a configuração das duas tendências, ao representar os sujeitos sociais de uma forma diferente, principalmente em relação à identidade feminina, e ao fazer isso empregando uma estrutura que desperte a fantasia e a imaginação no pequeno leitor.

Estes são aspectos importantes para que se possa relacionar implicações do estudo para a mediação pedagógica no contexto escolar, segundo Candido (2011),

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominantes. (CANDIDO, 2011, p. 175).

Nesse sentido, é possível destacar o potencial da obra literária no tocante ao seu papel formador e humanizador, seu aspecto renovador; na medida em que revela ou desvela para o leitor/aluno outra visão sobre a vida e a cultura na qual ele está inserido. Esse desvelar pode

apresentar-se como fator de risco ou perturbação do estabelecido socialmente, do socialmente legitimado. Mas é justamente daí, desse espaço de ruptura que advém a dimensão apontada por Cândido (2011) como edificante da literatura.

Esse caráter “perturbador” amplia a relevância da atuação do professor na construção de uma mediação pedagógica que permita a reflexão crítica sobre as representações em circulação e as consequências de sua manutenção ou alteração. O professor, enquanto par experiente, pode atuar na escolha de obras não sexistas, como “A moça tecelã”, que desconstrói ideias sobre identidades de gênero, assim como sobre as funções delegadas às mulheres pela sociedade patriarcal. Pode também propor uma leitura que busque a desmistificação sobre o ser mulher, possibilitando o enfrentamento de desigualdades de gênero por parte do professor e por parte dos alunos.

O professor ao fazer a mediação pedagógica em sala de aula possibilitando discussões e levantando hipóteses, poderá denunciar as opressões sofridas e apontar novas perspectivas para a situação feminina a partir da abordagem dos aspectos que permeiam a vida e as atitudes da Moça Tecelã, que, apesar de desejar um companheiro, não aceita ser submissa nem tolhida de suas vontades e busca por espaço e voz quando decide por acabar com o casamento. Ao considerar as novas configurações do feminino delineadas no conto, o professor propõe uma nova visão sobre os debates, e põe às claras algumas tendências recorrentes principalmente quando aborda temas comuns à coletividade como é o caso das identidades de gênero e as identidades construídas pelos homens para as mulheres, identidades estas que não as definem, pois foram construídas a partir da visão patriarcal.

Em “A Moça tecelã” podemos perceber várias recorrências temáticas, especialmente, na configuração dos papéis de gênero. Como vimos, ela é independente, tece seus “mundos”, vencendo os obstáculos, desafia o modelo que lhe condicionava a uma passividade histórica e modifica seu “final feliz”, sem que seu marido tenha nenhuma interferência nisso.

Portanto, ao selecionar uma obra literária, o professor precisa conhecer a obra, fazer a seleção e planejamento adequados para que a função emancipadora e libertadora da Literatura possa realmente fazer emergir um diálogo profícuo em aula de aula. Por exemplo, ao ouvir os alunos, com suas vivências, e problematizar o percurso da Moça tecelã, o professor estará desenvolvendo todo o potencial crítico que a literatura é capaz de fomentar. Dessa maneira, a leitura literária certamente pode contribuir para a compreensão crítica do mundo, reconhecendo que a obra de ficção constrói um mundo possível que, por vezes, dialoga inclusive com a realidade dos alunos e, neste caso em especial, das alunas, que podem em algum momento se

reconhecer como *A Moça Tecelã*. Parte-se aqui do pressuposto de que para se ensinar a gostar de ler é preciso que os professores sejam leitores e que disponham de um repertório de leitura para que possam programar sua mediação em leitura em sala de aula.

Pesquisas de Amarilha (1997) apontam para a problemática da leitura na escola, mais especificamente para a relação que se estabelece entre a comprovada escassez de repertório de leitura por parte dos professores e a alegação destes quanto ao desinteresse dos alunos em ler. A autora também fala sobre a pouca frequência dos alunos à biblioteca da escola e, ainda, sobre o pouco envolvimento dos alunos com os livros, quando levados a escolher material de leitura. Mesmo considerando a importância de sujeitos diversos na formação de leitores, como os pais, avós, familiares e outros tantos, acredita-se que os professores exercem papel fundamental na relação do aluno com a leitura.

Há de se concordar com Zilberman (1991) ao afirmar que a leitura é o fenômeno que respalda o ensino de literatura e, ao mesmo tempo, o ultrapassa, porque engloba outras atividades pedagógicas, via de regra de tendência mais prática. Dessa forma, o contato com a literatura, enquanto evento cultural e social, depende do modo como a leitura é encarada pelos professores, por extensão, pelos livros didáticos que encaminham a questão, pois, de uma maneira ou de outra, eles se encarregam de orientar muito da ação docente em sala de aula.

Além dessas questões, é primordial que haja em um processo de ensino de leitura/literatura uma simetria entre o professor e o aluno, pois isso abre espaço para o diálogo, essencial no trabalho com a mediação pedagógica. Assim surge uma forma criativa e prazerosa de organizar o ensino e proporcionar a socialização e a interação entre professores, alunos e a obra literária.

4.3 O rei sapo

O conto de fada “O Rei Sapo” narra o conflito de uma princesa que, em um dos seus frequentes passeios, ao brincar numa floresta que havia perto do castelo, deixa seu brinquedo preferido, uma bola de ouro, cair no fundo da fonte. Percebendo que perdera a bola de ouro, a princesa começou a chorar alto. Foi então que um sapo, que estava no poço, apareceu e perguntou por que a princesa estava chorando. A princesa explicou o ocorrido e o sapo disse que pegaria a bola de ouro para a princesa, mas queria saber o que ele receberia em troca. A princesa ofereceu suas joias, seus vestidos e até a coroa que estava usando, mas o sapo disse que nada daquilo lhe servia. Ele queria que a princesa fosse sua amiga e companheira, além de

poder comer e beber em seu prato e copo de ouro, além de dormir na mesma cama da princesa, caso ele recuperasse o seu brinquedo favorito. A princesa prontamente aceitou o acordo. Porém, recuperada a bola, a princesa fugiu do sapo.

No dia seguinte, quando o rei, a rainha e as filhas estavam jantando, ouviram um barulho estranho batendo a porta, era o sapo exigindo que a princesa cumprisse o acordo. A princesa, ao ver o sapo, fechou a porta. Mas o rei, percebendo que algo tinha acontecido, indagou a princesa sobre sua atitude, e ela contou o que tinha acontecido no dia anterior. O rei exigiu que a princesa cumprisse com o acordo.

Ao abrir a porta, o sapo entrou imediatamente e foi direto até a cadeira da princesa, quando a viu sentada, pediu para ficar mais perto para comerem juntos. O sapo comia com muito apetite, mas a princesa demonstrava sentir nojo do animal. Ao terminarem a refeição, o sapo disse que estava cansado e mandou que a Princesa arrumasse a cama para os dois dormirem. Então a princesa começou a chorar ao ouvir as exigências do animal. O Rei mais uma vez exigiu que a princesa cumprisse com sua promessa. E assim a Princesa fez.

No entanto, ao chegarem ao quarto, ela deitou na cama e deixou o sapo no chão. O animal, vendo que não estava na cama junto com a princesa, começou a reclamar; disse que se queixaria ao Rei, caso ela não o colocasse na cama. A Princesa, então, num momento de fúria, pegou o sapo e atirou-o contra a parede. Para sua surpresa, o sapo, ao cair no chão, transformou-se num príncipe. Ele contou-lhe que havia sido transformado em sapo por artes de uma bruxa e que ninguém, a não ser a princesa, poderia desencantá-lo. Disse também que no dia seguinte a levaria para o reino dele. Com o consentimento do rei, os dois jovens ficaram noivos.

No outro dia, ao amanhecer, a carruagem do príncipe já havia chegado. Estava atrelada a oito cavalos brancos, todos eles com plumas brancas na cabeça, presas por correntes de ouro. Guiando a carruagem, vinha seu fiel criado Henrique, que de tanta tristeza quando soube que o príncipe tinha sido transformado num sapo por uma bruxa, mandou prender seu coração com três aros de ferro, para que não se despedaçasse de tanta dor. Alegre porque o príncipe tinha conseguido livrar-se do feitiço, ajudou os noivos a se acomodarem na carruagem; em seguida, partiram.

Em determinado momento da viagem, o príncipe ouviu um estalo e achou que algo na carruagem tinha quebrado. Foi então que Henrique explicou que tinha seu coração preso a três aros de ferro desde que o príncipe tinha virado sapo, mas agora um dos aros se soltaram tamanha a alegria de vê-lo novamente como um príncipe. E mais duas vezes mais durante a viagem o príncipe ouviu o mesmo estalo.

A princesa protagonista do último conto aqui analisado não é uma menina qualquer. Dentre as várias filhas do rei, ela é a única que sai de casa para brincar na floresta, ou seja, ela tinha liberdade para passear. Essa informação demonstra que trata-se de uma princesa autônoma e que gozava da confiança do rei, pois em seus passeios estava sempre só e costumava satisfazer suas vontades, ficando aborrecida quando algo não a agradava. Essa autonomia e confiança da princesa é anunciada na narrativa quando ela, em atos rotineiros, sai do castelo para passear na floresta e brincar com sua bola de ouro:

O castelo real ficava ao lado de uma floresta sombria onde, debaixo de uma frondosa tília, havia uma fonte. Em dias de muito calor, a filha mais nova do rei vinha sentar-se ali e, quando se aborrecia, brincava com sua bola de ouro, atirando-a para cima e apanhando-a com asmãos.

É pelo viés da crítica literária que foram feitas as considerações sobre a personalidade da Princesa no conto. Trata-se, portanto, de ler e interpretar a obra literária com o intuito de desconstruir as relações de poder da sociedade patriarcal, fazendo emergir a representação do universo feminino no contexto do conto analisado, por entender que este está marcado pela transição e reconstrução de valores. Historicamente a literatura foi usada como instrumento de poder, pois ela pode promover, de acordo com Culler (1999, p. 45), “o questionamento da autoridade e dos arranjos sociais”, estabelecendo, assim, um movimento de consciência. É sob esse viés que a análise do conto O Rei sapo representou um vasto caminho a ser explorado e problematizado.

Nesse sentido, a crítica literária tem tentado descobrir como as vozes do discurso literário manifestam determinadas ideologias, como se constrói o discurso que elas encerram e porque trilham determinados caminhos. No caso específico das produções femininas, averigua-se como essa escrita marca a presença da mulher na história e na cultura do tempo em que ela se manifesta. A forma como a obra é lida e interpretada é de suma importância para esse processo de formação de uma visão crítica, pois dependendo do olhar e identificação do leitor a obra poderá ter muito significados. Para esta pesquisa, a leitura partiu dos pressupostos da crítica literária, para a qual ler e interpretar a literatura deve seguir um viés político, no qual a desconstrução do discurso acerca da opressão e da discriminação das mulheres são o foco principal, além da desconstrução dos papéis de gênero naturalizados pela sociedade patriarcal. Para Zolin (2012), a crítica literária está voltada para dois aspectos:

- 1) para o desnudamento e para a desconstrução de discursos que circunscrevem a opressão e a discriminação da mulher, tomada como objeto de representação literária;
- 2) para o desnudamento dos mecanismos estético-temáticos de práticas literárias, prioritariamente, de autoria feminina, engajadas em representações femininas que não se reduzem a reduplicações ideológicas de papéis de gênero, sancionados pelo senso comum, mas que espelham a multiplicidade e a heterogeneidade que marcam o modo de estar da mulher na sociedade contemporânea (ZOLIN, 2012, p. 53).

Para além de sua personalidade forte, rebelde e transgressora, era a mais bela de todas as filhas do rei, até o sol se deslumbrava ao refletir tamanha beleza. No trecho reproduzido a seguir, o conto retoma o padrão de beleza delegado às princesas, e conseqüentemente às mulheres.

Num tempo que já se foi, quando ainda aconteciam encantamentos, viveu um rei que tinha uma porção de filhas, todas lindas. A mais nova, então, era linda demais. O próprio Sol, embora a visse todos os dias, sempre se deslumbrava, cada vez que iluminava o seu rosto.

Para além do que foi construído pela sociedade patriarcal com relação ao ideal de mulher, os contos de fadas tradicionais reforçam esses estereótipos de beleza que ainda se perpetuam na atualidade.

Para Martins,

A beleza, nos contos tradicionais, por diversas vezes se apresenta como sendo uma característica importante para as princesas, talvez porque esse seja um dos pontos que influenciaram a doutrinação das mulheres, beleza e encantamento era o que lhes era cobrado para que pudessem encontrar um bom marido e “serem felizes (MARTINS, 2015, p. 108)

Estes atributos ainda estão em voga na contemporaneidade. Basta observar as bonecas e propagandas sobre a beleza das mulheres, assim estereótipos continuam a inundar o imaginário das meninas e dos meninos, quando estes definem suas escolhas pelos atributos de beleza que a sociedade impõe.

Sob o ponto de vista físico, o conto remonta os contos de fadas tradicionais quando reforça o ideal de beleza da princesa. Já sob o ponto de vista psicológico ou

comportamental ele desconstrói e subverte o perfil cristalizado da princesa boazinha e cordata no momento em que a protagonista não cumpre o acordo feito com o sapo em troca da bola de ouro, saindo correndo quando o sapo lhe entrega a bola. De acordo com trecho abaixo:

Claro! Se me trazer a bola, prometo tudo isso! – respondeu prontamente a princesa, pensando: Mas que rãzinha boba! Ela que fique na água com suas iguais! Imagine se vou ter uma rã por amiga!

A princesa usa de sua esperteza e engana o sapo ao dizer que aceita o acordo em troca de sua bola de ouro, assim ela quebra com o paradigma de submissão das mulheres em relação aos homens quando não aceita a ser cortejada. A narradora, ao apresentar a princesa com uma personalidade oposta ao que se espera da conduta de uma Princesa, que segundo MARTINS (2005, p. 16), caracterizam-se como “figuras quase sempre domésticas, trabalhadeiras, resignadas e altruístas, caso se atrevam a sair do ambiente doméstico, perdem-se na floresta”, onde a mesma não se limita ao lugar de passividade e submissão requerendo assim o poder de escolha e de tomar decisões por conta própria, estabelece uma crítica ao padrão existente em relação as personagens dos contos de fadas tradicionais e aos padrões engendrados culturalmente que determinam o lugar das mulheres.

Barbosa (2009) faz uma importante reflexão sobre esse processo ao revelar que os homens buscaram sempre determinar um lugar para as mulheres, de acordo com si próprios, mas que as diferentes relações culturais tendem a modificar essas imposições:

Os homens [...] tendem a construir posições para as mulheres tomando a si próprios como ponto de referência. A cultura molda a identidade. Pode-se aceitar essas posições ou reivindicar outras. Por isso, algumas reivindicações na formação das identidades das mulheres contemporâneas acontecem por meio do apelo a antecedentes históricos e ao fazê-lo elas podem estar construindo, assumindo e se identificando com novas identidades. Assim a construção da identidade é, além de simbólica, social e histórica. (BARBOSA, 2009, p. 3).

No conto em análise, essas características de personalidade a fazem divergir das posições sociais tradicionalmente delegadas às princesas, conseqüentemente às mulheres, na qual deveriam seguir um padrão estereotipado de doçura, passividade, fragilidade entre outras características ditas femininas.

Retomemos, então, a questão que compete à Princesa e a deliberação feita por seu pai,

quando a obriga a cumprir seu acordo com o sapo, inclusive a obrigando-a a dormir na mesma cama. Diante da fatídica situação, a Princesa, mesmo contrariada obedece às ordens do pai e cumpre com o que foi acordado com o sapo. No entanto, durante o desenrolar da história, ela demonstra sua insatisfação e indignação quando fica só no quarto ao recusar-se a dormir com o sapo, diante das ameaças do mesmo joga-o contra a parede.

Não tendo outro remédio, a princesa foi para o quarto carregando a rã, que dizia estar cansada demais para subir a escada. Chegando lá, largou-a no chão e foi se deitar sozinha.

Que é isso? – reclamou a rã.

Você dorme no macio e eu aqui no chão duro! Me ponha na cama senão vou me queixar ao rei seu pai!

Ao ouvir isso, a princesa ficou furiosa.

Agarrou a rã e atirou-a contra a parede com toda a força, gritando: Agora você vai ficar quieta para sempre, rã horrorosa!

Como se pode notar nas análises sobre a personalidade da Princesa, enfatizamos a postura opositiva por parte da protagonista. Contrapondo-se às atitudes comumente prescritas às mulheres numa sociedade androcêntrica, demonstra, por consequência, uma considerável quebra de expectativas: com relação a liberdade que possui, sua astúcia quando engana o sapo, a tentativa de convencer o pai a não cumprir com o acordo feito com o sapo e por fim, quando ela joga o sapo contra a parede demonstrando repulsa e coragem. Estes são aspectos da personalidade da princesa bastante relevantes, pois demonstra sua indignação ao ser coagida a fazer algo que muito a desagrada por imposição do pai. A relação de poder entre eles é bem explícita, o homem como a figura de força determina as regras do relacionamento enquanto à mulher cabe apenas obedecer. Esta é uma realidade na violência de gênero, em que homens espancam suas mulheres, humilham-nas e, não raras vezes, chegam a matá-las, neste sentido a Princesa, a partir de suas atitudes e personalidade proporciona ao leitor refletir sobre este e tantos outros tipos de violência que são de certa forma naturalizados pela sociedade ainda nos dias de hoje.

Enquanto a princesa se lamentava perto do poço, ouviu uma voz que lhe perguntou o que estava acontecendo. Assim, aparece na narrativa a figura do sapo aquele que se dispõe a ajudar em troca da realização de alguns desejos:

Por que chora, ó filha mais nova do rei? Suas lágrimas são capazes de derreter até uma pedra!

A princesa olhou e viu a cabecinha de uma rã fora da água.

- Foi você que falou, bichinho dos charcos?

Estou chorando porque minha bola de ouro caiu na água e sumiu

A rã para solucionar o problema para a princesa, faz um trato, com ela, como podemos observar a seguir:

- Fique tranquila e não chore mais. Eu vou buscá-la. Mas... o que você me dará em troca?

- Tudo o que você quiser, rãzinha querida. Meus vestidos, minhas joias... até mesmo a coroa de ouro que estou usando.

- Vestidos, joias, coroa de ouro de nada me servem. Mas... se você quiser gostar de mim, se me deixar ser sua amiga e companheira de brincados, se me deixar sentar ao seu lado à mesa, comer no seu prato de ouro, beber no seu copo, dormir na sua cama... se me prometer tudo isso, mergulho agorinha mesmo e lhe trago a bola

Conforme o que foi acordado, o sapo cumpriu com sua parte, pulou na água e trouxe a bola de ouro para a princesa, porém a princesa, não cumpre com o acordo e sai correndo assim que o sapo entrega a bola de ouro.

Satisfeita com a promessa, a rã mergulhou e, depois de alguns minutos, voltou à tona trazendo a bola. Jogando-a na relva, e a princesa, feliz por ter recuperado seu brinquedo predileto, fugiu sem esperar pela rã.

Pare! Pare! – gritou a rã, tentando alcançá-la aos pulos. – Me leve consigo! Não vê que não posso correr tanto?

O modo de agir do sapo, impondo uma condição para trazer de volta a bola de ouro da princesa, é típico do mundo masculino, que historicamente impõe seus desejos e vontades sobre as mulheres. O sapo, nesse caso, usa de seu poder para manipular a princesa, que não aceita. A determinação de que alguns modos de agir são típicos do mundo masculino e outros pertencem ao mundo feminino, faz com que a distinção entre gêneros seja fortalecida.

Nessa perspectiva, reforça-se a ideia de que o feminino, o “ser mulher” é uma construção baseada na reprodução de características, gestos, modos que a sociedade atribui ao ser feminino.

Nas palavras de Louro (2014, p. 45),

Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder.

Louro (2000) faz importante ponderação relacionada a articulação entre identidade e poder, como ela afirma:

Articulando-se em variadas combinações, as identidades de gênero, raça, classe, sexualidade, religião, nacionalidade são - todas - constituídas por (e constituintes de) redes de poder. Não há identidade fora do poder, todas o exercitam e, simultaneamente, todas sofrem sua ação. As identidades fazem parte dos jogos políticos, ou melhor, as identidades se fazem em meio a relações políticas (LOURO, 2000, p. 64).

A adoção dessa perspectiva implica “a compreensão de que todas as identidades são produzidas culturalmente, inclusive aquelas que, por se constituírem na norma, são, paradoxalmente, tão evidentes que se tomam invisíveis. O que se passa a admitir é que nenhuma identidade é natural” (LOURO, 2000, p. 64).

Bonnici (2007, p. 126) nos dá uma definição do conceito de gênero dentro dos estudos literários e/ou sociais ao dizer que é “a maneira como a cultura vê a mulher (e o homem) e como esta é construída culturalmente”. Nesse sentido, as relações de poder que existem entre os gêneros, nas quais um (homem) se sobrepõe ao outro (mulher), são evidenciadas no conto “O Rei Sapo”, pois tanto o sapo quanto o pai da princesa, o Rei, exigem que a princesa cumpra com o acordo.

De acordo com Borges (2013, p. 56)

A questão do poder é um dado fundamental na compreensão do gênero, pois, a partir de certos marcadores como força/fragilidade, ação/passividade associados ao masculino/feminino, instituem-se posições que circunscrevem homens e mulheres em esferas de exercício de poder nítidas ou mascaradas simbolicamente.

Todos os dias nos deparamos com exemplos dessa assimetria do poder. Segundo Louro (1997),

[...]separação de meninos e meninas é, então, muitas vezes, estimulada pelas atividades escolares, que dividem grupos de estudo ou que propõem competições. Ela também é provocada, por exemplo, nas brincadeiras que ridicularizam um garoto, chamando-o de "menininha", ou nas perseguições de bandos de meninas por bandos de garotos. Por outrolado, também se constrói na escola uma série de situações que representariam um "cruzamento de fronteiras", ou seja, situações em que as fronteiras ou os limites entre os gêneros são atravessados. (LOURO, 1997, p. 83)

Com relação ao conto, as imposições feitas pelo sapo e pelo pai da princesa, no caso os homens da narrativa, induzem a princesa a aceitar seu papel social de mulher - casar, ter filhos e cuidar da família. A princesa deveria abdicar de seus desejos de liberdade e emancipação para corresponder aos desejos do pai e do sapo. Assim a obra demonstra a supremacia dos homens com relação às mulheres. Primeiro, o sapo impõe sua vontade em trocada bola; depois, o pai obriga a princesa a cumprir com o prometido: receber o sapo em sua casa, deixar que ele comesse no mesmo prato que ela, dormir na mesma cama que o sapo e ser sua amiga em troca da ajuda para resgatar sua bola de ouro do fundo do lago. Por mais asqueroso que tudo pudesse parecer, a princesa não poderia fugir.

A princesa precisava mostrar que sua palavra tinha valor e, mesmo indo contra sua vontade, obedeceu à orientação do rei-pai. Por trás destas atitudes aparentemente pedagogizantes, pois leva o leitor menos experiente a pensar sobre responsabilidade e sobre o

fato de que as promessas devem ser cumpridas independentemente da situação, temos as relações de poder entre os homens e a mulher do conto. A imposição por parte das figuras masculinas para que a princesa cumpra sua promessa representa a imposição para que a mulher cumpra com seu papel social de mulher, sendo levada a aceitar as exigências do pai e do sapo (um homem estranho que bate à porta no meio da noite).

Tais exigências são reflexos da sociedade patriarcal que determina o que e como as mulheres devem se comportar. Para Xavier (1998) o patriarca tinha sob seu poder a mulher, os filhos, os escravos e os vassalos, além do direito de vida e de morte sobre todos eles, sua autoridade sob prevalecia até mesmo sobre a autoridade do Estado e duraria até sua morte, ele poderia, inclusive, transformar seu filho em escravo e vendê-lo. É importante salientar, entretanto, que o patriarcado está centrado na figura do homem, o que não significando dizer que não é poder do pai, mas não está ligado exclusivamente a este.

Dessa maneira, o patriarcado se caracteriza pela supremacia masculina e, por consequência, sustenta-se sobre a desvalorização da identidade feminina, aumentando ainda mais as relações de poder entre homens e mulheres. A “herança” do patriarcado também reforça a diferença das posições sociais que cada um dos gêneros exerce na sociedade, a começar pela divisão de tarefas domésticas.

No conto, se por um lado ela aceita as imposições do pai e do sapo, por outro lado, ela subverte a ordem em dois momentos determinados, o primeiro é quando ela descumpre com o acordo feito com o sapo em troca da bola de ouro: “Claro! Se me trouxer a bola, prometo tudo isso! – respondeu prontamente a princesa, pensando: “Mas que rãzinha boba! Ela que fique na água com suas iguais! Imagine se vou ter uma rã por amiga! ”. E o segundo momento é quando joga o sapo na parede diante da ameaça que este faz de contar para o Rei que ela não aceita dormir com ele na mesma cama:

Você dorme no macio e eu aqui no chão duro! Me ponha na cama senão vou me queixar ao rei seu pai!

Ao ouvir isso, a princesa ficou furiosa. Agarrou a rã e atirou-a contra a parede com toda a força, gritando:

- Agora você vai ficar quieta para sempre, rã horrorosa.

A princesa em questão é filha do rei, e, portanto, segundo a cultura patriarcal, teria que secasar com um príncipe, escolhido pelo seu pai, o rei. Mesmo que de forma indireta o Rei contribui para que este casamento aconteça, pois exige que a princesa cumpra com seu combinado, mesmo que inicialmente este príncipe tenha a forma de uma rã. A princesa, mesmo sentindo nojo, sofrendo por ter que partilhar de seus bens mais íntimos, como a comida, sua cama e sua vida, com um sapo, é obrigada pelo seu pai, o rei, a aceitar o sapo e manter sua promessa. Este fato nos remete aos casamentos arranjados, nos quais as mulheres eram obrigadas a casar com um desconhecido.

Segundo Corso (2006, p. 130),

O homem era de certa maneira, metaforicamente, de outro totem, pertencia a outra tradição familiar, e a mulher deveria acompanhá-lo. Não é de admirar que essa diferença pudesse ser vista, de maneira alegórica, como seu amado fosse de outra espécie. [...] No universo social pré-moderno, que originou e cultivou essas histórias, o casamento era uma mudança de referenciais, especialmente para as mulheres. O matrimônio tecia laços, a família da mulher perdia um membro e a do marido ganhava uma filha. E não podemos esquecer que sempre havia um dote em jogo, o casamento era uma das formas de partilha de riquezas, algo que nos contos está sempre presente.

Apesar da princesa demonstrar ter uma personalidade marcante, que seus desejos prevalecem e que é capaz de enganar o sapo para conseguir sua bola de ouro, ela também vive num contexto de repressão, onde o pai/rei e o sapo/príncipe tentam exercer domínio sobre suas vontades

Evidencia-se a posição do rei quando, pelo seu poder de homem, ele tenta disciplinar a princesa exigindo que ela cumpra com o trato que ela fez com o sapo. O rei exercia autoridade sobre a princesa, por isso, quando o sapo bateu a porta, o rei obrigou-a a abrir a porta para ele, além de fazê-la realizar todas as vontades do sapo. Assim a disciplina feminina é interiorizada e segue padrões pré-estabelecidos pela sociedade, a disciplina, ou seja, o controle tanto se manifesta por ações individuais quanto por padrões patriarcais da sociedade. Foucault defende que “o poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor” (FOUCAULT, 2008, p. 143). Dessa maneira, o poder masculino do pai/rei se coloca de maneira velada, de maneira que nem mesmo a princesa ousa subverter. A disciplina, a submissão feminina é algo naturalizado, as meninas obedecem aos seus pais e irmãos e, depois, devem obediência ao seu marido.

A princesa foi atender e, quando deu com a rã, tornou a fechá-la bem depressa, e voltou para a mesa. O rei reparou que ela estava vermelhinha e apavorada.

- O que foi, filha? Aí fora tem algum gigante querendo pegar você?
- Não, paizinho... é uma rã horrorosa.
- E o que uma rã pode querer com você?

Ai, paizinho! Ontem, quando eu brincava com a minha bola de ouro perto da fonte, ela caiu na água e afundou. Então chorei muito. A rã foi buscar a bola para mim. Mas me fez prometer que, em troca, seríamos amigas e ela viria morar comigo. Eu prometi, porque nunca pensei que uma rã pudesse viver fora da água.

Nesse momento, a rã tornou a bater, e cantou:

- Que coisa mais feia é essa, esquecer assim tão depressa a promessa que me fez!
- Se não quiser me ver morta, abra ligeiro essa porta, ó filha mais nova do rei!
- O rei olhou a filha severamente.
- O que você prometeu, tem que cumprir – disse.
- Vá lá e abra a porta!

Para SOUZA (2009), “a força simbólica imposta pela sociedade coloca-se como superior a qualquer desejo feminino; sendo resultante da dominação masculina”; esta, por sua vez, é definida por Pierre Bourdieu (2007) como sendo:

violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU,

2007, p. 8).

O conto, também nos mostra que o poder patriarcal se consolida gradativamente a partir do momento em que o sapo bate à porta do castelo e a princesa se vê obrigada a justificar a presença do sapo no castelo requerendo seus direitos diante da princesa. Ao justificar ao pai a presença do sapo ali, a autoridade paterna a obriga cumprir com o trato: "Se fez uma promessa, então tem de cumpri-la. Vá e deixe-o entrar" (GRIMM, 2004, p. 124). A obediência ao pai é um indicativo que a palavra soberana era a do homem. Desse modo, nos momentos subsequentes, a cada exigência do sapo, a princesa não contesta as ordens do pai, apesar de ser "[...] óbvio que não estava feliz com aquilo" (GRIMM, 2004, p. 124). O discurso patriarcal impregnado e o aspecto moralizante do conto de fadas O rei sapo tornam-se ainda mais elucidativos através da fala zangada do pai da protagonista quando afirma que jamais "[...] deveria desdenhar alguém que a ajudou quando estava em dificuldade" (GRIMM, 2004, p. 125).

O sapo do conto também não é um sapo qualquer, ele representa, assim como o pai, o poder e a dominação sobre a vida da princesa a partir do momento em que ele se dispõe a pegar a bola de ouro, mas quer algo em troca. Ele usa algo de que a princesa gosta muito para tentar forçá-la a relacionar-se com ele. Assim, a Princesa só tem a bola de ouro de volta se aceitar sua proposta.

Depois de ter uma refeição com a princesa, o sapo manifesta o desejo de ir ao quarto dela, que, mesmo chorando, acata o pedido devido a interferência do pai. Entretanto, a princesa ficou furiosa quando o sapo quis dormir com ela na mesma cama e ainda ameaça contar para o rei caso ela não aceite. Num acesso de fúria, a princesa joga o sapo contra a parede, gerando na narrativa a transformação do sapo em um príncipe.

Que é isso? – reclamou a rã.

Você dorme no macio e eu aqui no chão duro! Me ponha na cama senão vou me queixar ao rei seu pai!

Ao ouvir isso, a princesa ficou furiosa. Agarrou a rã e atirou-a contra a parede com toda a força, gritando:

Agora você vai ficar quieta para sempre, rã horrorosa!

E qual não foi o seu susto, ao ver a rã cair e transformar-se num príncipe de belos olhos amorosos!

A atitude da princesa em jogar o sapo na parede demonstra claramente sua insatisfação, assim como foi uma forma de resistir às imposições feitas pelo sapo/príncipe. No entanto, ao contrário do que se espera, ao invés do sapo se espatifar no chão, ele transforma-se num príncipe, os dois se apaixonam e casam-se. Neste momento, o conto retoma a estrutura original dos contos de fadas, na qual, depois de algum sofrimento, a princesa e o príncipe se encontram, apaixonam-se, casam-se e vivem felizes para sempre.

No entanto, sabemos que a realidade não se coloca exatamente dessa maneira, a começar pelas posições sociais preestabelecidas pela sociedade, que são bem diferentes entre homens e mulheres. Para Beauvoir, “ela (a mulher) se libertará do lar paterno, do domínio materno e abrirá o futuro para si, não através de uma conquista ativa e sim entregando-se, passiva e dócil, nas mãos de um novo senhor” (BEAUVOIR, 1967, p. 67).

Seja legitimado através do senso comum, pelo discurso científico, ou ainda disseminado por instituições, tais como a família, a escola e a igreja, em contextos mais conservadores, essas posições sociais são constantemente invocados para legitimar, explicar ou justificar as posições dicotômicas existentes entre homens e mulheres. Para Vidal (2008, p. 132), “estes e outros focos de observação e análise não permitem ver a subordinação feminina implicada nas relações de poder que permeavam (e ainda lá perseveram) a vida privada e as relações afetivas e, ademais, a configuração da maternidade e do cuidado de crianças como sendo segundo Meyer (2013) “destino natural da mulher”.

O fragmento abaixo evidencia algumas representações relacionadas com a forma na qual a identidade das mulheres foi sendo construída pela sociedade patriarcal. Esta identidade apresenta-se como um mecanismo cuja representação da mulher é estereotipada, fragmentada,

E qual não foi o seu susto, ao ver a rã cair e transformar-se num príncipe de belos olhos amorosos!

Ele contou-lhe que se havia transformado em rã por artes de uma bruxa, e que ninguém, a não ser a princesa, poderia desencantá-lo. Disse também que no dia seguinte a levaria para o reino dele. Depois, com o consentimento do rei, ficaram noivos.

No outro dia, quando o Sol acordou a princesa, a carruagem do príncipe já havia chegado. Era linda! Estava atrelada a oito cavalos brancos, todos eles com plumas brancas na cabeça, presas por correntes de ouro.

e sua imagem segundo Zolin (2010, p. 186) “apresenta-se associada a forças naturais, ora preza a nobreza de sentimentos e ao caráter elevado; ora relacionada com Eva pecadora e sensual. Tudo remetendo ao maniqueísmo reducionista que em nada condiz as reais e múltiplas identidades femininas que povoam nossa realidade”.

Na obra têm dois perfis, princesa ou bruxa. Estes tipos de caracterização das personagens mulheres de certa maneira personificam valores, atitudes e qualidades fundamentalmente opostas que colocam a mulher numa dicotomia bem X mal, cristalizando arquétipos ou estereótipos que impõem julgamentos e pressupostos a respeito do comportamento, da visão de mundo e da história das mulheres. Trata-se de uma construção reducionista acerca da identidade feminina, reforçada pelo senso comum. Assim os estereótipos “ambicionam impedir qualquer flexibilidade de pensamento na apreensão, avaliação ou comunicação de uma realidade alteridade, em prol da manutenção e da reprodução das relações de poder, desigualdade e exploração” (FREIRE FILHO, 2004, p. 47).

Alinhado a essa perspectiva, é possível perceber no conto “O Rei Sapo” duas categorias a partir das quais a figura feminina é representada. Primeiro, tem-se a princesa, representada como ser de bondade, que, não à toa, mesmo sentindo repulsa do sapo e jogando-o na parede apresenta-se como salvadora do príncipe. Por outro lado, o príncipe foi enfeitiçado por uma bruxa, outra representação feminina, que detém o poder da feitiçaria, além da liberdade, autonomia, e coragem para decidir sobre sua vida. Esta última característica atribui valores extremamente negativos quando compõem uma personagem feminina, “o que revela bem o caráter misógino desse discurso que tende a apresentar a ação e o poder como traços indesejáveis nas mulheres” (MARTINS, 2005, p. 16), reforçando o discurso machista e misógino sobre o ser feminino.

Finalizando o conto temos o surgimento de mais um personagem - Henrique, criado fiel do príncipe que guia a carruagem até seu reino.

Com ele veio Henrique, o fiel criado do príncipe, que, de tão triste que ficou quando seu amo foi transformado em rã, mandou prender seu coração com três aros de ferro, para que não se despedaçasse de tanta dor. Mas agora, ali estava ele com a carruagem pronta para levar seu amo de volta ao reino.

Cheio de alegria, ajudou os noivos a se acomodarem na carruagem, depois tomou seu lugar na parte de trás, e deu sinal de partida.

Neste ponto da narrativa, o enredo aborda o sofrimento do criado: ao saber que o príncipe virou sapo, diante de tamanha tristeza, o criado amarra seu coração com aros de ferro, mas vendo que o príncipe tinha se livrado do feitiço da bruxa as correntes foram aos poucos se quebrando, na medida em que seguiam viagem.

Já haviam percorrido um trecho do caminho, quando o príncipe ouviu um estalo muito próximo, como se alguma coisa tivesse quebrado na carruagem. Espiou pela janelinha e perguntou:

– O que foi, Henrique? Quebrou alguma coisa na carruagem? -

Não, meu senhor – e ele explicou:

– Tamanha a dor que eu senti quando o senhor virou rã, que, com três aros de ferro, o meu coração eu prendi. Um aro rompeu-se agora, os outros dois, com certeza, vão estalar e romper-se assim que chegar a hora!

Duas vezes mais durante a viagem o príncipe ouviu o mesmo estalo. Foram os outros dois aros do coração do fiel Henrique que se romperam, deixando livre sua imensa alegria.

Esse trecho final apresenta dois aspectos que merecem reflexão. O primeiro e mais evidente seria o sofrimento imposto pelo próprio criado a si mesmo diante da transformação do príncipe em sapo. E o segundo diz respeito à metáfora servidão é prisão, ou seja, à relação entre a prisão, aros de ferro, escravos e pessoas obrigadas a ter determinadas atitudes por imposição.

ou servidão. A análise se deterá no segundo aspecto. É possível afirmar que a metáfora da prisão foi usada no conto para reforçar que a princípio a princesa foi obrigada a aceitar a presença do e o convívio com o sapo. Essa foi a condição imposta pelo pai da princesa, e que ela acatou, mesmo não sendo de seu agrado. Diante do fato de o sapo ter se transformado num príncipe, a princesa pode ter visto naquela situação uma forma de se libertar das imposições do pai. Inferência que demarca o forte poder da sociedade patriarcal nas escolhas femininas, na qual a visão androcêntrica predomina, portanto, as mulheres devem ser submissas à vontade masculina.

A análise da narrativa que se depreendeu, no presente estudo, leva à reflexão sobre o quanto é difícil se desvencilhar dos padrões de submissão pelos quais as mulheres são impelidas.

Ao analisar a personalidade e as atitudes da Princesa, percebe-se que ela deixa claro tanto para o rei quanto para o sapo que não se sente feliz naquela situação. Por outro lado, em nenhum momento fica claro que a Princesa esteja em busca de um príncipe. Mesmo assim ela é levada a aceitar o casamento, demonstrando, assim, a força que a sociedade tem sobre os corpos femininos, demarcando relações sociais, econômicas e políticas.

Para Martins (2005, p. 98)

a organização e submissão a qual a mulheres foram sujeitadas com o passar dos anos, causou em muitos momentos infelicidade, insatisfação e revolta, porém em outros tantos a influência psicológica dos homens sobre elas foi tamanha que nem ao menos se davam o direito, mesmo que íntimo, de questionar essa realidade.

Noutras palavras, o lugar do feminino se estabelece pelas relações de poder e pela determinação arbitrária das posições sociais que ocupam. Dessa maneira, a voz da Princesa, apesar de suas manifestações, foi silenciada, e ela teve que se limitar a seguir às imposições do Rei e do sapo, que determinaram desde o início da narrativa o rumo que a vida da princesa deveria seguir.

A leitura e a análise do conto “O Rei Sapo” possibilitam, através da mediação, um entendimento mais crítico sobre os estereótipos que marcam a estrutura dos contos, pois ao relacioná-los com suas próprias realidades é possível ao leitor desmistificar posições demarcadas pelos homens sobre as atitudes e comportamentos das mulheres, além de desconstruir posições sociais tradicionalmente delegadas às mulheres. Como se pode notar, a Princesa do conto, embora tenha papel de destaque, o lugar de protagonista, o poder ficou nas mãos dos homens, seja na figura do Rei/pai ou do sapo/príncipe. Coube a princesa, aceitar as imposições masculinas; o que inclusive levou-a a reconhecer como forma de libertação o

casamento com o príncipe que a submeteu desde o início do conto, numa tentativa de desvencilhamento do poder que o pai exercia sobre ela.

Conforme a teoria histórico-cultural de Vygotsky (1993), as interações sociais são fundamentais para a constituição do indivíduo. Assim, o domínio do conhecimento ocorre num processo de mediação entre os indivíduos. No contexto escolar, essa perspectiva redimensiona a relação Professor X Aluno, uma vez que,

a construção do conhecimento implica em ação compartilhada, ou melhor, o diálogo e os comentários sobre as leituras realizadas são necessários para que haja troca de informações, confronto de opiniões, cominção de ideias, exposição de valores e, conseqüentemente, desenvolvimento dos sujeitos envolvidos no processo (MAIA, 2007, p. 83-84)

Postulamos nesta pesquisa que a mediação do conto “O Sapo Rei” pode propiciar o desenvolvimento crítico e reflexivo levando os alunos a apropriar-se do texto, ampliar suas hipóteses, dialogar com seus pares sobre a problemática que envolve o feminino e suas configurações. É por meio das interações cotidianas e da mediação que o professor tem a real possibilidade de tornar o momento de leitura da obra literária um momento que propicia “a vivência de emoções, situações, sentimentos sobre ao quais passa a ter algum conhecimento, portanto passa a ter certeza sobre alguma coisa” (AMARILHA, 2006, p. 54).

Sob a mesma perspectiva, Yunes (2010, p. 60) reflete sobre o poder da literatura, a qual “nos oferece uma vida em alteridade que ajuda a tomarmos posições, a fazermos escolhas, criticamente, com discernimento, não nos deixando enganar pelo fácil, imediato e modelarmente ‘verdadeiro’”.

Partindo dessas considerações sobre a importância da mediação e do potencial que a literatura tem de ampliar a visão do leitor é que se enfatiza aqui a importância do professor, enquanto mediador, utilizar a obra “O Rei sapo” como fonte problematizadora em sala de aula. Para isso, é preciso levar em consideração aspectos relacionados tanto ao professor quanto aos alunos, tendo em vista que a mediação é uma via de mão dupla, na qual o professor tem importante papel na formação do leitor literário e o aluno precisa sentir-se parte deste processo.

O mediador pode ser definido como aquele atua como facilitador no processo. Em termos de leitura, é aquele que aproxima o sujeito da informação, buscando ativar na mente do leitor mecanismos responsáveis pela geração de conhecimento e propiciando, assim, a internalização de conteúdos. Segundo Barbosa e Barbosa (2013),

O mediador é alguém que toma o texto como um monumento que precisa ser explorado, olhado, analisado, desconstruído se necessário, para que possa emergir a voz, a compreensão singular daquele que lê. “Alguém que manifesta à criança, ao adolescente e também ao adulto uma disponibilidade”, um acolhimento, uma presença dialógica e que, principalmente, considera o outro –que precisa ser levado ao texto – como um sujeito histórico, cultural, portanto, “construído por” e “construtor de palavras” carregadas de sentidos. (BARBOSA; BARBOSA, 2013, p. 11)

Dessa maneira, a leitura literária requer a atuação do mediador na construção do valor simbólico deste produto, exigindo mais do que a simples leitura do texto, exigindo uma postura ativa de troca de sentidos e construção de conhecimento. A leitura literária deve ser uma ação intencional e sistemática.

Cada vez que um significado é apreendido na consciência receptiva do leitor, o processo interativo entre o texto e o leitor atua de maneira crítica e o leitor não apenas constrói significados por meio da estrutura que lhe é apresentada, como também é construído como sujeito social, ao utilizar seus conhecimentos no momento em que relaciona o fictício com o mundo real. (BORGES; MESSIAS, 2017, p. 71)

A leitura mais crítica é aguçada por parte de mediador é fundamental, pois é partir de suas intervenções que esses aspectos podem ser problematizados. Caso o mediador não tenha esse olhar sobre a obra, é possível que os alunos se mantenham nas inferências e problematizações superficiais, reforçando o que o senso comum apregoa e o que os contos tradicionais enfatizam, os estereótipos de mulher. A depender de como a obra é apresentada, ela será apreendida pelos alunos, pois é a partir desta mediação que outros significados podem ser construídos. No momento em que o/a aluno é levado a refletir e fazer relações entre suas vivências e conhecimentos, ele tem a possibilidade de (re) construir significados sobre a problemática na qual a Princesa e o sapo se encontram.

A respeito do caráter formador da literatura, Jauss (apud ZILBERMAN, 1989, p. 38) afirma que “a literatura pré-forma a compreensão de mundo do leitor, repercutindo então em seu comportamento social”. Em sendo assim a literatura pode levar o leitor a uma nova visão de mundo.

A cada encontro com o texto literário, as possibilidades criadas pelo fictício são oportunidades únicas de viver experiências por meio de outros personagens. Ao fazer a mediação e levantar hipóteses sobre a postura da princesa e sua função social enquanto mulher, o professor mediador poderá fazer a ponte entre o que é vivenciado todos os dias na sociedade, nas relações familiares, inclusive nos espaços da escola. Essa reflexão se faz importante, tendo

em vista que a escola não está isenta de reproduzir os modelos patriarcais de dominação e segregação entre os gêneros, pois “delimita espaços [...] afirmando o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas” (LOURO, 1997, p. 58) através das atividades propostas, da sua organização espacial, marcas e símbolos.

Para Bourdieu (2012, p. 103), “o trabalho de reprodução esteve garantido, até época recente, por três instâncias principais, a Família, a Igreja e a Escola, que, objetivamente orquestradas, tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes”.

Sobre a escola e a transmissão de valores, Bourdieu (2012) afirma ainda que,

mesmo quando já liberta da tutela da Igreja, continua a transmitir os pressupostos da representação patriarcal...e sobretudo, talvez, os que estão inscritos em suas próprias estruturas hierárquicas, todas sexualmente conotadas, entre as diferentes escolas ou as diferentes faculdades, entre as disciplinas ("moles" ou "duras" — ou, mais próximas da inquietação mítica original, "ressecantes"), entre as especialidades, isto é, entre as maneiras de ser e as maneiras de ver, de se ver, de se representarem as próprias aptidões e inclinações, em suma, tudo aquilo que contribui para traçar não só os destinos sociais como também a intimidade das imagens de si mesmo...”(BOURDIEU, 2012, p. 104)

Diante dessa assertiva, esta dissertação enfatiza o poder da escola e a importância dos professores enquanto potencializadores de aprendizagens quando nas suas múltiplas funções pode promover reflexões do tema em tela partindo da leitura crítica de obras literárias e de suas práticas, que de certa forma permanecem engessadas e manipuladas, mesmo de forma sutil, por práticas e discursos misóginos que já não condizem com a realidade vigente.

Daí que se verifica a importância e o potencial da Literatura, pois ao mergulhar no mundo imaginário do texto, o leitor tenta compreender e ressignificar atitudes e valores arraigados na nossa sociedade. Através da leitura literária, tanto o aluno quanto o professor são impelidos a criar novos significados para seguir adiante, à medida que se apropriam da obra literária, o que refletirá nas relações sociais.

Jauss (1994) comenta sobre a relação entre literatura e sociedade que “a obra pode transmitir os valores dominantes de uma sociedade ou legitimar novos valores ou ainda romper com valores tradicionais” (apud JOUVE, 2002, p. 125).

Assim, pode afirmar que a literatura é condição essencial na formação do ser humano crítico e reflexivo, pois viabiliza a aproximação desse sujeito com diferentes realidades, ampliando a sua visão de mundo e maximizando as conexões necessárias ao processo de

construção do conhecimento.

Para que a obra cumpra sua função emancipadora, a mediação é essencial. É através dessa metodologia, na qual o diálogo é fundamental, que o mediador pode construir uma cultura na qual o olhar aguçado sobre as questões da vida cotidiana e sua reflexão contribui para uma sociedade mais justa e igualitária. Esse tipo de leitura reflexiva pode formar mulheres e homens que convivam de forma harmônica, sem dicotomias, sem segregação, cujas identidades sejam forjadas a partir de si mesmos não construídas com base em uma visão machista e excludente. Só assim a obra literária poderá ir além do que está explícito no texto.

Por isto é tão importante entender o que há por trás dos personagens e situações vivenciadas, pois esses representam emoções, lados da personalidade, contexto e situações sobre os quais é possível se debruçar, verificando, para além do que está escrito, os discursos implícitos na obra.

As marcas das identidades de gênero estão ligadas diretamente às posições ocupadas pela princesa, pelo Rei, assim como pelo sapo, logo, é preciso refletir sobre como se produzem tais diferenças e que efeitos elas têm sobre as mulheres e sobre a sociedade em geral. Afinal, é “no interior das redes de poder, pelas trocas e jogos que constituem o seu exercício, são instituídas e nomeadas as diferenças e desigualdades” (LOURO, 2014). É possível observar que o poder exercido pelos homens no conto “O Rei Sapo” é reforçado em dois pontos específicos: pelo Rei querendo obrigar a princesa a cumprir seu acordo, alegando o respeito a sua postura enquanto princesa e seu dever/obrigação de cumprir com sua promessa; e pelo sapo, quando este ameaça a Princesa de contar ao rei-pai sobre as atitudes contrárias ao combinado.

Percebe-se que o enredo confirma que as desigualdades e diferenças entre os gêneros é reforçada, através de explicações e justificativas, as mais variadas; mas que no fundo refletem o poder patriarcal, deixando marcas bem explícitas sobre as condutas de homens e mulheres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise desenvolvida neste estudo, pode-se constatar que a Literatura constitui alternativa singular à discussão sobre o protagonismo feminino, tendo em vista o seu potencial humanizador e catalizador. Acrescente-se, ainda, o efeito catártico que a literatura proporciona ao leitor, aspecto presente nas três narrativas analisadas. As ações expressas pelas personagens no enredo das histórias, proporcionam ao leitor a vivência de sentimentos que revelam emoções distintas, como medos e frustrações na relação de gênero assumida no contexto ficcional. Sabe-se que situações constrangedoras e discriminatórias ocorrem em todos os contextos, inclusive na escola, em práticas e/ou discursos que naturalizam a divisão das posições sociais, que afetam alunas e alunos, mulheres e homens. A literatura enquanto texto que transcende os limites de tempo e espaço, porque da ordem da ficção, favorece a problematização sobre o feminino de maneira simbólica, mas que pode impulsionar à ação concreta do leitor ao se posicionar sobre tensões e frustrações vividas no cotidiano. Nesses termos, assume-se o ponto de vista de que a literatura pode reconfigurar a forma como o sujeito lida com determinadas situações, ampliando os seus horizontes de expectativas. Nesse contexto, a discussão sobre o feminino é importante não apenas para as mulheres, mas para todos.

Conscientes da importância da literatura para a discussão do protagonismo feminino, é que refletimos sobre as implicações do estudo para a mediação pedagógica. A dissertação chama a atenção para a importância do professor que também é produzido e está imerso na mesma sociedade das crianças, portanto passível de reproduzir conceitos, palavras e atitudes machistas, excludentes e homofóbicas. Desta feita ao mediar leituras de literatura na perspectiva do protagonismo feminino, o professor poderá fazer emergir novos discursos e atitudes sobre aspectos dos textos que os alunos não tenham percebido. A mediação pedagógica é fundamental para desvelar, explorar e problematizar o tema, principalmente quando conduz o aluno a relacionar ações dos personagens com acontecimentos cotidianos, arejando intelectual e afetivamente o modo de o aluno lidar com o feminismo.

O mediador, portanto, tem uma importante tarefa ao utilizar a Literatura como meio para se discutir o protagonismo feminino nos textos literários. Nessa direção, é imperativo o conhecimento do professor sobre o assunto e a preparação para o momento da discussão, pois não há como estimular debates pertinentes e valiosos se professor não estiver envolvido com o trabalho ao qual está se propondo e, como se viu, a função do docente vai além do instruir - o que requer uma postura ativa deste, frente às necessidades apresentadas por seus alunos. É

importante que o professor além da seleção pertinente de obras literárias, tenha leituras prévias sobre o assunto, coma finalidade de intensificar a discussão com os alunos. À alusão a esse aspecto como de ordem conclusiva, conduz a necessidade de refletir sobre a formação inicial e continuada dos professores. Sobretudo, leva-nos a indagar acerca da abordagem sobre o tema feminismo na formação deste profissional, marcadamente desenvolvida por mulheres na contemporaneidade, especialmente na atuação do pedagogo na educação da infância.

Os três contos selecionados para este trabalho, dependendo da forma como serão trabalhados em sala de aula, podem suscitar um novo olhar sobre o feminino e suas representações na literatura. Além destes, faz-se necessário a referência ao extenso repertório de obras literárias, de gêneros distintos, que fazem remissão ao feminino. Neste estudo, em função da natureza do trabalho dissertativo, como também do tempo de sua produção, elege-se os três contos para dar visibilidade ao fato. Dentre os contos, chamamos a atenção para a história “A moça tecelã”, que diferente dos outros dois contos (A princesa desejosa e Príncipe sapo), focaliza a ação feminina, sendo nas mãos da mulher que está o destino do próprio homem, por ela criado em seutear. A moça tecelã possibilita um importante debate sobre a condição social e cultural da mulher, abordando de maneira poética a mulher no interior das relações de poder.

Outro fato que devemos atentar é sobre a importância que é dada ao casamento neste conto, pois o casamento, diferente do conto O rei sapo, não é uma imposição, uma vez que ela é responsável pela materialização dos seus desejos, no caso a escolha do homem para casar, além do que o casamento não está atrelado diretamente a felicidade da moça, pois ela era feliz quando vivia só em sua casa e tecia todas as suas vontades, no momento em que sente desejo, ela decide tecer um marido ao seu gosto, ou seja, ela domina seus desejos e vivencia suas escolhas de maneira consciente. Conclui-se que o conto possibilita repensar a condição feminina, neste caso, divergindo dos contos de fadas clássicos.

O conto A princesa desejosa, apesar de ser um conto contemporâneo, traz marcas dos contos clássicos, elegendo como protagonista uma princesa que por desejar intensamente é excluída do convívio social mais amplo, com os moradores do reino. As relações de poder exercidas pelo povoado demonstram que existem determinados comportamentos femininos que não são aceitos pela sociedade. Esta é uma importante discussão a ser lançada pelo professor em sala de aula, pois possibilita ao aluno, realizar conexões e inferências, partindo de suas realidades, tendo em vista que tanto meninas quanto meninos encontram-se imersos em redes de poder, que na maioria das vezes são imperceptíveis, tendo em vista que são construções sociais presentes em todos os lugares.

Por esta razão é que, ao se proceder à realização das análises dos contos, o objetivo foi especular as contribuições da leitura de textos literários, a fim de apresentar aos alunos o que está implícito e explícito. Para tanto, em cada história, foram destacados alguns aspectos relacionados a condição da mulher em diferentes dimensões, sejam elas relacionadas aos perfis femininos traçados na narrativa, a construção de suas identidades, as relações de poder que atravessam a narrativa, além das posições sociais que os personagens exercem, numa tentativa de trazer a luz aspectos relevantes sobre a mulher que devem ser problematizados em sala de aula após a leitura de literatura.

Entre os três contos selecionados, apenas o Rei sapo é um conto de fadas clássico, em que a princesa é obrigada pelo pai a aceitar um sapo como seu companheiro. Este conto suscita muitas discussões, a princípio quando descreve uma princesa um tanto quanto rebelde, que reluta em aceitar um sapo como seu companheiro. Neste conto, as marcas da identidade de gênero e das relações de poder exercidas pelas figuras masculinas, no caso o rei e o sapo, são evidentes, diferentemente dos contos *A princesa desejosa* e *A Moça tecelã*. Essas distinções precisam ser visibilizadas pelos alunos, mediante um trabalho consistente com o protagonismo feminino na literatura. Esse aspecto conduz a uma importante conclusão, proveniente deste trabalho, pois entendemos que este é um tema recorrente na humanidade, apresentando avanços e recuos e, portanto, necessitando de discussão. Nestes termos, o tradicional na literatura é compreendido como modo de conhecer o passado e, quando lido e discutido, constitui um modo de pensar e viver o presente. Os contos de fadas tradicionais são narrativas que perduram por muitos séculos, em diferentes culturas e continentes, sua longevidade está ligada ao significado implícito nestas narrativas, pois trazem em seu enredo acontecimentos, comportamentos e sentimentos humanos.

As personagens dos contos de fadas promovem uma identificação quase que imediata como leitor. Apesar de possuírem poderes ou viverem situações sobrenaturais, elas vivem os dilemas, angústias e alegrias dos seres humanos. Postula-se, assim, de maneira conclusiva, a necessidade de estabelecer o diálogo entre o tradicional e o contemporâneo na literatura.

É lugar comum falar da infundável luta da mulher contra tudo o que lhe oprime. Também é lugar-comum falar da constante tentativa de desconstrução daquilo que Beauvoir (1980, v.2, p.165) chamou de “destino de mulher” – há vários trabalhos sobre isso nos meios acadêmicos e/ou fora deles em várias partes do mundo, ora, nenhum processo histórico como foi (e continua sendo) o da dominação masculina ocorre na velocidade da luz. Será preciso ainda muito tempo para desconstruí-lo.

Contudo, sabe-se que no que concerne às mulheres no ocidente as coisas já foram bem pior(se é que isto serve de consolo), e é a partir deste breve olhar entre o ontem e o hoje que, ao ter o contato com obras literárias não sexistas possibilita um (re)pensar e refletir sobre como poderá sedar o abandono de conceitos secularmente estabelecidos e internalizados, adotando, portanto, outros pontos de vista. Sabe-se que não é fácil se posicionar de modo diferente daquele de quem manda. Por outro lado, nenhuma tradição é quebrada se nunca for questionada.

Além do que, muitas mulheres ainda não conseguem destecer suas correntes e prisões, outras nem desejam. No entanto deixamos claro a importância da quebra de paradigmas quando estes as incomodam.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosura e bobices**. 2.ed. São Paulo: Scipione, 1991.
- AMARILHA, Marly; SALDANHA, Diana Maria Leite Lopes. Literatura e formação do pedagogo: caminhos que (ainda) não se cruzam. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, v. 12, n. 2, p. 376-396, 2016.
- AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas: educar para ler ficção na escola**. 1. ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013. (Coleção contextos da ciência).
- AMARILHA, Marly. Repertório de leitura: autoridade para transgredir na formação do leitor. *In*: AMARILHA, Marly (org.). **Educação e leitura: redes de sentidos**. Brasília: Líber Livro, 2010. p. 85-99.
- AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas: a leitura crítica na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. 3. ed. Natal: EDUFRRN, 1997.
- AMARILHA, Marly (org.). **O ensino de literatura na escola: as respostas do aprendiz: relatório final**. Natal: UFRN/CNPQ, 1994.
- AMARILHA, Marly (org.). **O ensino de literatura infantil da 1ª a 5ª série da rede estadual do Rio Grande do Norte: relatório final**. Natal: UFRN/CNPq, 1993.
- AMARILHA, Marly (org.). **O ensino de literatura infantil da 1ª a 5ª série da rede estadual do Rio Grande do Norte: relatório final**. Natal: UFRN/CNPq, 1991.
- AVANCI, Patrícia. **Retratos da mulher na literatura infantil: desigualdades de gênero em uma pré-escola**. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2004.
- BARBOSA, Ângela Márcia Damasceno T. A Literatura Infantil e a construção da identidade feminina e masculina. *In*: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA (ENECULT), 5., 2009, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Faculdade de Comunicação, 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19171.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- BARBOSA, Juliana Bertucci; BARBOSA, Marinalva Vieira (ed.). **Leitura e mediação: reflexões sobre a formação do professor**. Campinas: Mercado das Letras, 2013.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. I.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. II.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 4. ed. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: NovaFronteira, 1980.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: NovaFronteira, 1980.v. 1.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: II a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BERGAMI, Lucinei Maria. **O trançar de uma trajetória: o feminino em Bisa Bia, Bisa Bel, de Ana Maria Machado**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2016.

BELLIN, Greicy Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 7, p. 1-11, 2011.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 21. ed. Tradução de Arlete Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BIAZETTO, Cristina. **A princesa desejosa**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Projeto, 2012.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. rev. e aum. Maringá: EDUEM, 2009.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, L. O. (orgs). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2. ed. Maringá: EDUEM, 2005.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.

BORGES, Ellen Valotta Elias; MESSIAS, Lucilene Cordeiro da Silva. A mediação da leitura literária: uma proposta de apropriação que transforma conhecimentos e relações sociais. *In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (SECIN/UDEL)*, 8., 2017, Londrina. **Anais** [...]. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2017. p. 62-76.

BORGES, Luciana. **O erotismo como ruptura na ficção brasileira de autoria feminina: um estudo de Clarice Lispector, Hilda Hilst e Fernanda Young**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Marilena Helena Kühner. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e Política. *In*: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (org.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 77-92.
- BULGRAEN, Vanessa C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Revista Conteúdo**, Capivari, v. 1, n. 4, p. 30-38, 2010.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000. (Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro).
- CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.
- CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.
- CARRIJO, Silvana Augusta Barbosa. De sepulcro e palco: condição feminina e trama conjugal em dois contos de Marina Colasanti. *In*: BORGES, Luciana; FONSECA, Pedro Carlos Louzada (orgs.). **A mulher na escrita e no pensamento: ensaios de literatura e percepção**. Goiânia: FUNAPE/DEPECAC, 2013. p.139-158.
- CARVALHO, Renata Zuolo. **Contos de fadas: um histórico-literário das imagens da mulher**. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2009.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. 1. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

COLASANTI, Marina. **A moça tecelã**. 1. ed. São Paulo: Editora Global, 2004.

COLASANTI, Marina. **A nova mulher**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1980.

COLOMER, Teresa. **Introducción a la literatura infantil y juvenil**. Madrid: Síntesis, 1999.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária**: uma introdução. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

DAROS, Thuinie Medeiros Vilela. Problematizando os gêneros e as sexualidades através da literatura infantil. **Revista Práticas de Linguagem**, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 172-186, 2013.

DESCARRIES, Francine. Um feminismo em múltiplas vozes, um movimento em atos: os feminismos no Québec. **Revista Labrys, Estudos Feministas**, Brasília, n. 1-2, 2002.

DINIS, Nilson Fernandes. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 103, p.477-492, 2008.

DODO, Marlúcia Nogueira do Nascimento. **De fadas e princesas**: afetos femininos em Marina Colasanti. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza, 2010.

DUARTE, Constância. Literatura feminina e crítica literária. **Travessia: Revista do Curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da UFSC**, Florianópolis, p. 15-23, 1990.

ESTEBAN, Maria Paz Sandín. **Pesquisa qualitativa em educação**: fundamentos e tradições. Tradução de Miguel Cabrera. Porto Alegre: AMGH, 2010.

FERES, Beatriz dos Santos. A qualificação implícita no livro ilustrado a princesa deseja. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 15, n. 3 (especial), p. 129-147, 2012.

FONTANA, Roseli Aparecida Cação. **Mediação pedagógica na sala de aula**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

FREIRE FILHO, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia**, Porto Alegre, v. 12, n. 28, p. 18-29, 2005.

FREITAS, Jane Pinheiro de. **Visões do(des)encanto**: um estudo sobre o feminino transgressor em Clarice Lispector e Maria Judite de Carvalho. 2011. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque, J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001. v. 1.

FRANCHETTO, Bruna *et al.* **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. (Perspectivas Antropológicas da Mulher, 1).

FRANCO, Jean. **Marcar diferenças, cruzar fronteiras**. Tradução de Alai Garcia Diniz. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.

GAIO, Roberta (org.). **Metodologia de pesquisa e produção de conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

GEBRA, Fernando de Mores. A imagem feminina no conto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti. **Revista CELL-Revista Discente do Centro de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Federal de Ouro Preto**, Mariana, n. 1, p. 69-72, 2010.

GERALDI, João Wanderlei. **O texto em sala de aula**. São Paulo: Ática, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOULD, Joan. **Fiando palha, tecendo ouro**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. O rei sapo. *In*: TATAR, Maria. **Contos de fadas**: edição comentada e ilustrada. Tradução de Maria Luíza X.de A. Borges. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 3. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HELD, Jaqueline. **O imaginário no poder**: as crianças e a literatura fantástica. Tradução de Carlos Rizzi. São Paulo: Summus, 1980.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica cultural. Tradução Susana Bornéo Funck. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Tradução Der Akt des Lesens. São Paulo: Ed. 34, 1996.

JOUBE, Vincent. **A leitura**. Tradução de Brigitte Hervor. São Paulo: Unesp, 2002.

KHÉDE, Sônia Salomão. **Personagens da literatura infanto-juvenil**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Tradução Susana Bornéo Funck. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-241.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares. *In*: SILVA, Luiz Heron da (org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 33-47.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, 1995.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral. **Gênero, sexualidade e diversidade na escola**: a construção de uma cultura democrática. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília, 2007.

MAIA, Cláudia J.; SOUZA, Cinthia Freitas de. Identidades e poder no conto “A primeira só”, de Marina Colasanti. **Revista Feminismos**, Salvador, v. 4, n. 1, p. 53-63, 2017.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Fabrícia dos Santos Silva. **Fio a fio, ponto a ponto, novos começos e outros**

finais: a voz e a vez das princesas em Ana Maria Machado. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística Regional Catalão, Catalão, 2015.

MARTINS, Maria Cristina. **E foram (?) felizes para sempre...: (sub)versões do feminino em Margaret Atwood, A. S. Byatt e Angela Carter.** 2005. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2005.

MEDEIROS, Lívia Cristina Cortez Lula de. **Literatura e educação:** o bullying nos contos de fada, uma discussão possível. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Natal, 2012.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. *In:* LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 9-27.

MEYER, D. G. Escola, currículo e diferença: implicações para a docência. *In:* BARBOSA, R. L. L. **Formação de educadores:** desafios e perspectivas. São Paulo, UNESP, 2003. p. 257-265.

MONTEIRO, Maria Aparecida de Araújo. **Temas e teimas:** o discurso feminino e feminista de Marina Colasanti. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2009.

MOREIRA, Elaine Aparecida G.; COQUEIRO, Wilma dos Santos; LOURENÇO, Daiane. A representação do complexo universo feminino nos contos de Marina Colassanti. *In:* ENCONTRO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA, 9., 2014, Campo Mourão. **Anais [...].** Campo Mourão: UNESPAR, 2014.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NASCIMENTO, Cristina Gottardi Van Opstal. **Da construção da identidade feminina em contos de Clarice Lispector:** uma análise semiótica. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2003.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Revista Estudos Feministas,** Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 305-332, 2008.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos:** a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROSEMBERG, Fúlvia; AMADO, Tina. Mulheres na escola. **Cadernos de Pesquisa,** São Paulo, n. 80, p. 62-74, 1992.

ROSEMBERG, Fúlvia. A mulher na literatura infanto-juvenil: revisão e perspectivas. **Cadernos de Pesquisa,** São Paulo, n. 15, p. 138-140, 1975.

ROSEMBERG, Fúlvia. Caminhos cruzados: educação e gênero na produção acadêmica.

Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 47-68, 2001.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura infantil e ideologia**. São Paulo: Global, 1984.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é literatura?** Tradução Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2006.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é literatura?** In: Situações II. Tradução de Rui Mário Gonçalves. Lisboa: Publicações Europa-América, 1968.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Rio Grande do Sul, v. 20, n. 2, p. 71-99. 1995.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. Tradução de Deise Amaral. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 23-57.

SILVA, Jacicarla Souza da. Panorama da crítica feminista: tendências e perspectivas. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 84-103, 2007.

SILVA, R. A. S. O ponto fora da curva. In: MEYER, D.; SOARES, R. F. R. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 85-94.

SILVA, Silvana Augusta Barbosa Carrijo. Rompendo as fissuras do interdito. **OPSIS – Revista do NIESC**, v. 6, n. 1, p. 33-43, 2010.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 1993.

SOARES, Livia Maria Rosa; CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. A representação da menina e da mulher no conto de fadas moderno: novos destinos em “Além do bastidor” e “A moça tecelã” de Marina Colasanti. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 40, n. 68, p. 75-83, 2015.

SOUZA, Danielle Medeiros de. **Literatura e educação: um caso/uma casa de inclusão**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Natal, 2009.

SOUZA, Jane Felipe de. **Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil**. 2005. Disponível em: http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_gensex/SexualidadeInfantil.pdf. Acesso em: 30 ago. 2020.

SOUZA, Wanessa Zanon de. **Representações da mulher em obras de Helena Parente Cunha, Llygia Fagundes Telles e Marina Colasanti**. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2009.

TATAR, M. (ed.). **Contos de fadas**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

TOFANELO, Gabriela Fonseca. A trajetória do feminismo na literatura de autoria feminina brasileira: espaços e conquistas. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL(Sies), 4., 2015, Maringá. **Anais [...]**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2015. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/593.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2020.

VIDAL, Fernanda Fernery. **Príncipes, princesas, sapos, bruxas e fadas: os “novos contos de fadas” ensinando sobre infâncias e relações de gênero e sexualidade na contemporaneidade**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, PortoAlegre, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semenovicth. **Pensamentos e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. (Coleção Psicologia e Pedagogia: Nova Série).

WITZEL, Denise Gabriel. História das mulheres em mitos e contos de fadas. **Linguagem:Estudos e Pesquisas**, Catalão, v. 17, n. 2, p. 165-182, 2013.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

XAVIER, Elódia. **Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

YUNES, Eliana. A provocação que a literatura faz ao leitor. *In*: AMARILHA, Marly (org.). **Educação e leitura: redes de sentido**. Brasília: Liber Livro, 2010.

YUNES, E. Leitura como experiência. *In*: YUNES, E.; OSWALD, M. L. (org.). **A experiência da leitura**. São Paulo: Loyola, 2003. p. 7-15.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1991.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 1987. (Ensaio)

ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero: a construção da identidade feminina**. 2. ed. Caxias do Sul: Educus, 2013.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Crítica feminista: uma contribuição para a história da literatura**. 2012. Disponível em:

<https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/18.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **A constituição da identidade feminina em a mulher habitada**. 2003. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul,

Instituto de Letras, Porto Alegre, 2003.

ZOLIN, L. O. Pós-colonialismo, feminismo e construção de identidades na ficção brasileira contemporânea escrita por mulheres. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Porto Alegre, v. 14, n. 21, p. 51-70, 2012.

ZOLIN, Lúcia Osana. Questões de gênero e de representação na contemporaneidade. **Letras**, Santa Maria, v. 20, n. 41, p. 183-195, 2010.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e aum. Maringá: EDUEM, 2009. p. 217-242.

ZOLIN, L. O. Literatura de autoria feminina. *In*: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (orgs). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2. ed. Maringá: EDUEM, 2005. p. 327-336.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura infantil: livro, leitura, leitor. *In*: Zilberman, Regina (org.). **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 73-98.

ANEXO A - Conto 1 - A PRINCESA DESEJOSA (CRISTINA BIAZETTO, 2012)

Desde pequena, ela mostrava como seria. Nem mesmo o rei, a rainha e a rainha avó escapavam de suas tiranias.

Mas talvez tirania seja uma palavra forte demais, melhor relembrar a história desde o começo.

A Princesa Desejosa nasceu em uma manhã de cores fortes e perfumes intensos. Em época de recomeços, na primavera.

Assim que abriu os olhos, a pequenina criança quis tudo o que estava por perto, não importando o que ou de quem fosse, tudo deveria ser dela.

O tempo foi passando, a princesa ia crescendo, e junto crescia seu desejo de ter tudo para si.

Queria por querer. Simplesmente desejava.

Sair de casa virou tarefa para poucos aventureiros naquele reino.

O perigo de encontrar com a princesa pelas ruas e perder tudo o que tivesse nas mãos era algo que ninguém queria.

Mas trancar-se em casa não resolvia.

Foi então que o povoado todo fugiu das garras, ou melhor, dos braços desejosos da princesa.

E ela, sem ter nada de ninguém para desejar, passou a desejar a natureza...
...e desejou muito.

Até que um dia de pouco vento e muita quietude, a princesa sentiu algo muito estranho.

Algo tão forte como dor de espinho.

Era um desejo por algo que ela não via nem podia tocar, mas sentia...falta. Ela desejava companhia.

E esse desejo foi crescendo...ficando enorme, tão grande que já não tinha espaço dentro dela para crescer.

Então transbordou.

E a princesa chorou e chorou e chorou tanto, que suas lágrimas chegaram a um reino muito distante, despertando a curiosidade do príncipe que vivia ali.

Ele era um rapaz muito curioso, mas tão curioso que caminhava mundo afora fazendo descobertas e tentando responder as perguntas que não paravam de surgir de seus pensamentos.

Perguntas como aquela que passou a dominar suas ideias assim que viu um rio chegando

por suas terras. Quis saber de onde vinha.

Não se conteve de curiosidade e partiu em busca de resposta.

O Príncipe Viajante, era assim que o chamavam, viajou quarenta (dias e quarenta noites por águas agitadas e perigosas, pois o desejo da princesa não parava de crescer.

No final dessa longa aventura, o príncipe chegou à nascente daquele rio e lá encontrou a princesa.

Ao primeiro olhar, apaixonaram-se intensamente.

Por estranho que possa parecer, a princesa não desejou o barco do príncipe, nem o carro, nem a nuvem...queria somente ficar ao seu lado ouvindo tudo sobre suas viagens, aventuras e descobertas.

O príncipe, por sua vez, estava curioso apenas para descobrir todos os desejos da princesa.

Os dois, então, passaram mil e uma noites conversando. E depois decidiram se casar.

Fizeram uma grande festa para convidados de vários outros reinos. A notícia de que a princesa não desejava nada mais que ouvir as belas histórias do amado correu o mundo, e as pessoas perderam o medo que tinham dela.

Uma multidão compareceu ao casamento para ouvir as histórias do príncipe e também para contar-lhe outas tantas ocorridas em reinos distantes dali.

Depois que a família cresceu, o príncipe voltou a viajar, porém não mais sozinho como antes.

Iam todos muito desejosos e curiosos por belas e novas aventuras.

E foi assim que tudo aconteceu, tal como eu me lembro. Só o nome da princesa continua esquecido.

Pensando bem, o que importa mesmo lembrar é que ela deixou de ser temida quando descobriu seu verdadeiro desejo.

ANEXO B - Conto 2 - A MOÇA TECELÃ (MARINA COLASANTI, 2004)

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor de luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas quentes lãs iam tecendo, a hora em longo tapete que nunca acabava. Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazidas pelas nuvens escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido.

Leve chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete.

E, à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queira fazer.

Mas, tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou como seria bom ter um marido ao lado. Não esperou o dia seguinte.

Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia.

E aos poucos seus desejos foram aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma e foi entrando na sua vida.

Aquela noite deitada contra o ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque, descoberto o poder de tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que lhe poderia lhe dar.

Uma casa melhor é necessária

Disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois.

Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

– Para que ter casa, se podemos ter palácio? – Perguntou.

Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal, o palácio ficou pronto. E, entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

É para que ninguém saiba do tapete – disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu:

Faltam as estrebarias.

E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia.

Tecer era tudo o que queria fazer. E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se, enquanto o marido dormia, sonhando com as novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear. Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário e, jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido.

Desteceu os cavalos, as carruagens, as estribearias os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continham. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido, estranhando a cama dura, acordou e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia os desenhos escuros dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas.

Rápido, o nada subiu-lhe pelo Corpo, tomou o peito apumado, o Emplumado chapéu. Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar, entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

ANEXO C - Conto 3 - O REI SAPO OU PRÍNCIPE-RÃ (GRIM, 1857)

Antigamente, no reino de dom João Caruto, vivia um rei cujas filhas eram todas belas. A mais nova era tão bonita que até o sol, que já vira tanta coisa, ficava maravilhado quando seu rosto brilhava.

Havia uma floresta densa, escura, perto do castelo do rei, e nela, debaixo de uma velha tília, tinha uma fonte. Quando fazia muito calor, a filha do rei ia para a mata e se sentava à beira da fonte fresca. Para não se entediar, levava sua bola de ouro, parajogá-la no ar e pegá-la. Era sua brincadeira favorita.

Um dia, quando a princesa estendeu as mãos para apanhar a bola de ouro, ela escapou, caiu no chão e rolou direto para a água. A princesa seguiu a bola com os olhos, mas ela desapareceu naquela fonte tão funda que nem se conseguia ver o fundo. Os olhos da princesa ficaram marejados de lágrimas, e ela se pôs a chorar cada vez mais alto, incapaz de se conter. Uma voz interrompeu seu choro e gritou: “o que aconteceu, princesa? Até as pedras chorariam, se pudessem ouvi-la.”

Virando-se para descobrir de onde vinha a voz, ela viu um sapo que pusera sua feia cabeçorra fora d’água.

“Oh, é você, seu velho chapinhador”, cumprimentou ela. “Estou chorando porque minha bola de ouro caiu na fonte.”

“Fique sossegada e pare de chorar”, disse o sapo. “Acho que posso ajuda-la, mas o que vai me dar se eu apanhar seu brinquedinho?”

“Tudo que quiser, querido sapo”, ela respondeu. “Meus vestidos, minhas pérolas e minhas jóias, até a coroa de ouro que estou usando.”

O sapo respondeu: “não quero seus vestidos, suas pérolas e jóias ou sua coroa de ouro. Mas se prometer gostar de mim deixar que eu seja seu companheiro e brinque com você, que fique do seu lado na mesa e coma do seu pratinho de ouro, beba do seu copinho e durma na sua caminha, se me prometer tudo isto, mergulharei na fonte e trarei de volta sua bola de ouro.”

“Ah, sim”, disse ela. “Darei tudo o que quiser, desde que traga aquela bola de volta para mim,” Enquanto isso, porém, não parava de pensar: “que disparate esse sapo estúpido está dizendo! Lá está ele na água, coachando sem parar com todos os outros sapos. Como poderia alguém querê-lo como companheiro?”

Uma vez que a princesa lhe deu sua palavra, o sapo enfiou a cabeça na água e afundou na fonte. Passado algum tempo, apareceu de volta chapinhando com a bola na boca e atirou-a no capim. Quando a princesa viu o lindo brinquedo na sua frente, ficou radiante. Pegou-o e saiu

correndo com ele. “Espere por mim”, gritou o sapo. “Leve-me com você. Não consigo correr assim.”

Coachou o mais alto que pode, mas não adiantou nada. Sem lhe dar a menor atenção, a princesa correu para casa o mais rápido que suas pernas permitiam, e bem depressa se esqueceu do pobre sapo, que teve de voltar rastejando para a fonte.

No dia seguinte, a princesa sentou-se para jantar com o rei e alguns cortesãos. Estava entretida, comendo em seu pratinho de ouro, quando ouviu alguma coisa se arrastando pela escada de mármore acima, ploc, plac, ploc, plac. Ao chegar no alto da escada, a coisabateu à porta e chamou: “princesa, princesa caçula, deixe-me entrar!”

A princesa correu até a porta para ver quem estava ali. Ao abrir, viu o sapo bem na sua frente. Apavorada, bateu a porta com toda força e voltou à mesa. O rei, percebendo que o coração dela batia forte, disse: “do que está com medo, minha filha! Será que está aí à porta alguma espécie de gigante que veio pegá-la?”

“Oh, não”, ela respondeu. “Não era um gigante, mas um sapo repulsivo.” “O que quer um sapo contigo?”

“Oh, querido pai, ontem quando eu estava brincando junto à fonte minha bolinhade ouro caiu na água. Chorei tanto que o sapo foi busca-la para mim. E, como ele insistiu, prometi que poderia se tornar meu companheiro. Nunca pensei que ele seria capaz de sair da água. Agora está aí fora e quer entrar para ficar comigo.”

Naquele instante ouviu-se uma segunda batida à porta, e uma voz gritou: “princesa, princesinha, deixe-me entrar. Acaso esqueceu o que lá, junto à fonte fria, chegou a jurar? Princesa, princesinha, deixe-me entrar.”

O rei declarou: “se fez uma promessa, então, tem de cumpri-la. Vá e deixe-o entrar.”

A princesa foi abrir a porta. O sapo pulou para dentro da sala e seguiu-a até que ela chegou à sua cadeira. Então ele exclamou: “Erga-me e ponha-me do seu lado”.

A princesa hesitou, mas o rei ordenou que obedecesse. Uma vez sobre a cadeira, o sapo quis ficar sobre a mesa, e uma vez que estava lá, disse: “empurre seu pratinho de ouro para mais perto de mim para poder-mos comer juntos”.

A princesa fez o que ele mandou, mas era obvio que não estava feliz com aquilo. O sapo tinha adorado a refeição, mas ela engasgou a quase cada garfada. Finalmente o sapo disse: “já comi bastante e estou cansado. Leve-me para seu quarto e dobre a colchade seda em sua caminha.”

A princesa começou a chorar, com medo do sapo viscoso. Não ousava tocá-lo, e agora ele ia dormir em sua cama bonita e limpa. O rei se zangou e disse: “Não deve riasdenhar alguém

que a ajudou quando estava em dificuldade. ”

A princesa apanhou o sapo com dois dedos, carregou-o até o seu quarto e o pôs num canto. Quando ia se deitar, ele veio se arrastando e disse: “estou cansado e quero dormir, tanto quanto você. Erga-me e ponha-me na sua cama, senão vou contar para seu pai.”

Exasperada com aquilo, a princesa pegou o sapo e o atirou com toda a força contra a parede. “Descanse agora, sapo asqueroso!”

Quando o sapo caiu no chão, não era mais um sapo, mas um príncipe com olhos bonitos e brilhantes. Por ordem do pai da princesa, tornou-se o querido companheiro e marido dela. Contou-lhe que uma bruxa malvada lançara um feitiço sobre ele e que somente a princesa poderia libertá-lo. Planejaram partir no dia seguinte para o reino dele. Os dois adormeceram e, de manhã, depois que o sol os despertou, chegou uma carruagem. Era puxada por oito cavalos brancos com arreios dourados e penachos de avestruz branco na cabeça. Atrás da carruagem tinha o Fiel Henrique, o servo do jovem rei.

O Fiel Henrique ficara tão entristecido com a transformação do seu senhor em sapo que lhe tinham posto três arcos em volta do peito para impedir que seu coração arrebentasse de dor e sofrimento. Agora a carruagem chegara para levar o jovem rei de volta ao seu reino, e o Fiel Henrique ergueu os dois, ajudando-os a entrar na carruagem, e tomou seu lugar na traseira. Estava eufórico com a quebra do feitiço. Depois de percorrerem uma boa distância, o príncipe ouviu um estalo atrás de si, como se alguma coisa tivesse quebrado. Virou-se para trás e exclamou:

“Henrique a carruagem está desabando! ”

Não, meu senhor, não é a carruagem. É um arco cá no meu peito arrebentando, retesado que foi pelo meu sofrimento quando na fonte vi o senhor a chapinhar, tão belo príncipe como um sapo a coachar!”

Duas outras vezes o príncipe ouviu o estalo, e achou que a carruagem estava se desmantelando. Mas era só o barulho dos arcos em volta do peito do Fiel Henrique a se romper, porque seu senhor fora libertado e ele estava feliz.